

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS  
GERAIS FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

JULIANO GUSTAVO VIEIRA STRABELI

**A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS  
NOS CONTEXTOS RELIGIOSO E EDUCACIONAL**

BELO HORIZONTE

2024

JULIANO GUSTAVO VIEIRA STRABELI

**A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS  
NOS CONTEXTOS RELIGIOSO E EDUCACIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística aplicada

Linha de pesquisa: 3B – Estudos da tradução

Orientador: Prof. Dr. Igor A. Lourenço da Silva

BELO HORIZONTE/MG

2024

S894a

Strabeli, Juliano Gustavo Vieira.

A atuação do intérprete de Libras nos contextos religioso e educacional [manuscrito] / Juliano Gustavo Vieira Strabeli. – 2024.  
1 recurso online (146 f.: il., tab., graf., color., p&b.) : pdf.

Orientador: Igor A. Lourenço da Silva.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 132-145.

Anexos: f. 146.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2. Língua brasileira de sinais – Estudo e ensino – Teses. 3. Tradutores – Formação – Teses. I. Silva, Igor Antônio Lourenço da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**A atuação do intérprete de Libras nos contextos religioso e educacional**

**JULIANO GUSTAVO VIEIRA STRABELI**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 23 de agosto de 2024, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Igor Antonio Lourenco da Silva - Orientador

UFU

Prof(a). Marileide Dias Esqueda

UFU

Prof(a). Flávia Medeiros Álvaro Machado

UFES

Belo Horizonte, 23 de agosto de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Igor Antônio Lourenço da Silva, Usuário Externo**, em 22/10/2024, às 10:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marileide Dias Esqueda, Usuário Externo**, em 23/10/2024, às 19:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Medeiros Álvaro Machado, Usuária Externa**, em 21/11/2024, às 17:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3663520** e o código CRC **E2BBAE34**.

*À Patrícia Maria da Silva Strabeli,  
minha esposa.*

*À Laura e à Maria de Fátima,  
nossas filhas.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer a quem?

Acima de tudo, com um coração cheio de gratidão e reverência sou grato ao Soberano Senhor Jeová Deus (Salmos 83:18, *Tradução do Novo Mundo*). Reconheço como sendo possível somente pela Tua orientação e bênçãos. Durante toda a jornada, desde os primeiros passos da pesquisa até a finalização deste trabalho, senti a Tua presença constante, guiando-me e sustentando-me. As dificuldades e desafios que enfrentei foram aliviados pela Tua força e pela confiança que depositaste em mim. Em cada momento de dúvida, a Tua paz e a Tua sabedoria foram luzes que iluminaram o meu caminho (Provérbios 3:5, 6, *Tradução do Novo Mundo*). Sou grato por cada oportunidade que me concedeste para aprender e crescer, e por todas as pessoas que cruzaram o meu caminho e que foram instrumentos do Teu amor. Reconheço que sem a Tua ajuda, nada disso teria sido possível. Que eu possa continuar a usar os dons e talentos que me confiaste para lhe servir e glorificar Teu nome (Eclesiastes 12:1-5, *Tradução do Novo Mundo*).

É com alegria imensa que exponho meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, Prof. Dr. Igor A. Lourenço da Silva, por todo o apoio, orientação e dedicação que me proporcionou ao longo da jornada do meu mestrado. A sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa. Sua paciência e seu conhecimento foram essenciais para que eu pudesse superar os desafios que surgiram durante o processo. A cada reunião, seus conselhos e sugestões não apenas enriqueceram meu trabalho, mas também me incentivaram a crescer como pesquisador e como profissional. Sua postura ética e comprometida foi um exemplo que levarei comigo em minha carreira.

Aos membros da Banca de Qualificação e Defesa: à Profa. Dra. Flávia Medeiros Álvaro Machado por suas contribuições, pelo enriquecimento significativo que forneceu e continua compartilhando por meio de seus trabalhos; à Profa. Dra. Marileide Dias Esqueda, que nos deu a honra de compor a Banca e contribuir significativamente com sua experiência à minha formação; e à Profa. Dra. Norma Barbosa de Lima Fonseca, a quem expressei minha sincera gratidão por ter aceitado o convite para compor a Banca – sua prontidão em participar, ainda que nos bastidores, foi de extrema importância para mim, e sei que sua experiência e conhecimento teriam sido valiosos para este trabalho.

À Comunidade Surda o meu mais profundo reconhecimento e respeito, por me inspirar e tornar possível a realização deste trabalho. A dissertação não seria possível sem a rica cultura, o conhecimento e a experiência compartilhados por essa comunidade. Ao longo desta jornada acadêmica, fui constantemente lembrado da resiliência, da força e da vitalidade que marcam a Comunidade Surda. Cada interação, cada troca de experiência, me proporcionou *insights* valiosos e reforçou meu compromisso com a valorização e a inclusão das pessoas surdas em todas as esferas da sociedade. Espero que os resultados desta pesquisa possam, de alguma forma, contribuir para o fortalecimento dos direitos e da visibilidade da Comunidade Surda, especialmente no que diz respeito à atuação dos intérpretes de Libras.

É de suma importância aqui expor alguns nomes que participaram, me auxiliaram e/ou me orientaram direta ou indiretamente ao longo desta trajetória. Aos meus pares/amigos que me subsidiaram linguística, literária, pedagógica e moralmente, os professores intérpretes: Camila Lopes de Souza, Gabriele Garcia, Josiane Figueiredo Bastos, Leandro Cirino da Silva e Reginaldo Silva. Tudo isso não teria sido possível sem a generosidade e o comprometimento de cada um de vocês. Seus relatos, reflexões e contribuições foram essenciais para que eu pudesse compreender mais profundamente as nuances do trabalho de um intérprete de Libras, especialmente nos contextos religioso e educacional. A dedicação que vocês demonstram diariamente, ao garantirem que a comunicação e a inclusão sejam realidades palpáveis para a Comunidade Surda, é admirável. Que este trabalho possa servir como uma ferramenta para fortalecer a profissão e melhorar as condições de trabalho para todos os intérpretes de Libras. Deixo aqui meus sinceros agradecimentos e o meu respeito por todos vocês.

Ao longo desta jornada acadêmica, enfrentei muitos desafios, mas nenhum deles foi maior do que os medos que surgiram pelo caminho. Cada página em branco, cada ideia que parecia não se materializar alimentava a insegurança de não conseguir produzir um trabalho à altura do que se esperava de mim. Houve momentos em que o medo da crítica me paralisou. O medo do fracasso foi um companheiro constante, especialmente quando os desafios pareciam se multiplicar. A pressão de entregar um trabalho consistente, somada à responsabilidade de representar adequadamente as vozes e experiências da Comunidade Surda, muitas vezes me fez hesitar. No entanto, ao confrontar esses medos, encontrei força e resiliência. Cada dúvida superada, cada passo dado adiante, mesmo com o coração pesado, me mostrou que o medo, apesar de intenso, pode ser um combustível para o crescimento. E, ao final desta jornada, posso olhar para trás e reconhecer que meus medos não me impediram de seguir em frente.

Agradeço ao professor Me. Reginaldo Aparecido Silva, meu amigo, a quem me dirijo com o coração cheio de gratidão estas palavras. Ao longo da minha trajetória acadêmica, seu apoio e exemplo foram fundamentais, e hoje reconheço que tenho uma eterna dívida de gratidão. Suas lições transcenderam limites, distâncias e me acompanharam em cada passo desta caminhada. Você, meu amigo, não foi apenas um professor, mas um mentor, um guia que soube me mostrar o caminho quando eu mais precisei. Sua paciência, sua sabedoria e seu compromisso com a educação deixaram marcas indeléveis em minha formação.

Agradeço muitíssimo à minha família de verdadeiros amigos. Ao meu amigo, primo e irmão Cassiano Reis “Cássio”, pela disposição em proferir um discurso bíblico em prol da realização desta pesquisa. Obrigado por me lembrar constantemente do valor da amizade verdadeira.

Agradeço à minha amada família, minha querida esposa Patrícia e nossas preciosas filhas Laura e Maria de Fátima. Este trabalho não teria sido possível sem o amor, o apoio e a compreensão incondicionais que vocês sempre me ofereceram. Em cada etapa dessa jornada, vocês foram meu alicerce, sempre prontas para me apoiar, ouvir e incentivar. Quando os desafios pareciam insuperáveis e a estrada parecia longa e árdua, vocês foram a fonte constante de força e motivação. Aos meus pais, “dona” Marlene e sr. Joaquim Strabeli Filho e minha irmã Renata, a quem devo tudo o que sou. Vocês me ensinaram o valor do esforço, da honestidade e da perseverança. O encorajamento de vocês foi crucial para que eu pudesse superar os momentos difíceis e continuar em frente. Ao meu querido amigo de quatro patas, Baru – quando tantas vezes o trabalho pareceu pesado, tornou-se mais leve porque eu sabia que, ao terminar mais um dia, você estaria lá, abanando o rabo e me recebendo com a alegria de sempre. **AMO VOCÊS!** Este trabalho é uma homenagem a vocês, que são meu porto seguro e minha maior motivação. Este momento é nosso, e eu compartilho cada conquista com vocês, com o coração cheio de amor e gratidão.

Expresso minha profunda gratidão a você que lê esta dissertação, por dedicar seu tempo e atenção a este trabalho. Este trabalho representa não apenas um esforço acadêmico, mas também um compromisso com a compreensão e valorização do papel crucial dos intérpretes de Libras em nossa sociedade. Cada capítulo aqui apresentado é fruto de muitas horas de pesquisa, reflexão e dedicação, com o objetivo de contribuir para o avanço do conhecimento nesta área tão relevante. Saber que este trabalho chegou até você e que poderá, de alguma forma, ser útil ou inspirador é motivo de grande satisfação. Espero que as ideias aqui desenvolvidas possam agregar valor ao seu próprio percurso acadêmico e profissional e

que despertem reflexões sobre a importância do intérprete de Libras em contextos religioso e educacional.

À Coordenação e aos membros do Programa Poslin, pelo suporte e recursos oferecidos, e à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que foi um pilar fundamental no meu desenvolvimento intelectual e pessoal. Aos professores que foram essenciais para o sucesso desta pesquisa agradeço o acesso a recursos acadêmicos e bibliográficos, que foram cruciais para a realização deste trabalho. Com este trabalho, espero poder contribuir para o prestígio e a missão desta instituição, refletindo o compromisso com a pesquisa e a excelência que a UFMG representa.

*Embora qualquer falante bilíngue possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngue possui competência tradutória. A competência tradutória é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores.*  
(HURTADO, 2005, p. 19).

## RESUMO

Esta dissertação volta-se à atuação do intérprete de Libras nos âmbitos religioso (de onde surgiram muitos dos profissionais) e educacional (onde existe atualmente uma das maiores demandas públicas). Objetiva-se caracterizar, por meio de um estudo exploratório, o desempenho de quatro intérpretes em duas sessões longas de interpretação: uma no contexto religioso, no qual têm maior conhecimento de domínio; e outra no contexto educacional, no domínio da saúde, no qual não têm conhecimento de domínio. Parte-se da suposição de que o desempenho do intérprete decai com o tempo e de que o tempo até esse decaimento do desempenho é influenciado pelo conhecimento de domínio (*i.e.*, mantém-se a qualidade por mais tempo quando se tem conhecimento de domínio). Considerando como variáveis as estratégias adotadas pelos participantes e as (in)adequações de sua produção nas duas sessões e ao longo do tempo, observou-se que o desempenho foi mais adequado na sessão referente ao contexto religioso do que naquela referente ao contexto educacional e que o desempenho decaiu ao longo do tempo, sendo esse decaimento mais rápido na sessão referente ao contexto educacional. Esse resultado pode contribuir para diretrizes que melhorem as condições de trabalho e a qualidade da atuação dos intérpretes de Libras. Destaca-se a relevância social e acadêmica do estudo, que busca fortalecer a compreensão do papel dos intérpretes de Libras e promover a valorização de sua prática profissional, especialmente em contextos críticos de atuação.

Palavras-chave: interpretação; desempenho; tempo; revezamento; estratégias.

## ABSTRACT

This MA thesis focuses on the work of Brazilian Sign Language (Libras) interpreters in the religious context (where many professionals emerged) and educational context (where there is currently one of the greatest public demands). The objective is to characterize, through an exploratory study, the performance of four interpreters in two long interpreting sessions: one in the religious context, where they have greater domain knowledge, and another in the educational context (more specifically, in the health domain), where they do not have domain knowledge. It assumes that the interpreters' performances will decline over time and that the timespan for this performance decline is influenced by domain knowledge (i.e., quality is sustained for a longer period when the interpreter has domain knowledge of the source speech). Considering as variables the strategies adopted by the participants and the (in)adequacies of their productions in the two sessions and over time, it was observed that the performance was more adequate in the session related to the religious context than in the one related to the educational context and that the performance declined over time, with this decline being faster in the educational context. This result may contribute to guidelines that improve the working conditions and quality of the work of Libras interpreters. This study stands out for its social and academic relevance, as it seeks to strengthen the understanding of the role of Libras interpreters and improve the value ascribed to their professional practice, especially in critical contexts.

Keywords: interpreting; performance; time; turn taking; strategies.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estratégias e táticas de interpretação (Inglês-Português / Português-Libras) .....	26
Gráfico 2 – Estratégias do Participante 1 (Pp1) no contexto religioso (A) .....	79
Gráfico 3 – Estratégias do Participante 1 (Pp1) no contexto educacional (B) .....	86
' – Estratégias do Participante 2 (Pp2) no contexto religioso (A) .....	933
Gráfico 5 – Estratégias do Participante 2 (Pp2) no contexto educacional (B) .....	99
Gráfico 6 – Estratégias do Participante 3 (Pp3) no contexto religioso (A) .....	104
Gráfico 7 – Estratégias do Participante 3 (Pp3) no contexto educacional (B) .....	1122
Gráfico 8 – Estratégias do Participante 4 (Pp4) no contexto religioso (A) .....	1188
Gráfico 9 – Estratégias do Participante 4 (Pp4) no contexto educacional (B) .....	1211
Gráfico 10 – Total de estratégias nas sessões “A” e “B” .....	128

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Estratégias de Interpretação para Solução de Problemas Linguísticos .....	25
Quadro 2 – Características e Considerações sobre a Interpretação Simultânea .....	44
Quadro 3 – Componentes-chave para o modelo de interpretação simultânea .....	50
Quadro 4 – Diferenças entre línguas orais e de sinais .....	533
Quadro 5 – Modelo IDRC ( <i>Interprétation-Décisions-Ressources-Contraintes</i> ) .....	577
Quadro 6 – Núcleo de significação e seus indicadores .....	68
Quadro 7 – Resultados da atuação do Participante 1 (A) .....	76
Quadro 8 – Resultados da atuação do Participante 1 (B) .....	82
Quadro 9 – Resultados da atuação do Participante 2 (A) .....	900
Quadro 10 – Resultados da atuação do Participante 2 (B) .....	955
Quadro 11 – Resultados da atuação da Participante 3 (A) .....	1011
Quadro 12 – Resultados da atuação da Participante 3 (B) .....	108
Quadro 13 – Resultados da atuação da Participante 4 (A) .....	115
Quadro 14 – Resultados da atuação da Participante 4 (B) .....	1199
Tabela 1 – Perfil dos participantes da pesquisa (Pp) .....	65
Tabela 2 – Estratégias adotadas pelos participantes .....	127

## LISTA DE ABREVIATURAS

CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CL	Classificadores
ESTAL	Estratégias e Táticas Linguísticas
FEBRAPILS	Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IDRC	<i>Interprétation-Décisions-Ressources-Contraintes</i>
IFSULDEMINAS	Instituto Federal do Sul de Minas
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LA	Língua-alvo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LF	Língua-fonte
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
MA	Mensagem-Alvo
MF	Mensagem-Fonte
ONU	Organização das Nações Unidas
POSLIN	Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos
Pp1; Pp2; Pp3; Pp4	Participante 1; 2; 3; 4
TILS	Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais
TILSP	Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais/Língua Portuguesa
TIT	Teoria Interpretativa da Tradução
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
Unifal	Universidade Federal de Alfenas

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	17
1 REFERENCIAL TEÓRICO .....	19
1.1 Interpretação simultânea: aspectos cognitivos e revezamento .....	199
1.2 Estratégias e táticas de interpretação .....	244
1.3 Formação continuada <i>in loco</i> .....	26
1.4 Questões de expertise/conhecimento .....	28
2 CONTEXTO DA LIBRAS E O PROFISSIONAL INTÉRPRETE .....	311
2.1 Conceitos .....	322
2.2 O papel do tradutor e intérprete de língua de sinais .....	344
2.3 Construção política do TILSP .....	37
2.4 Ênfase da vulnerabilidade/necessidade de revezamento .....	388
2.4.1 Fatores estressantes durante o ato interpretativo .....	41
2.4.2 Esgotamento do profissional durante o ato interpretativo simultâneo .....	43
2.4.3 O papel do TILSP no âmbito educacional .....	45
2.4.4 Atitudes do profissional no contexto religioso .....	47
2.5 Modelo dos esforços para a interpretação simultânea .....	499
2.6 Lexicologia e terminologia .....	599
3 METODOLOGIA .....	633
3.1 Delineamento da pesquisa .....	633
3.2 Participantes da pesquisa .....	64
3.3 Local da pesquisa .....	655
3.4 Instrumentos para a produção dos dados informativos .....	66
4 ANÁLISES DOS DADOS .....	69
4.1 NÚCLEO 1 – Relações e Formação dos intérpretes: conteúdo e experiências .....	69
4.2 NÚCLEO 2 – Expertise e Estratégias nos campos de atuação .....	755
4.3 Síntese dos resultados .....	1255
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	1299
REFERÊNCIAS .....	135
APÊNDICE A: FORMULÁRIO DAS ENTREVISTAS .....	149

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que a atuação do tradutor e intérprete de Língua de Sinais (TILSP) trouxe diversos avanços significativos para a educação de Surdos<sup>1</sup>, a qual sempre foi marcada pela exclusão, discriminação e opressão. Estudos mostram que somente após o reconhecimento da Libras como língua oficial das comunidades surdas do Brasil, em 2002, o TILSP – outrora atuante predominantemente no contexto religioso – ganhou maior espaço e notoriedade, o que impulsionou sua profissionalização (Andrade, 2019).

No contexto educacional, a presença do TILSP resulta de uma política inclusiva fundamentada na filosofia bilíngue. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (Brasil, 1996), alterada pela Lei nº 14.191 (Brasil, 2021), torna obrigatório o atendimento educacional especializado bilíngue desde o ano zero. Por sua vez, a Lei nº 13.146/2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), em seu art. 28, XI, estabelece que compete ao Poder Público a formação e disponibilização de tradutores e intérpretes da Libras para atendimento educacional especializado (Brasil, 2015).

Nesse contexto, esta dissertação volta-se à atuação do intérprete de Libras nos âmbitos religioso (de onde surgiram muitos dos profissionais) e educacional (onde existe atualmente uma das maiores demandas públicas). Mais especificamente, objetiva-se caracterizar, por meio de um estudo exploratório, o desempenho desses intérpretes em duas sessões longas de interpretação: uma no contexto religioso, no qual têm maior conhecimento de domínio; e outra no contexto educacional, numa área em que não têm conhecimento de domínio. Parte-se da premissa de que o desempenho do intérprete decai com o tempo, havendo, segundo diretrizes, a recomendação de que não ultrapasse 20 a 30 minutos (Dueñas González; Vásquez; Mikkelson, 1991; Seeber, 2015). Ao mesmo tempo, com base em Da Silva (2007), aventa-se a hipótese de que o tempo até esse decaimento do desempenho é influenciado pelo conhecimento de domínio (*i.e.*, mantém-se a qualidade por mais tempo quando se tem conhecimento de domínio).

Esta dissertação surge das vivências, experiências e inquietações decorrentes da experiência do mestrando em cursos superiores, na condição de tradutor e intérprete educacional. Nesse contexto, são recorrentes atuações em sala de aula envolvendo conteúdos para os quais o intérprete não dispõe de conhecimento de domínio e, tampouco, de tempo

---

<sup>1</sup> O uso da grafia em “S” maiúsculo, refere-se à “pessoa que luta pelos seus direitos políticos, linguísticos e culturais, ou seja, que faz parte da Comunidade Surda [...] engloba uma categoria de alteridade, que envolve a mulher/o homem surda/o em suas diferentes peculiaridades: etária, de raça, de classe, religiosa, de posição geográfica, etc.” (Silva, 2019, p. 70 – nota).

relevante de preparação prévia, o que, supõe-se, aumenta sua saturação cognitiva (Gile, 1999, 2020) e leva a um decaimento mais rápido do seu desempenho interpretativo. Em contrapartida, acredita-se que, no contexto religioso, para o qual esse profissional geralmente dispõe de conhecimento de domínio, a saturação cognitiva tem menor incidência ao longo do processo e é possível manter o desempenho por um período mais longo. Trata-se, portanto, de suposições de base empírica que fornecem a justificativa para esta pesquisa, a qual pode, socialmente, ter impacto no estabelecimento de diretrizes para a atuação dos TILSP no que tange ao revezamento. Além disso, em termos acadêmicos, esta pesquisa pode contribuir para a literatura sobre interpretação de línguas de sinais e sobre o impacto do conhecimento de domínio na realização das tarefas.

O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, caracterizar, por meio de um estudo exploratório, o desempenho do intérprete de Português-Libras ao longo do tempo de execução de duas sessões longas de interpretação simultânea. Para tal, considerando a aplicação de duas tarefas – uma sessão de interpretação religiosa e uma sessão de interpretação educacional – junto a quatro intérpretes, delinear-se os objetivos específicos: (i) identificar as estratégias utilizadas pelo intérprete ao longo da tarefa, com a hipótese de que haverá mais omissões com o avançar de ambas as tarefas e sobretudo na tarefa de interpretação educacional; e (ii) identificar os prováveis desvios, incoerências e/ou escolhas não tão bem empregadas realizadas pelo intérprete ao longo da tarefa, pressupondo que haverá mais falhas/problemas com o avançar de ambas e sobretudo na tarefa de interpretação educacional.

Esta dissertação constitui-se de cinco capítulos, incluindo esta Introdução. No primeiro capítulo, consta o referencial teórico do trabalho. No segundo, contextualiza-se a prática profissional do intérprete de Libras. No terceiro, aborda-se a metodologia, tanto de coleta quanto de análise dos dados. No quarto, apresenta-se a análise dos dados. No quinto, dispõem-se as considerações finais. Por fim, listam-se as referências utilizadas e disponibiliza-se o apêndice desta pesquisa.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo está dividido em quatro seções. Na seção 1, trata-se da interpretação simultânea, com enfoque em aspectos cognitivos e na questão do revezamento. Na seção 2, abordam-se as estratégias de interpretação. Na seção 3, apontam-se questões de formação e competência. Por fim, na seção 4, discorre-se sobre conhecimento de domínio e expertise.

### 1.1 Interpretação simultânea: aspectos cognitivos e revezamento

A interpretação pode ser classificada em modalidades considerando: (i) o lapso temporal entre a fala original e a fala do intérprete; (ii) o volume de informações da língua-fonte (LF) proferidas antes da fala do intérprete; (iii) os recursos tecnológicos utilizados, se algum; e (iv) o posicionamento físico do intérprete (Pagura, 2003). Uma dessas modalidades é a interpretação simultânea, pela qual o intérprete ouve a MF enquanto produz quase simultaneamente na língua-alvo (LA) o que foi expresso na língua-fonte (LF). Nesse processo, o intérprete ouve um segmento de fala (A), analisa e converte-o mentalmente para uma língua diferente, para, então, transmiti-lo nessa outra língua. Enquanto esse processo está em andamento, o intérprete já começa a ouvir e analisar um segundo (B) e até um terceiro (C) segmento de fala. Assim, é possível que o intérprete, em vários momentos, esteja ouvindo um segmento (C), analisando um segmento B e produzindo um segmento A. Trata-se, portanto, de um processo com grande demanda cognitiva (uso e reuso das memórias de curto e longo prazos), que envolve cerca de 120 a 180 palavras por minuto (Marques, 2020) além de uma demanda polissêmica quantitativamente extensa de sentidos (Silva, 2006).

A interpretação não é “simultânea” em sentido estrito: o intérprete utiliza-se de um lapso de tempo, geralmente de até 7 a 8 segundos, para iniciar a produção de um enunciado correspondente à mensagem original do orador, o que é conhecido como “*décalage*”, “*head start*” ou “*ear-voice span*”<sup>2</sup> (Gile, 1999)<sup>3</sup>. Ao reduzir a *décalage*, falando mais contemporaneamente com o locutor e sobrecarregando menos a memória, o intérprete corre o risco de não ouvir o enunciado para compreender corretamente o seu significado. Em contrapartida, ao estender a *décalage* para obter uma visão geral melhor do discurso, o

<sup>2</sup> É considerado um indicador de processos cognitivos em interpretação simultânea (Collard; Defrancq, 2023).

<sup>3</sup> “Espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão” (Pagura, 2003, p. 211).

intérprete corre o risco de sobrecarregar a memória e se perder na tarefa (Gile, 1999).

De acordo com Souza (2010) e Parente (2016), a interpretação tem como seu objeto de trabalho os textos orais. Dessa forma, possui como característica principal a rapidez com que textos são vertidos para a LA, quase que simultaneamente ao ato de fala. Nessa modalidade, o tempo atua como fator crucial, delimitando radicalmente a possibilidade de quaisquer consultas que possibilitam escolhas lexicais e sintáticas para a criação de uma mensagem mais madura na LA. Esse tipo de trabalho é marcado, geralmente, pela sua instantaneidade e evanescência, já que interpretações são utilizadas basicamente num contexto comunicativo imediato, sem que a interpretação produzida seja necessariamente afixada através da escrita ou vídeo.

Em se tratando das línguas de sinais, Stone (2009) afirma que, “enquanto a tradução e a interpretação estão preocupadas com a versão de uma língua em outra, existem diferenças entre elas, devido à forma e ao limite de tempo”. Pautando-se em Frishberg (1990), Stone (2009) concebe que a tradução se refere a textos escritos e a interpretação, a uma transmissão “ao vivo e imediata” de discurso, seja falado ou sinalizado.

Considerando-se apenas a interpretação, há, segundo Gile (1995, p. 12) e Pagura (2003, p. 211), seis modos de interpretação:

- (i) simultânea: realizada com ou sem o auxílio de equipamento, permite que a fala do orador e a interpretação se encerrem praticamente ao mesmo tempo;
- (ii) consecutiva: realizada sem o auxílio de equipamentos, reflete diretamente na duração do evento;
- (iii) sussurrada: realizada ao pé-de-ouvido do receptor, em voz baixa, para um ou dois ouvintes; também conhecida por *whispering* ou *chuchotage*;
- (iv) intermitente: realizada após o intérprete escutar um ou poucos períodos do discurso do orador; também chamada de interpretação *sentence-by-sentence* ou *ping-pong*; trata-se de modalidade mais dinâmica, que permite maior interação entre o orador e o público-alvo de sua fala; é empregada em *conference calls*, reuniões ou treinamentos com público reduzido;
- (v) à prima vista: consiste em, basicamente, passar um texto escrito de uma LF para um discurso falado em uma LA; e
- (vi) em língua de sinais: forma de comunicação e expressão que faz uso de um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria.

No entanto, em consonância com Lemos (2012), a interpretação em língua de sinais

(LS) não pode se configurar como uma modalidade específica de interpretação, pois, se assim o fosse, cada par linguístico de trabalho (português-inglês, alemão-italiano etc.) deveria ser considerado uma nova modalidade de interpretação, o que não é verdadeiro. Aliás, o fato de os intérpretes de língua de sinais formalmente instruídos trabalharem, tipicamente, ainda que não exclusivamente, no modo simultâneo, e o fato de os intérpretes comunitários de língua oral também usarem esse modo (*e.g.*, em testemunhos de peritos em tribunais ou em prescrições terapêuticas) fazem da modalidade simultânea em língua de sinais uma questão significativamente compartilhada com a interpretação de conferência envolvendo apenas línguas orais (Pöchhacker; Queiroz, 2010).

Pöchhacker (2004) destaca alguns autores que têm sido fundamentais para pensarmos as bases do desenvolvimento dos Estudos da Interpretação (EI), como Danica Seleskovitch, notória pela Teoria Interpretativa da Tradução, e Daniel Gile, notório pelo Modelo dos Esforços e pela Hipótese da Corda Bamba.

No que toca à Teoria Interpretativa da Tradução (TIT), desenvolvida por Seleskovitch na década de 1960, um ponto importante é o fato de ela não se preocupar com a “busca de equivalências linguísticas”, mas sim com o “sentido”, com a situação comunicativa, “o querer dizer do autor” (Gile *et al.*, 2014, p. 17, minha tradução).<sup>4</sup> Para isso, é preciso que “o intérprete tenha uma boa bagagem cognitiva [...] que englobe o conjunto de seus conhecimentos linguísticos e extralinguísticos sobre o sujeito, seu conhecimento de mundo e sua compreensão do contexto no qual ele intervém<sup>5</sup>” (Gile *et al.*, 2014, p. 17, minha tradução). Ou seja, o intérprete precisa ter domínio das línguas e das culturas fonte e alvo para realizar o trabalho, visto que ele exerce o papel de mediador.

No que tange ao Modelo dos Esforços, de Gile (1999), estão envolvidos, no desempenho do intérprete simultâneo de línguas orais, os seguintes esforços: (i) escuta e análise (compreensão); (ii) fala e produção; (iii) memória de curto prazo; e (iv) coordenação de (i), (ii) e (iii). A capacidade de processamento do intérprete depende da sua capacidade de coadunação desses esforços, o que, por sua vez, também depende de aspectos do segmento de fala, como velocidade da fala, nível informacional e nível de especialização. Por sua vez, a interpretação entre uma língua oral e uma língua de sinais suscita: (i) a alteração da expressão “esforço de audição e análise” para “esforço de recepção” para contemplar o

---

<sup>4</sup> “*search for linguistic equivalences; sense; the author's meaning.*”

<sup>5</sup> “*...the interpreter has a good cognitive background [...] that encompasses all of his linguistic and extralinguistic knowledge about the subject, his knowledge of the world and his understanding of the context in which he intervenes.*”

aspecto visual-espacial das línguas de sinais e (ii) o acréscimo do esforço de autogestão no espaço e esforço de interação com receptores surdos.

A premissa básica do modelo de Gile é a de que cabe ao intérprete, como numa corda bamba, equilibrar a capacidade total de todos os esforços a fim de evitar a saturação de um dos esforços e a conseqüente deterioração da qualidade da interpretação. Alguns fatores que auxiliam o intérprete a contornar ou evitar a saturação são um conhecimento geral abrangente e uma capacidade de inferir e antecipar o direcionamento da fala, capacidade essa relacionada às estratégias de interpretação (cf. seção 2.2).

Percebe-se uma sobrecarga cognitiva durante o ato de interpretação, em especial na simultânea, pois o intérprete não tem acesso a outras fontes de pesquisa para a obtenção de dados que poderiam auxiliá-lo (*e.g.*, dicionários e consultas a especialistas). Essa sobrecarga pode acarretar dificuldades na produção na LA. Essas dificuldades estão relacionadas ao que Gile (2009, p. 77, minha tradução) classifica como “limites de habilidades sociais, comunicativas, linguísticas e cognitivas do tradutor<sup>6</sup>”. Para ele, as restrições, em qualquer uma dessas áreas, afetarão a capacidade do intérprete, sobretudo em termos de bom uso da memória de curto prazo, para contornar problemas relativos à mediação linguístico-cultural.

Outras duas restrições discutidas por Gile (2009) são: a alta carga cognitiva a que o intérprete está exposto, como apresenta em seu “Modelo dos esforços”, e a submissão a determinadas normas expostas pelo cliente ou mesmo pelo tipo de discurso a ser traduzido, que pode conter traços estilísticos e culturais marcantes ou possuir caráter religioso ou mesmo jurídico. Isso impede o intérprete de produzir certas explicitações, sob o risco de comprometer a idoneidade da mensagem.

Em termos gerais, o intérprete está sujeito a restrições que podem interferir na produção do texto na LA. Quanto maiores forem seus conhecimentos linguísticos e extralinguísticos, mais chances o profissional terá de realizar o processo de desverbalização<sup>7</sup>, que permitirá à mensagem-alvo ter sentido como equivalente à mensagem-fonte.

Uma prática que pode colaborar para o alívio da sobrecarga cognitiva do intérprete é o trabalho em equipe. Um componente desse trabalho é o revezamento: a partir de determinado tempo de atuação, um colega de equipe substitui o intérprete e dá continuidade à atividade, alternando-se de tempos em tempos até o término da sessão. Outro componente é o apoio: enquanto um membro da equipe atua de fato, realizando a interpretação

---

<sup>6</sup> *Les limites des habilités sociales, communicatives, linguistiques et cognitives du Traducter.*

<sup>7</sup> Estudada por Seleskovitch, a desverbalização ocorre no momento em que o intérprete recebe as informações do texto na língua-fonte e precisa decodificá-las para recriar o sentido apreendido na produção do texto na língua-alvo (Seleskovitch, 1968).

simultânea, os demais mantêm-se atentos a qualquer expressão não compreendida – datas, nomes, siglas, entre outras questões – a fim de contribuir para a excelência do trabalho. Destaca-se, nesse sentido, o trabalho de Santos (2016, p. 13):

Nesse cenário, dependendo da quantidade de horas a serem trabalhadas, os intérpretes de línguas de sinais organizam-se em revezamento entre dois ou mais profissionais a cada vinte ou trinta minutos, buscando oferecer ao público a melhor interpretação possível. Enquanto um intérprete faz a interpretação da fala do palestrante, outro fica próximo ao seu campo de visão, em geral sentado na plateia, para dar apoio em relação a alguma palavra não compreendida ou fornecendo algum sinal específico, caso haja necessidade. Atuar sozinho dá-se apenas em situações em que o profissional se dispõe a trabalhar no máximo por uma hora. Se o tempo for superior, faz-se necessário o revezamento [...].

De acordo com Napier, McKee e Goswell (2006 *apud* Nogueira, 2016, p. 85), “estudos indicam que entre 20 e 25 minutos é o período adequado para a concentração do intérprete. Depois desse tempo, inicia-se um processo de fadiga que pode afetar a produção da mensagem”. De fato, o revezamento não se qualifica apenas como um conforto para o trabalho em equipe nem uma saída para o excesso de pessoal, como considerado pelo senso comum. Trata-se de um componente fundamental do processo de interpretação, tanto do ponto de vista fisiológico quanto do ponto de vista técnico e mental; afinal, as condições ergonômicas afetam diretamente o produto (Nogueira, 2016).

Percebe-se que atitudes individuais refletem no coletivo, haja vista que a falta de revezamento pode ser encarada como um padrão de atuação por aqueles que desconhecem o ofício dos tradutores e intérpretes de Libras-Português (no caso, os contratantes). Essa falta pode ser bem mais comum se considerarmos a realidade de cidades distantes das regiões metropolitanas, em que o quantitativo de profissionais é pequeno. Contudo, essa prática deve ser constantemente repensada (e evitada), devendo o crivo da atuação estar pautado na coletividade (Neto, 2021).

Insistindo no tópico do revezamento, há que se pensar no processo histórico de constituição da profissão. A legislação vigente, Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regulamenta o exercício da profissão, possibilitou não somente um novo quadro ante o mercado de trabalho, mas também respaldou os direitos angariados pelos TILSP junto às suas instituições de atuação. Apesar de o revezamento não constar de forma explícita da legislação supracitada, não é difícil inferir que deve ser respeitado com base nos seguintes excertos:

Art. 7º: O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à

cultura do surdo [...];

IV – pelas postura e conduta adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional (Brasil, 2010).

O rigor técnico pode ser interpretado não somente como competência e habilidade do profissional em transferir códigos linguísticos e equivalências de sentido entre uma e outra língua, mas também pelas boas práticas e pela observância ao que as pesquisas têm revelado sobre a atividade de interpretação, principalmente a simultânea, que requer revezamento. Portanto, é antagônico e anacrônico basear a atuação na individualidade, pois, além das possíveis consequências físicas e psicológicas no longo prazo, a qualidade do trabalho é inferior em comparação àquela de trabalhos em que há o revezamento (Diniz, 2020).

Devido à natureza da profissão, são inevitáveis a visibilidade e a evidência a ela atreladas. Essas condições intrínsecas devem ser mais um indicativo para o intérprete toda vez que se submeter a determinado trabalho, tendo em vista que, apesar de sua atuação estar direcionada a um público específico, diversos outros compartilham o mesmo espaço. Assim sendo, toda a oportunidade de atuação é um ensejo à construção contínua do pensamento de coletividade. Por mais que haja profissionais habilidosos e competentes na mediação linguística, os quais se destacam pela brilhante atuação, entende-se que, mais válido que a atenção dos holofotes, é o direcionamento das luzes ao que se pretende chamar de categoria profissional.

Em se considerando o rigor técnico, também se destaca a capacidade do intérprete de recorrer a estratégias e táticas de interpretação para lidar com a sobrecarga cognitiva durante o ato de interpretação até que ocorra o revezamento. Esse é o tópico da próxima seção.

## **1.2 Estratégias e táticas de interpretação**

Estratégias são procedimentos intencionais e planejados usados pelo intérprete para lidar com problemas de processamento cognitivo durante uma sessão de interpretação, sobretudo a simultânea (Morais; Da Silva, 2022; 2023). Em contrapartida, táticas são procedimentos não intencionais usados pelo intérprete com um fim imediato durante a execução da tarefa (Gile, 2009; Moraes; Da Silva, 2022; 2023). A seleção das estratégias ou táticas visa a: (i) maximizar a recuperação de informações; (ii) minimizar a interferência na recuperação de informações; (iii) maximizar o impacto da comunicação do discurso; (iv) minimizar o esforço; e (v) viabilizar a autoproteção (Gile, 1999).

Embora existam divergentes nomenclaturas e classificações, apontam-se, no Quadro

1, as estratégias que Barbosa (2020) denomina de “estratégias linguísticas de solução de problemas”.

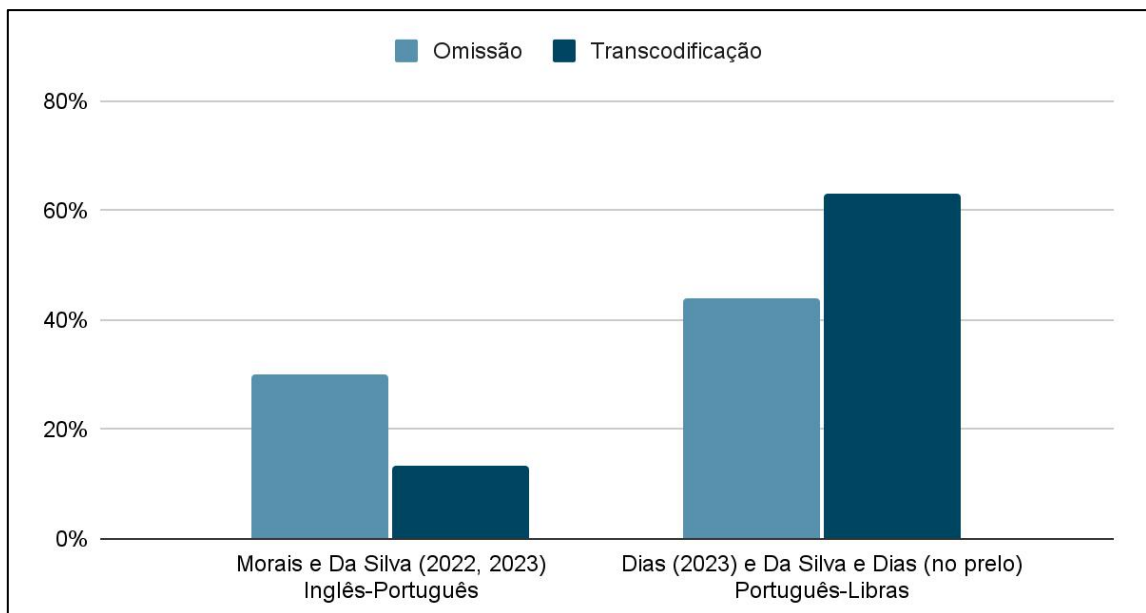
Quadro 1 – Estratégias de Interpretação para Solução de Problemas Linguísticos

Estratégias	Definições
1) Reconstrução	Restaurar elementos não ouvidos, não compreendidos ou esquecidos; realizar uma autocorreção após identificar um erro no discurso-alvo proferido.
2) Reestruturação	Alterar a sequência dos segmentos do discurso-fonte proferido no discurso-alvo proferido; modificar a construção sintática do discurso-fonte proferido ao proferir o discurso-alvo.
3) Aproximação	Expressar elementos do discurso-fonte proferido de forma mais genérica ou concisa; reduzir a complexidade do discurso-fonte proferido em termos lexicais ou estilísticos; substituir um elemento do discurso-fonte proferido por um sinônimo, um termo menos preciso ou um termo semanticamente relacionado.
4) Adição	Inserir no discurso-alvo proferido informações não proferidas pelo orador.
5) Omissão	Excluir conteúdo do discurso-fonte proferido ao proferir o discurso-alvo.
6) Repetição	Expressar novamente elementos já proferidos através da utilização de sinônimos ou elementos sinonímicos.
7) Paráfrase ou explicação	Explicar o significado de um elemento do discurso-fonte proferido (o que pode incluir neologismos).
8) Transcodificação	Interpretar o discurso-fonte proferido palavra por palavra.
9) Reformulação paralela	Expressar algo não proferido pelo orador, mas plausível no contexto; expressar um conceito que não existe na LA, podendo ser de ordem cultural, técnica ou linguística (sintaxe).
10) Reprodução	Utilizar, no discurso-alvo proferido, a palavra ou frase proferida na LF, o que inclui a datilologia.

Fonte: adaptado de Da Silva e Dias (2023, p. 100).

Morais e Da Silva (2022, 2023) identificaram que estudantes usaram mais táticas do que estratégias em uma sessão de interpretação inglês-português, atingindo a saturação cognitiva em várias ocasiões, sendo as mais comuns a omissão (30,9%) e a transcodificação (13,4%). Em um estudo envolvendo Português-Libras, Dias (2023) e Da Silva e Dias (2023) também identificaram o uso prevalente de omissões em tarefas de interpretação forense realizadas por dois participantes, registrando percentuais significativamente mais elevados (44% e 63%) para a tarefa envolvendo texto sobre o qual os participantes tinham pouco conhecimento de domínio.

Gráfico 1 – Estratégias e táticas de interpretação (Inglês-Português / Português-Libras)



Fonte: do autor, com base em Morais e Da Silva (2022, 2023); Dias (2023) e Da Silva e Dias (2023).

Essas omissões também foram acompanhadas por escolhas insatisfatórias e por estratégias e táticas de aproximação. Por sua vez, Barbosa (2020), em um estudo também envolvendo Português-Libras, identificou que as estratégias linguísticas de solução de problemas são usadas com frequência para lidar com dificuldades, mas, ao mesmo tempo que podem resolver problemas pontuais, também podem desencadear outros. O autor apontou que, para lidar com o *feedback* negativo dos receptores, o profissional é pressionado a recorrer à estratégia de reformulação<sup>8</sup>. Conforme apontam Morais e Da Silva (2023), o uso de estratégias, em vez de táticas, está relacionado ao nível de expertise do indivíduo. Para tratar dessa temática, a próxima seção aborda a formação do intérprete, enquanto a seção subsequente enfoca a expertise em interpretação e o conhecimento de domínio.

### 1.3 Formação continuada *in loco*

Conforme afirma Rodrigues (2010, p. 6), “considera-se que a formação é um aspecto essencial ao TILSP e precisa ser ao mesmo tempo ampla e profunda, ainda mais diante de uma crescente indústria da interpretação”. Isso vai ao encontro de Pires e Nobre (2001), segundo os quais, interpretar não é tarefa das mais fáceis, pois não se refere a um ato

<sup>8</sup> Expressar algo não proferido na mensagem-fonte, mas plausível no contexto; expressar um conceito que não existe na língua-alvo, podendo ser de ordem cultural, técnica ou linguística.

mecânico – não basta substituir palavras da língua “A” por equivalentes na língua “B”.

Algumas pesquisas que tratam da tradução e interpretação em Libras fazem referência a modelos de competência tradutória (ou seja, não específico para interpretação), os quais envolvem conhecimentos linguísticos, textuais, temáticos, culturais, documentais e de transferência. Hurtado-Albir (2005, p. 19) esclarece que, “embora qualquer falante bilíngue possua Competência Comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngue possui Competência Tradutória”. Portanto, a competência tradutória (que aqui pode ser entendida, por extensão, como competência em interpretação) é um requisito para qualquer um que queira atuar como tradutor e/ou intérprete.

Rodrigues (2018, p. 125-126) conceitua competência tradutória como um conhecimento especializado composto por diversos elementos que, de forma integrada e indissociável, modificariam, distinguiriam e individualizariam o tradutor ou intérprete de língua de sinais. Considerando que a competência tradutória é constituída por diferentes componentes, Rodrigues (2018) propõe que, no caso específico do intérprete de línguas de sinais e línguas orais, existiria o que ele denomina de “competência intermodal”, ou seja, a capacidade de transitar entre uma língua gestual-espacial e uma língua oral-auditiva. Daí a importância da vivência prática na formação do profissional. A falta de conhecimento de domínio por parte de alguns intérpretes destaca, de acordo com Isham (1998), o crescente afastamento dos novos intérpretes de Libras da convivência com a Comunidade Surda, fato que restringe o conhecimento da Libras a cursos, fazendo com que cada vez mais intérpretes usem uma forma sinalizada da língua oral, em detrimento da Libras efetivamente adotada pelos Surdos. Nesse sentido, faz-se essencial à formação destes a convivência real com a Comunidade Surda como campo de prática e consolidação do aprendizado.

Pesquisas empíricas também apontam a relevância do desenvolvimento de competências mediante formação específica. Um exemplo é Machado (2017, p.89-91), que investigou dois TILSP com graduação, mas com especializações distintas. Nessa pesquisa, ficou evidente o melhor desempenho do TILSP com especialização em tradução e interpretação. Com base nesse resultado, a autora afirma que a formação é relevante para o sucesso do desempenho profissional: não basta ter competência comunicativa de uma LF para uma LA para realizar uma tradução ou interpretação; é preciso desenvolver competências e habilidades específicas à atividade de interpretação ou tradução (Machado (2017). Indo além disso, Dias (2023) e Da Silva e Dias (2023) apontam que a especialização é fundamental para tarefas específicas, como a interpretação forense, que requer não apenas

formação em tradução e/ou interpretação, mas também formação no contexto jurídico (particularmente naquele dos tribunais).

Com a expansão de pesquisas na área, pode-se problematizar o que se tem encontrado nos depoimentos publicados em obras de referências, nacionais e internacionais, na área da surdez, especificamente quando se trata da mediação dialógica entre dois idiomas, o sinalizado e o oral, que deixam transparecer uma desconfiança sobre a capacidade dos profissionais intérpretes e apontam a necessidade de avaliação do seu trabalho. Para Sá (1999), persiste a necessidade de mais pesquisas sobre a “fidedignidade” nas atuações desses intérpretes, pois é fundamental que tenham competências e habilidades tradutórias para a mediação do idioma (neste caso, a língua de sinais). A autora defende a necessidade de formação para o intérprete de Libras para que atue com excelência na habilidade comunicacional, bem como para que desenvolva a competência tradutória e interpretativa (Sá, 1999).

Portanto, a formação e o desenvolvimento de competências têm sido reportados como essenciais para a qualidade da tradução e interpretação fornecida à Comunidade Surda. Parte dessa competência, considerando o modelo do Grupo de Pesquisa *Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y su Evaluación* – PACTE (2003), corresponde à subcompetência de conhecimentos sobre tradução (e/ou, no caso, interpretação) – a qual se volta para os conhecimentos declarativos da área, incluindo a legislação dos TILSP – e à subcompetência estratégica – a qual é eminentemente procedimental e considera os recursos necessários para a execução da tarefa e coadunação das outras competências, o que contribui para a compreensão da importância do revezamento e da maximização do seu uso.

De fato, muito se tem falado do tradutor e do intérprete de Libras-Português e de suas variadas funções, as quais se diferenciam de acordo com o contexto de atuação (Rodrigues, 2010; 2013). A diferenciação de funções e ações, de acordo com a variedade de contextos e situações em que a atividade é desenvolvida, leva à conclusão de que cada contexto exige uma competência profissional específica. No entanto, é sabido que muitos que assumem funções de TILSP não têm acesso à educação superior específica e, muitas vezes, sentem que sua capacidade de comunicação é inadequada para traduzir e/ou interpretar (Lacerda; Gurgel, 2011). A próxima seção abordará esse assunto sob uma perspectiva da expertise.

#### **1.4 Questões de expertise/conhecimento**

Uma noção relacionada, mas distinta de competência – que, segundo Alves e Da

Silva (2021), teria um valor mais pedagógico – é a noção de expertise, definida como desempenho consistentemente superior resultante de prática deliberada (Ericsson, 2000). Trata-se de um desempenho que depende da experiência, mas não equivale a ela nem é o seu resultado necessário. Mais do que experiência, é necessário que haja a prática deliberada, ou seja, o engajamento em atividades de treinamento especialmente projetadas e com direito a *feedback* informativo.

A expertise também pode ser definida sob uma perspectiva sociológica. Uma dessas perspectivas contempla o que se chama de “expertise por contribuição” e “expertise por interação”, a qual considera o papel da linguagem (Collins; Evans, 2010). Ambas as expertises são resultantes de uma socialização em práticas de um grupo de profissionais competentes e habilidosos e envolvem o desenvolvimento de conhecimento tácito especializado, ou seja, o conhecimento de “regras” que não podem ser expressas e que somente são adquiridas na prática. A expertise contributiva é aquela de quem faz parte efetiva de um domínio, produzindo conhecimento ou realizando atividades profissionais, ao passo que a expertise por interação consiste na capacidade linguística para transitar entre os membros de uma área de especialidade, “não apenas dominando o seu linguajar [e os seus termos] e seus jargões, mas também compreendendo o universo dos integrantes dessa área a ponto de se integrar, de certa forma, a essa comunidade discursiva e interagir com seus membros” (Da Silva; Silveira, 2017, p. 1757).

Em todas essas perspectivas de expertise aparece um componente que pode ser atrelado ao conhecimento de domínio. Trata-se do conhecimento que um sujeito detém sobre dado conteúdo ou campo específico de interesse ou de atuação (Scardamalia; Bereiter, 1991). Presume-se, nesta pesquisa, que esse conhecimento tem impacto na qualidade do desempenho, tanto em termos de produto como em termos de processo, tal qual apresentado por Da Silva (2007) em uma pesquisa envolvendo tradução português-inglês. Esse conhecimento, no caso da tradução e interpretação, também pode estar relacionado com o tipo de discurso, como o religioso e o educacional.

A linguagem religiosa é usada para expressar crenças e conceitos relacionados à religião, espiritualidade e fé. Ela é composta por palavras, frases e expressões que têm um significado especial dentro deste contexto espiritual. Cada denominação religiosa tem sua própria linguagem, que é usada para descrever a natureza de Deus, o propósito da vida, o significado da existência humana e muitos outros conceitos fundamentais (Aquino, 2016). Algumas características comuns da linguagem religiosa incluem o uso de metáforas, simbologias, imagens (*e.g.*, estatuetas, gravuras, fotos, artefatos esculpidos – representação

de figuras sagradas em formatos e tamanhos variados) e analogias para explicar conceitos abstratos e complexos, além do uso de uma linguagem formal e reverente. A linguagem religiosa também pode incluir termos técnicos e vocabulário específico que são usados para descrever rituais, práticas e as crenças doutrinárias (Koslowski, 2019; Da Silva; Soares; Esqueda, 2018).

Por sua vez, a linguagem científica é um tipo de linguagem especializada usada na comunicação de ideias, descobertas e teorias no contexto da ciência e da pesquisa. É caracterizada por ser objetiva, precisa, clara e concisa, visando à comunicação efetiva de informações complexas e técnicas. A gramática e o vocabulário são cuidadosamente selecionados e usados de forma consistente para garantir a precisão e a clareza da comunicação científica (Oliveira; Munford, 2014).

No ato interpretativo, a expertise envolve melhor processamento semântico e melhor seleção das unidades e significados mais importantes. Quando está envolvida uma língua de sinais, envolve melhor o processamento intermodal, permitindo assim o ajuste adequado da sobreposição de códigos linguísticos e do desempenho corporal, do ponto de vista tanto visual e cognitivo, quanto cinético (Rodrigues, 2018).

A interpretação é uma tarefa em que a língua/linguagem desempenha papel central na expertise (Da Silva; Silveira, 2017; Da Silva, 2021). Para a produção de um texto coerente (Da Silva, 2007), compete ao intérprete lidar com problemas retóricos e problemas de conteúdo (Scardamalia; Bereiter, 1991), muitos dos quais dependem de conhecimento tácito especializado (*i.e.*, conhecimento de “regras” que não podem ser expressas, mas, sim, adquiridas na prática) (Collins; Evans, 2010). Evidências disso são relatadas por Da Silva (2007) e Da Silva e Silveira (2017), cujos participantes com conhecimento de domínio tiveram melhores desempenhos tanto no produto quanto no processo.

Assim, uma vez estabelecidos os pressupostos teóricos desta pesquisa, o próximo capítulo tratará sobre o contexto da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o profissional intérprete.

## 2 CONTEXTO DA LIBRAS E O PROFISSIONAL INTÉRPRETE

Embora haja diversos contextos, um campo vasto e emergente de atuação de profissionais tradutores e intérpretes, principalmente no que diz respeito à língua de sinais, esta pesquisa aborda, especificamente, a atuação de profissionais intérpretes em dois contextos distintos: o religioso e o educacional. A atuação nesse último contexto ganhou relevância após o reconhecimento oficial da Libras como meio de comunicação das comunidades surdas no Brasil, em 2002, levando à profissionalização dos intérpretes, que inicialmente estavam mais presentes em contextos religiosos (Brasil, 2002; Fernandes, 2013).

No contexto educacional, a presença dos intérpretes de Libras é resultado de políticas inclusivas baseadas na filosofia bilíngue (Peixoto, 2011). Recentemente, a legislação brasileira tornou obrigatório o Atendimento Educacional Especializado (AEE) bilíngue desde o início da educação formal. A mudança na LDB, a partir da Lei nº 14.191, de 2021, insere o ensino bilíngue às pessoas Surdas nas escolas, a fim de torná-lo uma modalidade independente, estabelecendo a Libras como primeira língua (L1) e o português escrito como segunda (L2) (Brasil, 2021). Além disso, a Lei Brasileira da Inclusão (LBI) estabeleceu a responsabilidade do poder público em formar e disponibilizar tradutores e intérpretes de Libras para atendimento educacional especializado (Brasil, 2015).

Do ponto de vista de Marques (2017, p. 29), “[o] reconhecimento da Língua de Sinais no Brasil representa a mobilização da Comunidade Surda, que, mediante empenho e organização, objetivaram importante impacto na visibilidade da Libras como forma de sua comunicação e expressão”. Nessa perspectiva, o reconhecimento da Libras teve um impacto significativo na sua visibilidade dentro da sociedade brasileira. Essa conquista contribuiu para a quebra de barreiras, a promoção da inclusão social e o combate à discriminação contra as pessoas surdas. A Libras passou a ser vista como uma língua rica e complexa, com valor cultural e social inegáveis.

O reconhecimento político da surdez e os decorrentes debates sobre projetos bilíngues inclusivos remontam ao que Miotello e Pimenta (2010, p. 289) concebem como estratégias de poder que buscam estabelecer normas, parâmetros e modelos de identidades: “[a] identidade e a marcação da diferença que passam por relações de poder como inclusão/exclusão, tentativas de demarcação que buscam homogeneizar a identidade como se fosse algum tipo de essência natural”.

Garantir a acessibilidade linguística para as pessoas surdas, por meio da Libras, é um direito humano fundamental. Isso implica a disponibilização de serviços de interpretação em

diversos contextos e o reconhecimento da sua importância como língua natural e meio de comunicação essencial:

A falta de disponibilização no serviço de interpretação reforça, nas pessoas surdas, a segregação linguística à qual a sociedade majoritária ouvinte os submete constantemente. As pessoas surdas, muitas vezes, estão apenas fisicamente no evento se não lhe é disponibilizado o serviço de interpretação de língua de sinais, [...] (Pereira, 2008, p. 43).

## 2.1 Conceitos

A Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras), sofreu algumas alterações pela Lei nº 14.704/23, que “[r]egulamenta a profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras)” (Brasil, 2023). Segundo essa lei, “[a] atividade profissional de tradutor, intérprete e guia-intérprete de Libras – Língua Portuguesa é realizada em qualquer área ou situação em que pessoas Surdas ou Surdocegas precisam estabelecer comunicação com não falantes de sua língua em quaisquer contextos possíveis” (Brasil, 2023). Essa alteração tem o propósito de abordar o exercício profissional e as condições de trabalho dos profissionais.

Mesmo incipiente, as alterações na Lei têm sua origem no Projeto de Lei nº 9.382/2017 e no Projeto de Lei nº 5.614/2020. Silva e Dos Santos (2022) apresentam, com base da proponente original, a seguinte alegação:

É indiscutível que se verificam, no caso dos tradutores, guias-intérpretes e intérpretes de Libras – Língua Brasileira de Sinais:

- a) a necessidade de grau elevado de conhecimento técnico ou científico para o desempenho da profissão; e
- b) a existência de risco potencial de dano efetivo resultante do exercício profissional** (Brasil, 2019; Silva; Dos Santos, 2022, p. 189, grifo meu).

O exercício das profissões de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras) é restrito a indivíduos com formação específica. São elegíveis aqueles diplomados em cursos técnicos de nível médio em Tradução e Interpretação em Libras, graduados em bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras – Língua Portuguesa, em Letras com habilitação em Tradução e Interpretação em Libras ou em Letras – Libras. Alternativamente, profissionais de outras áreas podem exercer essas funções se possuírem diploma de cursos de extensão, formação continuada ou especialização, com carga horária mínima de 360 horas, e forem aprovados em exame de proficiência em tradução e interpretação em Libras – Língua Portuguesa (Brasil, 2023).

Essas alterações sugerem que a legislação visa adaptar as regras e regulamentos existentes relacionados aos profissionais de Libras, possivelmente com o objetivo de melhorar

as condições de trabalho, estabelecer padrões mais claros para a profissão ou ajustar requisitos de formação e prática.

Pode-se observar, por exemplo, a definição clara dos termos “tradutor”, “intérprete” e “guia-intérprete”. Os tradutores, são profissionais especializados na tradução e quanto aos intérpretes, realizam a ponte comunicativa simultaneamente, naquele momento, entre línguas de sinais e língua oral, ambos desempenhando um papel fundamental na comunicação entre pessoas Surdas e/ou Surdocegas com os não falantes de Libras ou da Língua Portuguesa. Por conseguinte, o guia-intérprete é um profissional capacitado a dominar formas de comunicação específicas usadas por pessoas surdocegas, tornando possível a interação delas com o mundo ao seu redor (Machado, 2018, p.104-106).

A atuação desses profissionais não está limitada a um contexto específico. Pessoas Surdas e Surdocegas podem necessitar de serviços de tradução e interpretação em uma ampla variedade de situações, desde consultas médicas até a participação em eventos sociais, culturais e educacionais. Portanto, a proposta de alterações na Lei, traz a necessidade de garantir que esses profissionais estejam disponíveis em qualquer contexto em que a comunicação entre os sujeitos Surdos, Surdocegos e falantes da Libras ocorra de modo efetivo.

Há definição de requisitos para a qualificação desses profissionais. A Lei, atualmente sancionada, inclui a possibilidade de diplomas em cursos de educação profissional técnica de nível médio em Tradução e Interpretação em Libras, cursos superiores em Tradução e Interpretação em Libras – Língua Portuguesa, Letras com Habilitação em Tradução e Interpretação em Libras, ou em Letras – Libras, bem como a complementação por cursos de extensão ou especialização em tradução e interpretação em Libras – Língua Portuguesa. A realização de exames de proficiência em tradução e interpretação em Libras – Língua Portuguesa, conduzidos por banca examinadora de instituições de ensino superior, também é sugerida como forma de comprovar a qualificação dos profissionais (Brasil, 2023).

Assim, a Lei nº 5.614/2020 representa um avanço na regulamentação dos profissionais de tradução e interpretação em Libras, visando definir termos, especificar a abrangência de suas atividades e estabelecer critérios claros de qualificação. Essas mudanças têm o potencial de promover uma maior qualidade nos serviços prestados e, conseqüentemente, melhorar a comunicação e a inclusão das pessoas Surdas e Surdocegas na sociedade. Assim, as alterações debatidas e implementadas, de forma cuidadosa, revelam o impacto que terão na vida dessas comunidades e na garantia de seus direitos linguísticos (Cabello, 2022).

O Parágrafo único, do PL em questão, aborda um aspecto crucial da regulamentação da profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete, especificamente no que diz respeito à

duração do trabalho e ao regime de revezamento. A Lei nº 12.319/2010, conforme alterada pelo Projeto de Lei nº 5.614/2020, estabelece claramente que a jornada de trabalho desses profissionais seja limitada a 6 horas por dia ou 30 horas por semana.

Segundo Dias (2023), essa limitação visa proteger os profissionais envolvidos na tradução e interpretação, reconhecendo a natureza desgastante dessas atividades, que exigem alto nível de concentração e precisão. Trabalhar por longas horas consecutivas poderia afetar a qualidade do serviço prestado, prejudicando a fidelidade e imparcialidade necessárias na tradução e interpretação de conteúdos (Cabello, 2022).

Nesses casos, é exigido que pelo menos dois profissionais trabalhem em regime de revezamento. Essa medida é importante para evitar a fadiga e garantir a continuidade e a qualidade do serviço em tarefas que podem ser particularmente desafiadoras (Brasil, 2020).

Destarte, em diversos países, a profissão de tradutores e intérpretes de língua de sinais surgiu a partir de atividades voluntárias que gradualmente ganharam reconhecimento como ocupações profissionais, à medida que a Comunidade Surda conquista seus direitos de cidadania (Dias, 2023). O processo é o reconhecimento oficial da língua de sinais em cada país. À medida que a língua de sinais local passou a ser reconhecida como uma língua legítima, os surdos passaram a ter garantias de acesso a ela como um direito linguístico. Conseqüentemente, as instituições se viram obrigadas a fornecer acessibilidade por meio de intérpretes de língua de sinais. Apresentar a história da Libras não serve apenas para adquirir conhecimentos, mas para refletir e questionar diversos episódios relacionados com a educação em vários momentos (Dias, 2023). De acordo com os estudos de Silva (2019, p.45) “Há ainda outras centenas de países que reivindicam os direitos de reconhecimento, a liberdade de comunicação e a participação social ativa, além do respeito à sua luta histórica que está construída e socialmente estabelecida e que opõe “as ações homogeneizadoras das políticas educacionais”. Dos 193 Estados-Membros das Nações Unidas, apenas 41 tem a língua de sinais reconhecida<sup>9</sup>”.

## **2.2 O papel do tradutor e intérprete de língua de sinais**

As pessoas ouvintes que são fluentes e têm domínio da língua de sinais podem não necessariamente se tornar intérpretes de língua de sinais. Embora o domínio dessa língua seja

---

<sup>9</sup> Países como a Itália, Luxemburgo e Canadá, entre outros, têm lutado para que suas línguas de sinais sejam reconhecidas. Por meio de projetos de Lei e movimentos junto à defensoria pública promovem reuniões com a comunidade, de modo a chamar a atenção das autoridades para que reconheçam a língua de sinais de seu país e também promovam a inclusão (Albinelli, 2017; Stobiecka, 2018).

um pré-requisito, a profissão de intérprete exige qualificação específica e habilidades técnicas para atuar de maneira eficaz. Muitas pessoas fluentes na língua de sinais não têm interesse em se tornar intérpretes, pois a profissão envolve responsabilidades e desafios específicos que nem todos desejam enfrentar; ser fluente no idioma não garante automaticamente a capacidade de ser um bom intérprete (Cabello, 2022).

Um equívoco comum é pensar que os filhos de pais surdos<sup>10</sup> são automaticamente intérpretes de língua de sinais. Embora esses filhos muitas vezes atuem como intermediários entre seus pais e outras pessoas, isso não significa que sejam intérpretes profissionais. Eles geralmente não possuem o treinamento formal e as habilidades técnicas necessárias para desempenhar o papel de intérprete. O fato de ser filho de pais surdos é uma característica pessoal, não uma qualificação profissional. Larrosa (2014, p. 6) acentua que:

[...] a experiência supõe, como já afirmei, um acontecimento exterior a mim. Mas, o lugar da experiência sou eu. É em mim onde se dá a experiência, onde a experiência tem lugar. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma singularidade na produção de identidade Coda, tendo em vista os deslocamentos entre os mundos surdo e ouvinte, que constituem representações por meio de palavras, ideias, sentimentos e relações em que a experiência acontece, subjetivando sua vida, o que reforça um lugar singular e único: o *princípio da subjetividade* (grifo meu).

Alguns filhos de pais surdos escolhem se dedicar à profissão de intérprete, devido à vantagem de serem “nativos” na língua de sinais e poder mediar ambas as línguas envolvidas nas interações. No entanto, a qualidade de um intérprete não é determinada apenas pelo domínio das línguas, mas também pelo profissionalismo. Ser um bom intérprete (assim como em qualquer ofício) requer busca constante por formação, qualificação, respeito ao código de ética da profissão e comprometimento com a excelência na comunicação entre Surdos e ouvintes (Machado, 2022).

Os filhos de pais surdos que optam por seguir essa carreira têm a oportunidade de discutir e aprimorar suas práticas profissionais por meio de associações internacionais dedicadas a intérpretes e à Comunidade Surda. Necessitam compreender melhor o papel do TILSP, as questões legais relacionadas à sua formação, as responsabilidades envolvidas e as considerações éticas inerentes à profissão. Isso envolve um estudo minucioso da Lei nº 12.319/2010, que regulamenta a atuação desse profissional, e o Código Brasileiro de Ocupações (CBO) referente a essa ocupação (Brasil, 2021).

As atribuições do TILSP, conforme definidas pela lei, incluem facilitar a comunicação entre surdos e ouvintes, interpretar atividades pedagógicas e culturais em instituições de

---

<sup>10</sup> CODA's (*Children of Deaf Adults*) em inglês.

ensino (ou não), participar de processos seletivos e concursos públicos, apoiar a acessibilidade em serviços e atividades das instituições de ensino e fornecer serviços de interpretação em contextos legais. No entanto, mesmo com essas regulamentações, a lei deixa algumas lacunas, como a falta de inclusão de níveis superiores de formação e orientações detalhadas sobre a atuação em ambientes específicos, como a quantidade mínima de profissionais necessários e o revezamento durante a atuação (Brasil, 2010; Nogueira, 2016).

Quando o TILSP realiza interpretação simultânea diretamente ou “tradução direta”, ele contribui para a validação e o fortalecimento da voz discursiva do indivíduo surdo por meio de sua entonação vocal e das escolhas lexicais que faz (Machado, 2022).

No entanto, é importante reconhecer que a subjetividade do profissional e suas escolhas interpretativas podem influenciar se a mensagem, originalmente expressa pelo Surdo, na LF, é transmitida ou não de maneira fiel para o receptor na LA (Machado, 2017, p. 45). Essa complexidade ressalta a responsabilidade e a sensibilidade exigidas do TILSP em garantir uma interpretação precisa e respeitosa, que reflita as intenções e nuances da comunicação do sujeito Surdo.

**CBO: Classificação Brasileira de Ocupações** – É um sistema utilizado no Brasil para classificar e categorizar as diferentes ocupações e profissões, com o objetivo de padronizar informações sobre o mercado de trabalho e facilitar a organização de dados relacionados a empregos e carreiras. A CBO é utilizada pelo governo, instituições de pesquisa, agências de emprego e outros órgãos para classificar e acompanhar as ocupações no país. Cada ocupação é identificada por um código numérico único na CBO. A descrição sumária do cargo de Tradutor Intérprete de Linguagem de Sinais<sup>11</sup> (nível médio) enfatiza a tradução e interpretação de textos e comunicação em Libras e Língua Portuguesa. Além disso, o cargo envolve o apoio a atividades de ensino, pesquisa e extensão. As atividades típicas do cargo incluem interpretação consecutiva e simultânea, bem como o uso de recursos de informática, entre outras responsabilidades associadas ao ambiente organizacional (Cabello, 2022).

Destarte, a regulamentação legal e os Códigos de Ocupações fornecem diretrizes importantes para a atuação do TILSP, mas ainda há espaço para aprimoramentos e esclarecimentos quanto à formação, responsabilidades e práticas éticas dessa profissão em constante evolução.

---

<sup>11</sup> Durante anos, vários termos equivocados foram utilizados por professores e pela população, tais como: mudo, surdo-mudo, excepcional e portador de deficiência (Sassaki, 2002). Até hoje, documentos legais como o Plano de Cargos e Carreiras dos Técnicos Administrativos em Educação (PCCTAE), da rede federal, ainda usam a expressão “tradutor intérprete de linguagem dos sinais”.

### 2.3 Construção política do TILSP

Com base em documentos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), inaugurado no Rio de Janeiro em 1857, Rocha (2016) demonstra que já em 1908, a conversão linguística (tradução e interpretação) era solicitada. Portanto, a atuação desse profissional no contexto da surdez tem mais de um século de história, de acordo com registros documentais. No entanto, devido à interpretação em língua de sinais ser parte do campo dos Estudos da Tradução, como Interpretação Comunitária, não é possível determinar com precisão quando essa prática começou, uma vez que emergiu das interações entre sujeitos em diferentes espaços (Nascimento, 2016).

Ao abordar a história e a formação dos intérpretes de língua de sinais no Brasil e no mundo, Nascimento (2016) destaca uma diferença significativa em relação aos intérpretes de línguas orais. Enquanto estes surgiram em contextos diplomáticos com reconhecimento social e visibilidade internacional, os intérpretes de língua de sinais ganharam proeminência profissional devido à necessidade de garantir os direitos da Comunidade Surda, especialmente no campo educacional. O mesmo ainda destaca:

A emergência na formação de TILSP abre novas oportunidades de pesquisa, oferecendo espaços, inclusive, para que os profissionais que atuam há algum tempo no mercado adentrem na academia para uma reflexão metalinguística sobre sua prática construindo percursos teóricos para embasá-la, contribuindo com a sistematização dos processos interpretativos e com a formação de novos profissionais (Nascimento, 2011, p. 29).

Neste estudo em particular, não se investiga o início exato da profissão, mas é possível inferir que a atuação dos tradutores e intérpretes de Libras no Brasil remonta aos primeiros esforços educacionais voltados à Comunidade Surda, especialmente com o estabelecimento do INES. Esse Instituto pode ser considerado precursor da educação para surdos, no Brasil, e o primeiro local de institucionalização dessa atividade.

Assim, a interpretação simultânea na modalidade vocalizada<sup>12</sup> da língua portuguesa apresenta uma peculiaridade importante, pois envolve a responsabilidade de facilitar a intercomunicação entre a LF e a LA. A prosódia e as escolhas linguísticas feitas desempenham um papel fundamental na garantia de que a “fala” (comunicação sinalizada) do sujeito Surdo seja expressa de acordo com seus objetivos de linguagem (Machado *et al.*,

---

<sup>12</sup> Modalidade Vocalizada: “(habilidades visuais de percepção e interpretação do conjunto de informações gestual e espacialmente codificadas)” (Rodrigues, 2018, p. 310).

2017). De acordo com Pereira (2008), os sistemas de sinais da língua de sinais têm uma estrutura completamente independente da estrutura gramatical da língua portuguesa. Isso implica que a interpretação simultânea ou consecutiva da Libras envolve uma série de escolhas de tradução e interpretação que podem ser polissêmicas e que podem ou não estar internalizadas pelo TILSP.

No contexto educacional comunitário, a tradução e interpretação de Libras enfrenta diversos desafios. As escolas são ambientes dinâmicos e versáteis com múltiplos interlocutores que compõem a comunidade escolar. Isso leva o intérprete a atuar em diversas áreas do conhecimento. Sua atuação envolve a utilização de várias estratégias e escolhas cognitivas durante a interpretação vocalizada. Ao analisarmos a interpretação vocalizada, observamos que ela também aborda contextos extralinguísticos e intersemióticos, nos quais são feitas escolhas semântico-pragmáticas durante o ato de enunciação (Machado *et al.*, 2017).

Nesse sentido, torna-se evidente a diversidade de situações com as quais o TILSP lida, uma vez que seu objetivo é garantir a acessibilidade comunicativa entre Libras e Português, e vice-versa, atendendo assim às necessidades do aluno Surdo em sua totalidade. É importante notar que, em muitos contextos escolares, esse trabalho é realizado de forma autônoma, mesmo que haja outros profissionais na área da surdez atuando na mesma instituição.

Essas questões surgem, em parte, devido às complexidades cognitivas enfrentadas pelo TILSP, que podem experimentar insegurança em relação à transmissão precisa da informação durante suas estratégias interpretativas. Também pode haver preocupações em relação à receptividade do público-alvo, incluindo o receio de desapontá-lo e o medo de ser criticado publicamente. Essas preocupações tendem a ser mais pronunciadas em profissionais iniciantes na área da tradução e interpretação. Portanto, acreditamos que, além das competências e habilidades técnicas que o TILSP precisa dominar em todas as tarefas de tradução e interpretação, é igualmente fundamental manter o equilíbrio emocional, cognitivo e psicofisiológico para um desempenho eficaz e eficiente (Nogueira, 2016).

#### **2.4 Ênfase da vulnerabilidade/necessidade de revezamento**

É importante ressaltar que, apesar das conquistas da categoria, esta ainda enfrenta desafios decorrentes da crescente influência da tecnologia e da constante exposição a imagens e padrões irrealistas promovidos pela mídia como modelos a serem seguidos. O capitalismo permeia cada vez mais nossas vidas, colocando-nos em constante busca pelo crescimento econômico. Nesse contexto, as pessoas, muitas vezes, são tratadas apenas como números no

comércio, vinculadas à lógica de produção e consumo. Por esse motivo, a Constituição Federal, de 1988, incorporou os Direitos Humanos de 2ª Geração, ou seja, os Direitos Sociais, como base de toda a legislação trabalhista brasileira. Esses direitos visam proteger os trabalhadores como cidadãos e proporcionar-lhes meios de buscar a justiça trabalhista para preservar seus direitos adquiridos (Brasil, 1988; Nogueira, 2016).

O objetivo desta discussão é compreender as responsabilidades impostas à profissão de intérprete e buscar medidas para melhorar a qualidade do trabalho e da saúde desses profissionais. Uma dessas medidas seria a implementação do revezamento a cada vinte minutos, a fim de prevenir doenças relativas à fadiga e repetição. É importante destacar que a interpretação exige grande esforço físico e mental, e atuar por longos períodos consecutivos pode resultar em consequências irreversíveis (Machado, 2017).

Santos (2016) enfatiza que o intérprete de Libras-Português desempenha seu papel em diversos ambientes e contextos, que podem ser bastante distintos entre si. Diante disso, a autora destaca a urgência de desenvolver currículos de formação específicos e adaptados para atender às demandas variadas e complexas enfrentadas por esses profissionais.

Cardoso *et al.* (2020) conduziram uma análise das diferenças entre intérpretes e tradutores de Libras. Os autores destacam que, embora algumas dessas diferenças possam parecer sutis à primeira vista, muitas vezes, é o mesmo profissional que se reveza entre as funções de tradução e interpretação no mesmo local ou evento. É notável que muitos intérpretes de Libras que atuam na área nunca tenham adquirido conhecimento abrangente sobre essas distinções ou modalidades, mesmo estando envolvidos na prática, e, em muitos casos, não receberam formação aprofundada sobre a arte da tradução em si.

Com o passar do tempo, e à medida que o conhecimento adquirido é aplicado durante a graduação, torna-se evidente que a ausência de revezamento na atuação tem consequências prejudiciais não apenas para os intérpretes, mas também para o público-alvo, ou seja, as pessoas Surdas. A fim de evitar que a qualidade do trabalho seja comprometida, Nogueira (2016) enfatiza que:

[...] a presença de uma equipe conta com no mínimo duas pessoas, que atuam em conjunto, a fim de que exista o revezamento na produção da interpretação, pois sabemos que a interpretação quando realizada por longos períodos, torna-se física e mentalmente exaustiva. Além de contribuir para evitar o cansaço físico, existe a possibilidade de ter o auxílio desse colega, qualificando o processo interpretativo, apoiando a produção do discurso (Nogueira, 2016, p. 85-86).

Como mencionado, a Lei 12.319/2010 estabeleceu as competências, a formação e as responsabilidades dos TILSP, bem como a exigência de um exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras. Embora tenha trazido avanços significativos para a categoria, a lei deixou diversas questões em aberto, incluindo aquelas relacionadas à jornada de trabalho e outros aspectos que dizem respeito à atuação desses profissionais. Em maio de 2017, a Comissão de Defesa da Pessoa com Deficiência da Câmara Federal aprovou a criação de uma subcomissão especial com o propósito de discutir e propor regulamentações e outras medidas relacionadas à prática profissional dos Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais. Entre os temas em debate estavam a carga horária de trabalho, a formação em nível superior, a definição de um piso salarial, a possibilidade de atuar em duplas ou equipes com revezamento a cada 30 minutos e a eventual extinção de cursos técnicos para a formação de intérpretes de Libras, dentre outros.

Inicialmente, houve tramitação na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 9.382/17, que tem como objetivo revogar a legislação vigente sobre essa temática. Esse projeto culminou na aprovação da lei ordinária 14.704/2023. O debate e a análise das propostas foram fundamentais para a regulamentação adequada da profissão de TILSP e para a proteção dos direitos e interesses desses profissionais (Lisboa *et al.*, 2022).

Portanto, é necessário observar que a legislação não aborda questões cruciais relacionadas à profissão de intérprete de Libras, como as horas de revezamento, o descanso, a infraestrutura do local de trabalho, o salário padrão, o contrato de trabalho, o número mínimo de intérpretes necessários para eventos públicos ou privados e a carga horária permitida para atuação em um único evento. Essas questões ficam à mercê das regras e critérios estabelecidos pelo mercado de trabalho e pelos empregadores que contratam esses profissionais.

Sendo assim, ainda há uma necessidade urgente de estabelecer normas específicas que não apenas definem os deveres dos intérpretes, mas também que garantem ainda mais seus direitos, como ocorre em outras profissões que possuem regulamentações eficazes. Essa regulamentação permitiria que os intérpretes, ao se sentirem lesados em relação aos seus direitos, tivessem uma base legal para buscar soluções para seus conflitos, seja por meio de acordos judiciais ou outras medidas cabíveis; para que isso aconteça, é fundamental fazer ajustes na legislação (Lisboa *et al.*, 2022).

Mudanças são necessárias para garantir a qualidade do trabalho dos intérpretes e prevenir doenças. A implementação do revezamento a cada vinte minutos é uma solução viável, que também pode contribuir para reduzir lesões ocupacionais, como a Lesão por

Esforço Repetitivo (LER). A falta de preocupação com a saúde dos intérpretes resultou em muitos afastamentos e até mesmo no fim precoce de suas carreiras devido à LER/DORT (Guarinello, *et al.*, 2017).

Todos esses temas estão interconectados, com ênfase na futura implementação do revezamento a cada vinte minutos como forma de priorizar a qualidade do trabalho e prevenir doenças, além de reduzir o abandono da profissão. É importante destacar que a identificação das doenças ocupacionais é um avanço significativo na área de Libras.

A pesquisa bibliográfica revela a necessidade de maior atenção por parte do legislador em relação à LER/DORT<sup>13</sup>, uma vez que a legislação equipara a Lesões por Esforços Repetitivos (LER) à Lei de Acidente de Trabalho, conforme o Decreto nº 7.036 de novembro de 1994, e a Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) está vinculada à concessão de benefícios como o Auxílio-Doença ou a Aposentadoria por Invalidez, desde que devidamente comprovada. Diante de tudo o que foi exposto, fica evidente o brilhantismo do papel do intérprete de Libras na sociedade (Machado, 2017).

#### ***2.4.1 Fatores estressantes durante o ato interpretativo***

A interpretação é uma habilidade complexa que demanda concentração e destreza mental. No entanto, essa atividade não está isenta de desafios e fatores estressantes que podem afetar o desempenho dos intérpretes. Durante o ato interpretativo, diversos elementos podem contribuir para o estresse e a pressão enfrentados por esses profissionais.

É fato que a Lei 12.319/2010, sem dúvida, trouxe diversos benefícios para os profissionais que atuam nesse campo, incluindo a definição clara de suas funções, a abertura de oportunidades em concursos federais e um aumento de visibilidade em relação ao seu papel na promoção da acessibilidade para a Comunidade Surda no Brasil, entre outros aspectos positivos (Brasil, 2010). Essa legislação não aborda em seu conteúdo nenhuma disposição relacionada à saúde e à qualidade de vida desses profissionais. É fundamental reconhecer a importância da saúde ocupacional dos trabalhadores no Brasil, pois os riscos à saúde podem resultar em aposentadorias precoces e impactar negativamente suas carreiras (Lisboa *et al.*, 2022),

De acordo com a pesquisa de Woodcock e Fischer (2008), os intérpretes de língua de sinais frequentemente enfrentam pressões psicológicas em virtude da carga horária extensa e

---

<sup>13</sup> Instrução Normativa nº 98 de 05/12/2003 refere-se à Norma Técnica sobre Lesões por Esforços Repetitivos-LER ou Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho – DORT (Brasil, 2003).

da própria natureza do trabalho, que envolve a interpretação simultânea entre diferentes línguas. Além disso, esses profissionais estão sujeitos a diversos desafios físicos, como a realização repetitiva e constante de movimentos nos membros superiores, como pescoço, mãos e antebraços. Esses movimentos repetitivos podem resultar em dores e esforços contínuos, impactando negativamente a qualidade de vida desses profissionais.

Para Guarinello *et al.* (2017) um dos principais fatores de estresse é a pressão do tempo. Os intérpretes muitas vezes trabalham sob prazos rigorosos, precisando fornecer traduções simultâneas em tempo real. O ritmo acelerado do discurso dos oradores pode intensificar essa pressão, exigindo que os intérpretes acompanhem e transmitam informações rapidamente. A complexidade do conteúdo é um desafio adicional. Quando o discurso envolve terminologia técnica, científica ou altamente especializada, os intérpretes necessitam não apenas compreender o contexto, mas também encontrar equivalentes precisos em outro idioma. Isso requer um conhecimento profundo da terminologia específica de determinada área, aumentando a carga cognitiva.

Os estressores emocionais também desempenham um papel importante. Em contextos como tribunais, hospitais ou negociações tensas, os intérpretes podem ser expostos a situações emocionalmente carregadas. Manter a neutralidade emocional enquanto interpretam é importante, mas isso pode ser desgastante. As condições de trabalho podem contribuir significativamente para o estresse. Os tradutores e intérpretes de línguas orais que utilizam espaços restritos, como as cabines de interpretação simultânea, quando essas são desconfortáveis, problemas técnicos com equipamentos ou falta de conforto físico podem distrair os intérpretes e prejudicar seu desempenho; a responsabilidade profissional é uma constante para esses profissionais. Seu trabalho desempenha um papel vital na comunicação entre as partes envolvidas, e qualquer erro pode ter implicações sérias. Essa pressão adicional pode aumentar o estresse (Lisboa *et al.*, 2022).

Na legislação referente à saúde do trabalhador, encontramos diversas menções aos DORT, anteriormente conhecidos como Lesões por Esforço Repetitivo (LER). Os DORT podem ser desencadeados por uma variedade de fatores, incluindo aqueles de natureza física, organizacional e psicossocial (Machado, 2017).

No caso dos tradutores e intérpretes de Libras, que não necessariamente lançam mão de cabines de interpretação simultânea, pois sua atuação na maioria das vezes é externa e visível a todos, os fatores físicos associados aos DORT incluem a realização excessiva de movimentos repetitivos, o uso excessivo de força muscular, manutenção prolongada ou inadequada da postura e falta de condicionamento físico adequado. Quanto aos fatores

organizacionais, podem contribuir para os DORT a natureza repetitiva das tarefas, a ausência de rodízios e pausas, a inadequação do local de trabalho, a pressão para atingir metas de produtividade e longas jornadas de trabalho. Além disso, os fatores psicossociais, como ansiedade, depressão e estresse ocupacional, desempenham um papel significativo. O estresse é percebido de forma subjetiva por cada trabalhador e pode estar relacionado à falta de autonomia, pressões diárias, busca pela perfeição, carga de trabalho intensa, entre outros fatores. Também, existem demandas cognitivas que podem contribuir para o surgimento de lesões musculoesqueléticas, seja causando aumento da tensão muscular, seja desencadeando uma resposta mais generalizada de estresse (Guarinello *et al.*, 2017).

Conforme uma pesquisa americana<sup>14</sup>, a profissão de tradutor e intérprete de língua de sinais está entre aquelas com maior risco ergonômico, especialmente nas extremidades do corpo, levando a um aumento dos níveis de estresse cognitivo e mental, bem como a um maior risco de desenvolvimento de lesões musculoesqueléticas, como, por exemplo, tendinite. É importante ressaltar que há uma falta de políticas emergenciais abordando questões de saúde específicas para tradutores e intérpretes de língua de sinais, assim como uma carência de investimento em capacitação e formação profissional nessa área (RIT Study, 2008). A fadiga mental também é uma preocupação, pois a interpretação é uma atividade mentalmente exigente. Intérpretes que trabalham em eventos longos ou consecutivos podem enfrentar dificuldades para manter o foco e a clareza ao longo do tempo. (Nogueira; Gesser, 2018, p. 132)

#### ***2.4.2 Esgotamento do profissional durante o ato interpretativo simultâneo***

Os cansaços do intérprete durante o ato da interpretação podem ser causados por diversos fatores. Durante a interpretação simultânea, o profissional precisa se concentrar intensamente, ouvindo atentamente o discurso do orador e traduzindo-o em tempo real. Isso exige um alto nível de concentração mental e habilidades linguísticas. É sabido que, o intérprete também precisa lidar com fatores ambientais, como ruídos de fundo, condições de iluminação inadequadas e até mesmo longos períodos nas posições em pé ou sentado, o que pode causar desconforto físico (Lisboa *et al.*, 2022).

O cansaço mental e físico pode afetar a qualidade da interpretação e, por isso, é importante que os intérpretes recebam pausas regulares durante eventos ou sessões de

---

<sup>14</sup> Cf. RIT Study (2008), disponível em <http://www.rit.edu/news/story.php?id=46110>.

interpretação prolongadas. O gerenciamento do cansaço é essencial para garantir a precisão e a eficácia do trabalho. A interpretação simultânea, ao vivo, é uma técnica em que um intérprete traduz o discurso de um orador em tempo real. Essa forma de interpretação é amplamente utilizada em eventos internacionais, conferências, reuniões de negócios, transmissões televisivas e outros contextos em que a comunicação entre pessoas que falam diferentes idiomas é necessária (Lisboa; Shiozawa, 2019). Quanto à interpretação simultânea, a seguir, algumas das características e considerações importantes aparecem no Quadro 2.

Quadro 2 – Características e Considerações sobre a Interpretação Simultânea

Recursos (físicos e cognitivos)	Características
Equipamento Técnico	A interpretação simultânea geralmente requer equipamento técnico específico, como cabines de interpretação, fones de ouvido e microfones. Os intérpretes trabalham em cabines isoladas, ouvindo o discurso do orador por meio de fones de ouvido e traduzindo-o para a audiência por meio de um microfone.
Precisão e Rapidez	Os intérpretes simultâneos devem ser altamente qualificados e capazes de traduzir com precisão e rapidez, pois não têm a oportunidade de pausar o discurso do orador. Eles devem acompanhar o ritmo do discurso, garantindo que a tradução seja contínua e compreensível.
Habilidades Linguísticas	Os intérpretes simultâneos geralmente são bilíngues ou multilíngues fluentes em pelo menos dois idiomas. Eles devem ter um amplo vocabulário e um profundo entendimento das nuances culturais e contextuais dos idiomas envolvidos.
Fadiga	A interpretação simultânea é uma tarefa mentalmente exigente que pode causar fadiga rapidamente. Por esse motivo, os intérpretes geralmente trabalham em turnos curtos e fazem pausas regulares para manter o nível de concentração. (Santos, 2015).
Coordenação	Eventos que exigem interpretação simultânea ao vivo geralmente envolvem uma equipe de intérpretes que se revezam para evitar a fadiga excessiva. A coordenação entre os intérpretes é essencial para garantir uma transição suave.
Importância da Comunicação	A interpretação simultânea desempenha um papel fundamental na comunicação global e na facilitação de interações entre pessoas de diferentes origens linguísticas. Ela permite que as pessoas compreendam e se comuniquem eficazmente, independentemente do idioma que falam.
Treinamento e Certificação	Os intérpretes simultâneos geralmente passam por treinamento especializado e podem obter certificações para demonstrar suas habilidades. A formação contínua é crucial para aprimorar suas habilidades linguísticas e técnicas.

Fonte: elaboração própria com base em Barbosa (2015).

Novamente, pontua-se Pagura (2003), que observa o fato de a interpretação simultânea não ocorrer literalmente ao mesmo tempo que a fala original, devido à necessidade do intérprete de um intervalo temporal para processar a informação coletada e organizá-la na forma de expressão (Pagura, 2003, p. 211). Essa observação é crucial para entender as particularidades e os desafios enfrentados no contexto da interpretação de Libras. Portanto, realizar uma autoanálise e uma reflexão contínua sobre as interpretações é uma prática essencial para o aperfeiçoamento profissional. De acordo com os estudos de Napier (2001), a autorreflexão sistemática pode ajudar os intérpretes a identificarem suas áreas de melhoria e a desenvolverem estratégias mais eficazes. A análise crítica também facilita o desenvolvimento de novas estratégias para futuras interpretações. Como mencionado por Cokely (1992), o desenvolvimento contínuo de novas técnicas e soluções é vital para a evolução profissional dos intérpretes. Ao entender o que funcionou bem e o que pode ser melhorado, os intérpretes estão mais preparados para enfrentar desafios futuros de forma eficaz.

Sendo assim, a interpretação simultânea desempenha um papel fundamental na comunicação e é uma habilidade altamente especializada que exige concentração, habilidades linguísticas excepcionais e a capacidade de trabalhar sob pressão. Ela torna possível a comunicação eficaz em contextos multilíngues e facilita a troca de informações em todo o mundo (Santos, 2015).

#### ***2.4.3 O papel do TILSP no âmbito educacional***

Atualmente, devido às leis e iniciativas voltadas para a inclusão e acessibilidade, a língua da Comunidade Surda está ganhando cada vez mais espaço em diversos contextos sociais, como igrejas, escolas regulares, instituições de ensino superior e no mercado de trabalho. Ela é agora amplamente requisitada e utilizada sempre que houver a presença de pessoas Surdas. Esse crescimento no reconhecimento da língua de sinais tem despertado um interesse crescente de sujeitos que buscam formação e capacitação profissional nessa área (Lisboa *et al.*, 2022), não apenas no Brasil, mas também em outros países. Nos Estados Unidos e Canadá, por exemplo, o número de intérpretes de língua de sinais, atuando na educação, tem aumentado significativamente, com muitos deles empregados em escolas públicas (Brito *et al.*, 2019).

No contexto brasileiro, as escolas, tanto públicas quanto particulares, têm estudantes Surdos matriculados em diferentes níveis de ensino, tornando, assim, essencial a presença de

profissionais intérpretes de língua de sinais para atender às exigências legais de acesso e inclusão (Santos; Lacerda, 2015; Brasil, 2000; 2015). Diante dessa demanda crescente, é crucial investir na especialização desses profissionais, que desempenham um papel de mediação entre professores-alunos Surdos, bem como entre colegas surdos-ouvintes.

Quando um usuário da Libras possui um domínio efetivo de sua língua, ele é capaz de utilizá-la de maneira adequada em suas interações sociais e em contextos educacionais. Os pesquisadores da área de linguística dispõem de diversas ferramentas para conduzir pesquisas, analisar, registrar e descrever os aspectos linguísticos presentes na Libras. É por esse motivo que eles devem prestar uma atenção especial à criação de sinais terminológicos, com o objetivo de documentar a evolução da língua e contribuir para as discussões em andamento na Lexicologia e Terminografia da Libras (Santos, 2014).

No entanto, definir as competências e as responsabilidades dos intérpretes na educação não é tarefa fácil, uma vez que surgem desafios éticos relacionados ao seu papel em sala de aula. Em algumas situações, o intérprete pode ser confundido com o professor, e os alunos podem direcionar suas perguntas e discussões a ele em vez do professor. Além disso, professores, às vezes, delegam ao intérprete a responsabilidade pelo ensino, o que pode sobrecarregar o profissional intérprete, além desviá-lo do seu papel fundamental, que o de mediar a comunicação (Lisboa *et al.*, 2022).

Essas complexidades levaram à criação de códigos de ética específicos para intérpretes de língua de sinais que atuam na educação. Neste viés, a “Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais – Febrapils” considera-se:

I. TILS – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais: profissional que traduz e/ou interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua de sinais ou para língua oral, ou vice-versa, em quaisquer modalidades que se apresentar...

Art. 5º – O CCE da Febrapils tem como princípios definidores para a conduta profissional do TILS e GI: I. Confidencialidade. II. Competência Tradutória. III. Respeito aos envolvidos na profissão. IV. Compromisso pelo desenvolvimento profissional.

Art. 6º – O TILS e o GI devem manter e valorizar a confidencialidade como condição essencial para proteger todos os envolvidos no trabalho de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação, salvo quando interpelado judicialmente à quebra de confidencialidade, informando esta obrigação ao Solicitante e ao Beneficiário.

Em algumas circunstâncias, o intérprete pode fornecer *feedback* sobre o processo de ensino-aprendizagem ao professor, mas isso requer uma supervisão cuidadosa para evitar conflitos de papéis. É importante que os intérpretes estejam cientes de seus limites e papéis definidos, pois, assumir funções de ensino pode criar desacertos e confusão na dinâmica educacional. A contratação de professores fluentes em língua de sinais para atuar como intérpretes em determinadas situações pode ser uma solução mais apropriada. Portanto, a especialização e o código de ética desempenham um papel crucial na definição e no aprimoramento do papel do intérprete educacional (Silva, 2011).

#### ***2.4.4 Atitudes do profissional no contexto religioso***

No Brasil, o início da educação especial remonta ao século XIX, quando D. Pedro II trouxe da França, em 1855, um professor surdo para fornecer instrução aos alunos surdos. No entanto, ao longo do tempo, a educação, tanto regular quanto especial, enfrentou desafios significativos em alcançar seus objetivos. Durante as décadas de 50, 60 e 70, a taxa de reprovação era alarmante, e a atenção política dedicada à educação, incluindo a educação de surdos, era limitada. Nesse contexto, o surgimento de entidades privadas representou um aumento na oferta de serviços educacionais, mas ainda assim não era suficiente para atender à demanda de pessoas com diversas formas de deficiência. Essa lacuna evidenciava a falta de interesse e investimento na educação não apenas de Surdos, mas de todos os alunos com deficiências, resultando em um sistema educacional que estava longe de ser inclusivo e abrangente (Santos *et al.*, 2018).

Segundo as observações de Botelho (1998), Aristóteles tinha uma perspectiva que considerava os surdos como pessoas incapacitadas. Ele afirmava que um dos órgãos mais essenciais para a educação de um indivíduo era o ouvido. Essa visão contribuiu para a exclusão completa dos surdos dos processos educacionais da época, uma vez que se acreditava que eles não podiam receber qualquer tipo de instrução.

Botelho (1998) aponta que durante a Idade Média, a Igreja Católica também desempenhou um papel na discriminação das pessoas com deficiência. Aqueles que não se enquadravam no padrão físico estabelecido como “imagem e semelhança de Deus”, pela Igreja, eram marginalizados e não considerados como seres humanos, sendo muitas vezes associados ao demônio. Essa atitude era particularmente problemática em relação às famílias mais vulneráveis, causando desconforto à igreja.

O pioneirismo das igrejas tem desempenhado um papel fundamental no surgimento de

intelectuais dedicados ao estudo da Libras. Esses estudiosos, frequentemente também intérpretes, passaram a compreender a relação entre pessoas surdas e ouvintes como parte de um movimento social significativo. Dentro da comunidade religiosa, a recepção de sinais é frequentemente vista como uma experiência divina, onde Deus está transmitindo uma mensagem de vida à pessoa (Silva, 2012).

No contexto religioso, o intérprete possui um papel substancial no reconhecimento da surdez como uma característica étnico-linguística distinta. Apesar de ser considerada uma das primeiras iniciativas de inclusão de surdos no Brasil, a atuação nos ambientes religiosos, como observado por Nascimento (2014), teve sua origem como uma atividade não profissional. Inicialmente, essa prática era voluntária, e, como apontado pelo autor, “a expansão dessa atividade para além do âmbito religioso ocorreu à medida que os movimentos sociais de e para surdos começaram a liderar lutas em prol do reconhecimento de sua língua, comunidade, identidade e cultura [...]” Nascimento (2014, p.1123).

Conseqüentemente, é necessário que o tradutor e intérprete de Libras demonstre sensibilidade e respeito às crenças e práticas religiosas dos Surdos. Isso envolve não apenas o entendimento da doutrina da religião em questão, mas também a compreensão das nuances e símbolos específicos que podem ser parte integrante das cerimônias religiosas. Ao mostrar essa consideração, o profissional contribui para um ambiente inclusivo e acolhedor.

Outra atitude essencial é a neutralidade e imparcialidade. O tradutor e intérprete de Libras deve permanecer neutro em relação às crenças religiosas, evitando qualquer viés pessoal que possa afetar a interpretação. Isso assegura que a mensagem transmitida seja fiel ao que está sendo dito, permitindo que as pessoas Surdas recebam a mesma experiência espiritual que os ouvintes (Brasil, 2010).

A empatia também é uma qualidade fundamental. Muitos indivíduos surdos podem enfrentar desafios emocionais e sociais em suas vidas devido à barreira da comunicação. O tradutor e intérprete de Libras deve estar ciente dessas dificuldades e ser capaz de oferecer apoio emocional quando necessário, demonstrando compreensão e empatia em relação às experiências desse público em específico.

A confidencialidade é uma norma ética essencial. Os tradutores e intérpretes de Libras frequentemente têm acesso a informações pessoais e confidenciais durante os serviços de interpretação. Eles devem manter a privacidade das pessoas Surdas e garantir que essas informações não sejam compartilhadas indevidamente. De fato, a constante busca por aprimoramento e atualização é uma atitude que os profissionais devem adotar. A língua de sinais e a terminologia religiosa podem evoluir ao longo do tempo, e os intérpretes e

tradutores de Libras precisam estar atualizados e familiarizados com essas mudanças para fornecer serviços de alta qualidade (Diniz, 2020).

## 2.5 Modelo dos esforços para a interpretação simultânea

Antes de entrarmos em detalhes sobre os efeitos da modalidade de língua na interpretação simultânea entre duas línguas de modalidades diferentes, é necessário estabelecer uma compreensão geral do que é interpretação. Para alcançar essa compreensão, vamos examinar algumas definições de autores respeitados que conduziram pesquisas nessa área.

Franz Pöchhacker, em seu livro *“Introducing Interpreting Studies”*, descreve interpretação como “uma forma de tradução em que a *versão inicial e final em outra língua* é produzida com base no *tempo de oferecimento* de um enunciado na língua-fonte” (Pöchhacker, 2004 apud Rodrigues, 2013, p. 36, grifos do autor). Isso coincide com a definição de Kade (1968), que afirma que a interpretação é uma forma de translação na qual “o texto de origem é apresentado apenas uma vez e, portanto, não pode ser revisto ou reproduzido, e o texto de destino é produzido sob pressão de tempo, com pouca oportunidade de correção e revisão” (Kade, 1968 apud Rodrigues, 2013, p. 35).

Alguns autores relacionam a interpretação ao ato da fala, ou seja, ao discurso não escrito ou registrado, (sim) ou ainda, ao discurso oral em produção. Gile, em seu texto *“Conference and simultaneous interpreting”* descreve a interpretação como a “tradução oral do discurso oral” destacando várias propriedades específicas, como entonação, ritmo, dinâmica, intensidade, expressividade e postura (Gile, 1998 apud Rodrigues, 2013, p. 35).

Rodrigues argumenta que o que define o processo de interpretação não é apenas a modalidade do texto a ser trabalhado, mas também outros critérios que devem ser considerados. Ele destaca que tradutores lidam com um texto de origem escrito ou gravado em vídeo e/ou áudio e têm tempo para construir e refinar o texto de destino, definindo seu próprio ritmo de trabalho. Em contraste, intérpretes não têm muito tempo para trabalhar com o texto de origem, pois ele está sendo falado no momento da interpretação, e o texto de destino deve ser entregue imediatamente, com o ritmo de trabalho ditado pelo orador e não pelo intérprete (Rodrigues, 2013, p. 36).

Portanto, com base nessas definições apresentadas por esses autores, podemos concluir que a interpretação envolve o manuseio de um texto com disponibilidade efêmera, onde o intérprete, raras vezes tem acesso ao texto já proferido (nem sempre o profissional

recebe com antecedência um script para consulta de termos e afins), assim, resta-lhe pouco tempo, ou nenhum, para tomar decisões imediatas, simultâneas, devido à pressão do tempo.

Neste subtópico, intenciona-se fornecer uma compreensão básica do processo de interpretação, sem aprofundar nos aspectos que diferenciam a tradução da interpretação, uma vez que isso não é o foco da presente pesquisa. O modelo de interpretação simultânea de “esforços” é um método utilizado por intérpretes para facilitar a tradução de um idioma para outro em tempo real, geralmente durante conferências, palestras e/ou eventos ao vivo. Esse modelo se baseia na ideia de que o intérprete deve esforçar-se para transmitir não apenas as palavras exatas do orador, mas também o significado, o tom de voz e a intenção por trás do discurso. Existem vários componentes-chave para este modelo:

Quadro 3 – Componentes-chave para o modelo de interpretação simultânea

Componentes-chave	Geradores
Compreensão Profunda	O intérprete deve compreender profundamente o idioma de origem (a língua do orador) e o idioma de destino (a língua em que a tradução será feita). Isso inclui não apenas o vocabulário e a gramática, mas também a cultura, o contexto e as nuances linguísticas.
Escuta Ativa	O intérprete deve ouvir ativamente o orador, capturando o que está sendo dito em tempo real. Isso requer concentração total e a capacidade de processar informações rapidamente.
Interpretação Simultânea	Enquanto o orador está falando, o intérprete traduz o discurso para o idioma de destino. Isso é feito quase que instantaneamente, e o intérprete deve ser capaz de acompanhar o ritmo do orador.
Fidelidade à Mensagem	O intérprete deve se esforçar para transmitir a mensagem do orador com precisão, incluindo o significado, o tom e a intenção por trás das palavras. Isso requer habilidades linguísticas avançadas e a capacidade de adaptar a tradução conforme necessário.
Neutralidade	O intérprete deve permanecer neutro e imparcial ao transmitir a mensagem, independentemente de concordar ou discordar do conteúdo. A interpretação não deve refletir as opiniões pessoais do intérprete.
Gerenciamento de Estresse	A interpretação simultânea pode ser uma tarefa estressante, especialmente em eventos de alta pressão. Os intérpretes devem ser capazes de lidar com o estresse e manter o foco durante todo o processo.
Equipamentos e Tecnologia	Muitas vezes, intérpretes simultâneos utilizam equipamentos de interpretação simultânea, como fones de ouvido e microfones, para facilitar a comunicação. A tecnologia desempenha um papel importante na interpretação simultânea.

Fonte: elaboração própria.

Este modelo de “esforços” enfatiza a importância da qualidade e da precisão na interpretação simultânea, bem como a dedicação do intérprete em transmitir a mensagem de forma eficaz e autêntica. É uma habilidade altamente especializada que requer treinamento e prática extensivos. Ainda sobre interpretação simultânea, Russo (2010) explana que:

A Interpretação Simultânea é uma habilidade cognitiva complexa usada para servir de comunicação entre falantes de diferentes línguas e culturas. Ela implica na transposição oral de uma mensagem em um idioma de origem para uma língua-alvo, enquanto a mensagem está a ser entregue. Por isso, o intérprete tem que ouvir o orador e ao mesmo tempo produzir sua própria fala (Russo, 2010, p. 333).

É ainda mais evidente o elemento de "imediatismo" nesta modalidade de interpretação. Nogueira (2016, p. 79), ao discutir as características desta modalidade, sugere que “imediatismo é uma das principais propriedades desse modelo de interpretação e, ao contrário da consecutiva, não há pausas: a pessoa que fala segue seu discurso em um fluxo contínuo enquanto a interpretação está acontecendo”. No entanto, antes de ocorrer a tradução para outro idioma, há um atraso resultante dos processos envolvidos na interpretação simultânea. Nogueira (2016) destaca essa questão da seguinte forma:

Na modalidade da interpretação “simultânea”, a questão da simultaneidade, na verdade é relativa. Existe sempre um delay entre a pessoa que fala e a produção do intérprete. Para conseguir realizar esse processo, o intérprete utiliza sua memória de curto prazo, o que exige dele também habilidades de processamento cognitivo, para que faça rápidas tomadas de decisões e escolhas interpretativas. Necessitando ainda uma concentração absoluta e grande esforço mental, além de atenção visual e atenção ao contexto (Nogueira, 2016, p. 79).

Com relação a esse atraso que ocorre no processo, Pagura (2003) expressa uma visão semelhante à de Nogueira:

A interpretação simultânea não ocorre, de fato, simultaneamente à fala original, pois o intérprete tem necessidade de um espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão. Esse breve espaço de tempo recebe o nome tradicional de “déalage”, termo francês usado em todo o mundo (Pagura, 2003, p. 211).

Assim, podemos observar, através das definições dos autores, que a interpretação simultânea acontece em tempo real à medida que o falante "entrega" seu discurso, com o "imediatismo" como uma das características principais da modalidade, sem pausas ou intervalos, mas com um pequeno atraso entre a fala do apresentador e a interpretação, devido ao processo cognitivo necessário nesse tipo de atuação.

No que diz respeito às modalidades de línguas, podemos entender que essas

modalidades se referem aos sistemas físicos ou biológicos de transmissão que permitem a realização da fonética de uma língua, como explicado por McBurney (2004 apud Rodrigues, 2018, p. 304). Em termos simples, existem duas modalidades principais de línguas: a vocal-auditiva, que envolve a articulação vocal e a audição para a comunicação, e a gestual-visual, que utiliza gestos e a percepção visual.

Na modalidade vocal-auditiva, a produção da fala segue uma sequência que começa com processos neurolinguísticos para conectar ideias aos sons planejados, seguidos por processos neuromusculares que envolvem músculos do corpo, incluindo mudanças na respiração. O ar é modificado ao passar pelas cavidades supraglóticas, resultando nos fonemas planejados (Cagliari; Cagliari, 2001).

Na modalidade gestual-visual, usada nas línguas de sinais, não encontramos uma descrição direta de como a fala é produzida, mas pode-se fazer uma analogia aos processos da modalidade vocal-auditiva. Os passos incluem a concatenação de ideias com "visemas", seguida pela organização dos músculos intercostais para produzir o sinal. Posteriormente, os músculos do tórax e membros superiores executam os sinais planejados (Chaibue; Aguiar, 2016, p. 13).

Essas modalidades diferem na forma como a comunicação é articulada e percebida. Nas línguas vocais-auditivas, a articulação ocorre internamente no corpo, enquanto nas línguas gestuais-visuais, os sinais são produzidos externamente através de gestos envolvendo diferentes partes do corpo, incluindo expressões faciais, movimentos dos braços, tronco e cabeça (Rodrigues, 2018, p. 114).

Essas diferenças nas modalidades das línguas têm um impacto significativo na estrutura e nas características de cada idioma. Por exemplo, nas línguas de sinais, o espaço de sinalização e os movimentos das mãos e do corpo são usados para transmitir informações quadridimensionalmente, enquanto nas línguas orais, há uma estrutura linear para encadear informações no fluxo de fala (Lourenço, 2015, p. 321). No entanto, é importante notar que ambas as modalidades podem ter elementos de simultaneidade, dependendo do contexto linguístico (Brito, 1995, p. 29) Por fim, as modalidades das línguas se referem às diferentes maneiras pelas quais a comunicação é transmitida, seja através da articulação vocal e audição (vocal-auditiva) ou através de gestos e percepção visual (gestual-visual).

Cada modalidade influencia a estrutura e as características de uma língua de maneira única. Portanto, é evidente que as características das línguas de sinais, devido à sua modalidade gestual-visual, permitem a transmissão de informações de maneira quadridimensional. Isso significa que múltiplos elementos podem ser executados

simultaneamente, ou várias informações podem ser comunicadas com um único sinal. Isso envolve o uso de elementos como expressões faciais, gestos corporais, utilização do espaço e até mesmo classificadores (CL)<sup>15</sup>.

Por outro lado, as línguas orais, que dependem da articulação vocal e da audição para a comunicação, operam em um sistema linear de informações. Ou seja, elas transmitem apenas uma palavra de cada vez enquanto a fala flui naturalmente.

Para uma compreensão mais visual das distinções entre essas duas modalidades, Rodrigues nos oferece um quadro comparativo que ajuda a ilustrar essas diferenças de forma lúdica. Rodrigues (2018) traz um quadro comparativo acerca das distinções existentes entre as duas modalidades.

Quadro 4 – Diferenças entre línguas orais e de sinais

LÍNGUAS ORAIS	LÍNGUAS DE SINAIS
Produção interna ao corpo	Produção externa ao corpo
Articuladores bem menores que os das línguas de sinais	Articuladores muito maiores que os das línguas orais
Articulação praticamente invisível	Articulação visível
Vinculadas diretamente à respiração	Não vinculadas ou pouco vinculadas à respiração
Braços e mãos disponíveis durante a produção da língua	Trato vocal disponível durante a produção da língua
Consolidam-se em sinais acústicos	Consolidam-se em sinais gestuais
Demandam uma largura de banda ( <i>bandwidth</i> ) menor	Demandam uma largura de banda ( <i>bandwidth</i> ) maior
Têm como meio basicamente o tempo, sendo unidimensionais	Têm como meio a junção tempo-espaço, sendo multidimensionais
Dependem de recepção auditiva (dependência da propagação de sons)	Dependem de recepção visual (dependência da disponibilidade de luz)
Mais antigas e de longo interesse da Linguística	Mais jovens e de recente interesse da Linguística

Fonte: Rodrigues (2018, p. 115).

<sup>15</sup> “Os classificadores têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente. São geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 93).

Em interpretação simultânea interlingual, ocorre a comunicação entre duas línguas distintas, podendo ser um processo intramodal ou intermodal. O termo “intramodal” é utilizado quando as línguas em questão pertencem à mesma modalidade, enquanto “intermodal” é empregado quando as línguas envolvem modalidades diferentes. Essa distinção é fundamental para compreender a dinâmica da interpretação, conforme explicado por Rodrigues (2018) “essas diferenças fundamentais nas modalidades das línguas têm implicações significativas nos processos de interpretação e tradução”. As línguas de sinais, devido à sua modalidade gestual-visual, possuem a capacidade de transmitir informações de forma quadridimensional, utilizando expressões faciais, gestos corporais, espaço e classificadores. Isso permite a transmissão simultânea de múltiplos elementos ou informações com um único sinal, tornando-as multidimensionais (Gile, 2015).

Por outro lado, as línguas orais operam em um sistema linear de informações, transmitindo uma palavra de cada vez no fluxo da fala. Elas são unidimensionais e dependem da audição para serem compreendidas. Essas distinções têm um impacto significativo na interpretação e tradução de línguas de modalidades diferentes.

Os conceitos de interpretação intramodal e intermodal fornecem uma base sólida para entender as complexidades envolvidas na interpretação e tradução de línguas de modalidades distintas. A compreensão desses conceitos é essencial para intérpretes e tradutores que atuam nesse campo, pois ajuda a direcionar suas abordagens de acordo com a natureza das línguas envolvidas. Os Estudos da Interpretação têm se empenhado em aprofundar o entendimento da tarefa de interpretação e dos fenômenos que ocorrem durante esse processo. Pesquisadores de diferentes países têm contribuído para essa área, trazendo *insights* valiosos (Gile, 2015).

Um exemplo notável é Daniel Gile, que em 1999 introduziu o “Modelo dos Esforços”, que discute os desafios enfrentados pelos intérpretes durante o seu trabalho, incluindo questões como a memória de curto prazo. Esse modelo ajuda a compreender os obstáculos que os intérpretes enfrentam em sua atuação. Outros pesquisadores, como Robyn K. Dean e Robert Q. Pollard Jr. (2001), aplicaram a proposta de Karasek sobre “Demanda e Controle” ao estudo do estresse ocupacional na interpretação de línguas de sinais. Eles destacaram que as “demandas” podem ser aplicadas a qualquer tipo de interpretação e referem-se a fatores que aumentam a carga de estresse do intérprete de língua de sinais. O “controle” diz respeito ao poder que o intérprete tem para lidar com essas demandas. Exemplos de demandas linguísticas incluem a fluência do cliente, o tipo de discurso, as habilidades do intérprete em receber e produzir o discurso, o vocabulário técnico, entre outros (Gile, 2015).

O IDRH (*Intérpretation – Décisions – Ressources – Contraintes*) de Daniel Gile será

explorado, pois ele descreve as fases de compreensão e reformulação do discurso pelo intérprete. Esse modelo ajuda a entender como o intérprete processa e traduz o discurso de forma eficaz. Em resumo, este artigo abordará diversos aspectos do trabalho do intérprete, desde os desafios enfrentados durante a interpretação até as estratégias e modelos teóricos que podem auxiliar na compreensão e execução dessa tarefa complexa.

De acordo com Franz Pöchhacker (2004), os Estudos da Interpretação (EI) ganharam destaque significativo a partir dos anos 70. Desde então, os pesquisadores têm se esforçado para distinguir a tradução da interpretação. Com base nesses estudos, Pöchhacker (2004, p. 11) define interpretação como “um tipo de tradução no qual a primeira e a última versão na outra língua são produzidas com base em uma única apresentação de um enunciado na língua-fonte”. Isso implica que o intérprete deve possuir um excelente domínio de ambas as línguas e culturas envolvidas, além de habilidades para gerenciar, entre outras coisas, a memória de curto prazo, uma vez que ela é acessada ao longo de todo o processo de interpretação.

Pöchhacker (2004) também menciona que a interpretação pode ocorrer entre diferentes línguas faladas e também entre uma língua falada e uma língua de sinais, seja de forma consecutiva ou simultânea. Neste artigo, concentrar-se-á na interpretação que ocorre de maneira simultânea entre uma língua falada e uma língua de sinais.

Outro ponto importante abordado por Pöchhacker (2004, p. 10) é que “a interpretação é realizada 'aqui e agora' para beneficiar pessoas que desejam se comunicar, superando barreiras de língua e cultura”. No caso da interpretação simultânea, mesmo que atualmente exista a prática do uso de tecnologia, como a transmissão da interpretação por vídeo, ela geralmente ocorre com as partes envolvidas compartilhando o mesmo espaço físico. Isso ressalta a importância do papel do intérprete durante a tarefa, especialmente quando se trata de interpretação envolvendo uma língua de sinais, uma vez que o espaço de sinalização é parte fundamental do discurso.

Nos estudos da Interpretação, Pöchhacker (2004) destaca a influência de alguns autores que têm sido fundamentais para o desenvolvimento desse campo de estudo. Entre eles, Danica Seleskovitch se destaca, pois foi professora na *École Supérieur d'Interprètes et de traducteurs* (ESIT), na Universidade de Paris III-Sorbonne Nouvelle, onde criou um programa de doutorado em Tradutologia. As bases teóricas e metodológicas estabelecidas por Seleskovitch nesse programa deram origem a diversas teses de doutorado sobre interpretação.

O nome de Marianne Lederer se destaca entre os pesquisadores que seguiram os princípios da Teoria Interpretativa da Tradução (TIT). Em colaboração com Danica Seleskovitch, Lederer coeditou uma coleção de artigos sobre a formação de intérpretes,

intitulada “*Interpréter pour traduire*”, que foi originalmente publicada em 1984 e teve uma reedição em 2015. Este livro se estabeleceu como uma obra de referência nos Estudos da Interpretação.

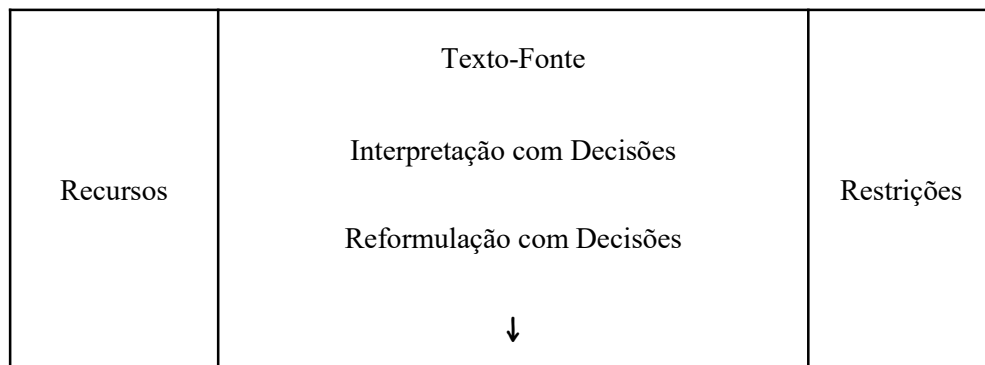
O professor e intérprete de conferências Daniel Gile ganhou reconhecimento notável com a publicação de seu artigo “*Testing the Effort Models tightrope hypothesis in simultaneous interpreting – A contribution*” em 1999, que foi traduzido para o português do Brasil em 2015.

Gile (2015) introduziu o “Modelo dos Esforços”, que descreve o conjunto de esforços envolvidos na interpretação entre línguas faladas, incluindo esforço de audição e análise, esforço de produção, esforço de memória de curto prazo e esforço de coordenação. O autor também adaptou esse modelo para a interpretação entre uma língua falada e uma língua de sinais, substituindo a expressão “Esforço de Audição e Análise” por “Esforço de Recepção” para melhor se adequar às línguas de sinais, que são visuais e espaciais. Ele também propôs a inclusão do “Esforço de Autogestão no Espaço” e o “Esforço de Interação com Receptores Surdos” em interpretações envolvendo línguas de sinais.

A Teoria Interpretativa da Tradução (TIT), desenvolvida por Seleskovitch na década de 60, enfatiza a importância de capturar o “querer dizer do autor” em vez de buscar equivalentes linguísticos. Isso requer que o intérprete tenha uma sólida base cognitiva, incluindo conhecimento linguístico e cultural nas línguas fonte e alvo.

Um conceito fundamental da TIT é a “desverbalização”, que envolve várias fases, incluindo compreensão, desverbalização e reformulação. A TIT encoraja a análise do discurso para uma compreensão mais profunda do significado, permitindo que o intérprete adapte a mensagem de acordo com as necessidades comunicativas da situação.

Sophie Pointurier Pournin, em sua tese de doutorado, relaciona a teoria de Seleskovitch com as teorias de Skopo, Vermeer e Gile (2014), destacando a importância da função comunicativa nas decisões interpretativas, levando em consideração as normas das línguas envolvidas e as questões culturais durante a reformulação da mensagem. Isso ressalta o papel crucial do intérprete como mediador e a necessidade de um profundo conhecimento das línguas e culturas em jogo para realizar com sucesso seu trabalho. Com o objetivo de aprofundar a discussão sobre o processo de tradução, será apresentado a seguir o Modelo IDRC de Daniel Gile (2009), que também é abordado por Pointurier Pournin em sua tese.

Quadro 5 – Modelo IDRC (*Interprétation-Décisions-Ressources-Contraintes*)

Fonte: adaptado pelo autor com base em Gile (2009).

De acordo com Gile (2009), seu Modelo IDRC esquematiza o processo de tradução como uma sequência de fases de compreensão e reformulação. Após cada fase de compreensão, o segmento relevante do texto-fonte é interpretado usando os recursos disponíveis, e decisões são tomadas. Na fase de reformulação, essas decisões influenciam a escolha de palavras, estruturas linguísticas e a seleção de informações a serem mantidas, modificadas ou adicionadas, dependendo de diversos fatores, como as especificações do cliente e o conhecimento atribuído aos leitores ou ouvintes da tradução.

Para esclarecer seu Modelo IDRC, Gile (2015) destaca quatro características fundamentais. Primeiramente, o modelo é descritivo e pode ser aplicado a todas as categorias da tradução humana. Em segundo lugar, é um modelo de processo, não de produto, o que significa que se concentra nas ações do tradutor e nas decisões tomadas durante o processo de tradução. Terceiro, incorpora conceitos da psicolinguística relacionados às operações cognitivas envolvidas na interpretação do texto-fonte. Por fim, coloca as decisões do tradutor no centro do modelo, reconhecendo sua importância fundamental no processo de tradução.

O processo de tradução envolve diversas restrições que afetam o tradutor ou intérprete. Gile (2009) discute essas restrições, que estão relacionadas à limitação de recursos disponíveis durante o processo de tradução. Uma dessas restrições é a “inferioridade de conhecimentos temáticos pertinentes do Tradutor” o que pode levar a uma sobrecarga cognitiva, especialmente na interpretação simultânea, onde o intérprete não tem acesso a fontes adicionais de pesquisa, como dicionários ou especialistas no assunto. Isso pode resultar em dificuldades na produção do texto na LA. Além disso, as restrições podem estar relacionadas a habilidades sociais, comunicativas, linguísticas e cognitivas do tradutor, afetando sua capacidade de mediar a comunicação de maneira eficaz.

Outras duas restrições discutidas por Gile (1995) são a alta carga cognitiva imposta ao

intérprete, conforme apresentada em seu “Modelo dos Esforços” e a conformidade com normas específicas estabelecidas pelo cliente ou pelo tipo de discurso a ser traduzido. Essas normas podem incluir características estilísticas e culturais marcantes ou questões de natureza, religiosa ou jurídica; noutras áreas também ocorrem. Isso pode limitar a liberdade do tradutor na produção de explicitações, já que seguir estritamente as normas é essencial para manter a integridade da mensagem. Assim, tanto tradutores quanto intérpretes estão sujeitos a várias restrições que podem influenciar a produção do texto na LA. Um conhecimento sólido das línguas envolvidas e dos contextos culturais é essencial para o processo de desverbalização, que visa garantir que o texto na LA transmita o mesmo sentido do texto na língua-fonte (LF).

Durante o processo de interpretação em língua de sinais, o intérprete utiliza estratégias como a paráfrase e a cenarização para transmitir o sentido do discurso. A cenarização envolve a representação visual de elementos do discurso no espaço de sinalização, permitindo ao intérprete criar dinamicamente cenas que não existem no discurso original, mas cujos referentes são claros no discurso em língua de sinais correspondente. Isso ajuda a projetar o sentido da mensagem no espaço de sinalização e facilita a compreensão do público-alvo. O “Modelo dos Esforços”, desenvolvido por Gile, é um modelo que esquematiza o processo de tradução como uma sucessão de fases de compreensão e reformulação. Este modelo se baseia em conceitos e ideias cognitivas, especialmente o conceito de recursos limitados de atenção e a hipótese de uma forte correlação entre a dificuldade da tarefa e a duração de sua aplicação. Gile argumenta que qualquer conclusão cognitiva que invalide os pressupostos básicos sobre os quais o modelo é construído deve ser considerada.

O “Modelo dos Esforços” pressupõe que, embora existam alguns recursos cognitivos compartilhados, como memória de trabalho e memória de longo prazo, há componentes suficientes que não são compartilhados na interpretação para justificar a distinção entre os três esforços centrais: um centrado na compreensão, outro na produção da fala (interpretação simultânea) ou das notas (na primeira fase da interpretação consecutiva), e outro nas operações da memória de curto prazo. Isso é justificado pelo fato de que, na interpretação simultânea, a compreensão ocorre em um idioma e a produção em outro, enquanto na interpretação consecutiva, o que é produzido (na fase da audição) são notas. Essas diferenças justificam a separação desses dois esforços (Gile, 2015). Esse modelo também se baseia em três grandes premissas operacionais:

Primeiro, cada um dos três esforços têm componentes não automáticos, o que significa que todos eles exigem recursos de atenção. Segundo, eles estão pelo menos parcialmente competindo, o que implica que, mesmo que compartilhem recursos e possam cooperar em

certa medida, sua coexistência geralmente aumenta as necessidades de capacidade de processamento, isso é conhecido como a “Hipótese da Concorrência”. E terceiro, são gerenciados de forma coordenada, com a gestão da atribuição de capacidade entre eles.

Destarte, o “Modelo dos Esforços” de Gile oferece uma estrutura para entender o processo de tradução e interpretação, considerando os recursos cognitivos limitados e a competição entre os diferentes aspectos envolvidos no processo. Ele enfatiza a importância da atenção, da coordenação e das operações não automáticas na realização dessas tarefas complexas.

## **2.6 Lexicologia e terminologia**

A lexicologia e a terminologia são dois campos linguísticos que desempenham papéis essenciais na compreensão e na comunicação em diferentes línguas e culturas. Ambos se concentram no estudo do vocabulário, mas têm objetivos e aplicações distintas. A lexicologia é o estudo do vocabulário de uma língua. Ela se concentra na análise, na classificação e na descrição das palavras que compõem um idioma específico. Os lexicólogos exploram a origem, a evolução, a estrutura e o significado das palavras. Eles também investigam as relações entre as palavras, como a sinonímia (palavras com significados semelhantes), antonímia (palavras com significados opostos) e polissemia (palavras com múltiplos significados). A lexicologia é fundamental para a compreensão da semântica, que estuda o significado das palavras e como ele é atribuído em diferentes contextos (Machado, 2017 p. 30).

A terminologia, por outro lado, é um campo especializado que se concentra na criação, organização e gestão de terminologias em áreas específicas do conhecimento. Ela é essencial em campos como medicina, direito, tecnologia e muitos outros, onde a precisão e a consistência terminológica são cruciais. Os terminologistas trabalham na padronização de termos técnicos e na elaboração de glossários e bases de dados terminológicos para auxiliar profissionais, tradutores e intérpretes a lidar com terminologia específica de suas áreas (Machado, 2017, p. 248).

Ambos os campos desempenham papéis cruciais na tradução e na interpretação. Os tradutores e intérpretes dependem da lexicologia para compreender a estrutura e o significado das palavras nas línguas fonte e alvo. Eles também recorrem à terminologia para garantir a consistência e a precisão ao lidar com textos técnicos e especializados. A terminologia auxilia na escolha adequada de termos específicos de cada área, garantindo que a mensagem seja

transmitida de forma correta e sem ambiguidades.

A lexicologia e a terminologia são fundamentais para a criação de glossários, dicionários especializados e recursos de apoio à tradução e à interpretação. Na formação de profissionais da linguagem, ajudando-os a desenvolver as habilidades necessárias para lidar com vocabulário diversificado e especializado, são campos interligados que desempenham papéis essenciais na compreensão, na comunicação e na tradução de idiomas. Ambos contribuem para a precisão, a clareza e a consistência nas áreas da linguagem e do conhecimento, tornando-se ferramentas valiosas para aqueles que trabalham com idiomas e culturas diferentes. As políticas de acessibilidade linguística para surdos estão ganhando cada vez mais relevância no Brasil (Gile, 2015).

De acordo com Castro Júnior (2011, p. 62), “a Lexicologia é o campo que se dedica ao estudo do léxico e dos mecanismos sistemáticos e apropriados de conexão entre o componente léxico de uma língua e os demais componentes gramaticais. Ela é uma fonte real de criação e formação de novas unidades lexicais”. Por outro lado, a Terminologia tem como principal objetivo o estudo do léxico específico de uma área especializada. Faulstich (2001, p. 13) explica que a terminologia é um sistema de conceitos próprios a um domínio especializado e suas denominações, essencialmente constituindo um conjunto de termos com significados específicos.

A Terminologia da Língua de Sinais é um campo em constante crescimento, proporcionando oportunidades de aprimoramento e expansão de conceitos e termos anteriormente desconhecidos pela Comunidade Surda. Por muito tempo, a Comunidade Surda foi marginalizada na sociedade, mas ao longo de um processo de luta que se estendeu principalmente pelas décadas de 70, 80 e 90, conquistou visibilidade e reconhecimento linguístico e social.

Em 2002, um marco importante foi alcançado com a promulgação da Lei nº 10.436/2002, conhecida como Lei de Libras, que oficialmente reconheceu a Libras como o meio de comunicação e expressão dos surdos. Posteriormente, em 2006, o Decreto nº 5.626/2005 regulamenta essa lei e estabeleceu diretrizes para a formação de professores para o ensino de Libras e para a formação de tradutores e intérpretes com proficiência em Libras e Língua Portuguesa. Essas medidas viabilizaram a inclusão dos surdos no contexto educacional e garantiram que as informações pudessem ser transmitidas por meio de sua língua, a Libras.

Nesses estudos terminológicos em Língua de Sinais têm se desenvolvido para facilitar o acesso da Comunidade Surda e dos profissionais tradutores e intérpretes de língua de sinais

ao conhecimento especializado em diversas áreas. Estes esforços contribuem significativamente para garantir que os surdos tenham acesso ao conhecimento e promovam a inclusão linguística e social dessa comunidade. O vocabulário das Línguas de Sinais tem sido sistematicamente organizado em léxicos, dicionários e glossários que abrangem diversas áreas técnicas e científicas. Isso é resultado das conquistas alcançadas no que diz respeito à inclusão social dos surdos, que agora têm a oportunidade de se envolver em ambientes onde a expansão do vocabulário em Língua de Sinais se faz necessária para que sua participação plena seja viabilizada. Essa demanda é particularmente relevante nos contextos educacionais e técnicos.

Em relação à Terminologia nas Línguas de Sinais, adotou-se o conceito de “sinal-termo” proposto por Faulstich (2016). Esse conceito reconhece a distinção entre sinais utilizados na comunicação cotidiana em Libras e aqueles usados em linguagens de especialidade. O sinal-termo é considerado uma unidade terminológica específica que abrange a representação abstrata de conceitos e significados em áreas especializadas.

A estrutura dos sinais em Libras é organizada de acordo com parâmetros, classificadores, empréstimos linguísticos, elementos prototípicos e morfemas-base. Esses elementos contribuem para a formação de um léxico rico e dinâmico na Libras, permitindo a expressão de termos e conceitos específicos em diferentes contextos. Campello (2008, p. 90) acrescenta que “a Língua de Sinais Brasileira é uma língua sinalizada, de modalidade visogestual, com estrutura gramatical como: fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, utilizada pela Comunidade Surda Brasileira”

Ainda, segundo Quadros e Karnopp (2004), tanto a língua falada quanto a língua de sinais devem ser reconhecidas como línguas naturais, com equivalência em termos de complexidade e capacidade de expressão. Elas são igualmente capazes de transmitir qualquer conceito ou ideia e são essenciais para a comunicação eficiente dentro de suas respectivas comunidades de usuários.

Nos trabalhos de tradução, especialmente na tradução especializada, os tradutores frequentemente desempenham o papel de terminologistas, uma vez que lidam constantemente com termos específicos de uma linguagem de especialidade. De acordo com Krieger (2006), os tradutores especializados devem ter a competência não apenas para identificar e traduzir os termos presentes no texto de origem, mas também para organizar sistematicamente os resultados de suas pesquisas terminológicas.

A Terminologia na tradução técnica, fornecendo diretrizes e conhecimentos teóricos para a compreensão e a tradução de termos técnicos e científicos. A Terminologia é uma área

que se concentra no estudo e na aplicação de termos técnicos e científicos, e suas pesquisas contribuem para a competência profissional dos tradutores. Ela fornece as ferramentas necessárias para lidar com a linguagem especializada de diferentes campos do conhecimento.

Os tradutores enfrentam desafios complexos que exigem competências específicas, incluindo o conhecimento do campo temático, o uso de terminologia apropriada e a compreensão das características dos gêneros textuais na LA. Além disso, a capacidade de buscar e se familiarizar com os referentes dos textos em diversas áreas é essencial para a tradução especializada. A capacidade temática, que envolve conhecimentos e metacconhecimentos relacionados ao vocabulário especializado de áreas temáticas específicas, é crucial para os tradutores e intérpretes. Essa capacidade abrange a compreensão de campos de conhecimento especializados, como ciências, artes ou profissões, e pode envolver habilidades práticas ou conhecimento científico, dependendo do contexto.

Portanto, a tradução especializada requer não apenas habilidades linguísticas, mas também competências terminológicas e temáticas. Os tradutores desempenham o papel de terminologistas ao lidar com terminologia técnica e científica, e a Terminologia desempenha um papel fundamental na construção da competência profissional desses profissionais.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentam-se os passos adotados para a consecução do objetivo delineado para esta pesquisa.

#### 3.1 Delineamento da pesquisa

Após obtenção de aprovação do protocolo de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 74378023.1.0000.5152), a investigação foi executada em duas etapas envolvendo seres humanos. Da população de TILSP, foi realizada uma amostragem constituída por quatro participantes, recrutados por conveniência a partir dos contatos do próprio pesquisador, sendo esse número reduzido justificado pelo tempo disponível para a pesquisa, pela sua suficiência para consecução dos objetivos e pela recorrência de amostragem em outras pesquisas (*e.g.*, Da Silva, 2007).

A primeira etapa consistiu em um estudo qualitativo, descritivo e exploratório baseado na realização de uma entrevista semiestruturada. Optou-se por esse formato por permitir a captura de informações não previstas inicialmente pelo pesquisador, mas, ao mesmo tempo, conferir certa objetividade à coleta. Nessa entrevista, ocorrida em ambiente virtual, por meio da plataforma Google Meet, o enfoque incidiu sobre os dados sociodemográficos dos participantes, sua formação, suas experiências de interpretação Português-Libras e suas percepções sobre a atuação em condições adversas. O objetivo foi traçar um perfil dos participantes e identificar suas percepções sobre o trabalho do intérprete do par linguístico Português-Libras, tanto no contexto educacional como no contexto religioso. Em termos de percepções, indagou-se aos participantes: “Você, enquanto intérprete educacional, tem que informações e conhecimentos sobre os aspectos inerentes à sua própria atuação?”; “Como você avalia a sua atuação e seu impacto para o aprendizado do Surdo em contexto educacional?”; “Como você avalia a sua atuação quando não domina o assunto que está sendo apresentado?”; “Como funciona o revezamento nas suas atuações como intérprete?”. Buscou-se, assim, compreender a trajetória dos discursos, reconhecendo e ressaltando a importância do estabelecimento de relações saudáveis entre o intérprete de Libras e os outros agentes com quem ele convive em sala de aula e em outros campos da sociedade.

As entrevistas foram transcritas seguindo metodologia de transcrição de áudio, a qual possui como enfoque o conteúdo proposicional em detrimento dos aspectos da

oralidade. As transcrições foram examinadas por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2020). Foram cumpridas duas etapas da análise de conteúdo. Na primeira, pré-análise, foi feita uma leitura flutuante para melhor familiarização com os dados. Na segunda, exploração do material, foi feita a categorização dos dados relevantes a esse estudo, buscando identificar consonâncias e dissonâncias entre os participantes. Vale sublinhar que, “apesar de o objetivo da transcrição ser transpor às informações orais em informações escritas, nesse processo ocorre um segundo momento de escuta, no qual podem permear impressões e hipóteses que afloram intuitivamente durante o ato de escutar e transcrever” (Manzini, 2003).

A segunda etapa consistiu na realização de um quase-experimento, aqui entendido como a realização de tarefas em ambiente controlado, mas sem controle de algumas variáveis e sem estabelecimento de um grupo controle propriamente dito. Essa é a etapa mais diretamente relacionada com o objetivo geral deste estudo. Foram realizadas duas sessões de interpretação por cada um dos participantes: a Sessão “A” envolveu o contexto religioso, no qual todos os participantes tinham conhecimento de domínio; e a Sessão “B” envolveu o contexto educacional, no qual os participantes tinham experiência de atuação, mas não tinham conhecimento de domínio na área específica da saúde (mais especificamente, prevenção ao câncer de mama”). Sublinha-se que essa configuração de tarefas foi relevante para atingir o objetivo geral proposto: como todos os intérpretes selecionados têm experiência no contexto religioso – no qual há certa previsibilidade do discurso e o que tem as Escrituras Sagradas como mensagem-fonte presumida –, esperou-se um melhor desempenho na sessão “A” em comparação com a sessão “B”, cujo domínio, embora com temática relacionada à educação, era pouco conhecido pelo intérprete; nela não havia previsibilidade do discurso nem presunção da mensagem-fonte.

### **3.2 Participantes da pesquisa**

Os critérios de seleção dos participantes (Pp) incidiram da seguinte forma: de ambos os sexos, ter entre 30 e 50 anos, com formação em Letras-Libras, ter experiência de três anos ou mais em interpretação no contexto sensível (*i.e.*, contexto religioso) e, ter experiência de três, cinco ou mais anos como intérprete educacional. Os contatos de convite à atuação ocorreram, após o filtro e seleção dos participantes, por meio do WhatsApp e/ou *e-mail*. Mediante aceite, foram agendadas conversas para explicar a dinâmica da pesquisa, sanar dúvidas e agendar a realização das próximas etapas. A Tabela 1 disponibiliza o perfil dos participantes da pesquisa.

Tabela 1 – Perfil dos participantes da pesquisa (Pp)

Pp	Nível acadêmico	Formação	Experiências – contextos		Idade	Sexo
			Religioso	Educacional		
1	Licenciatura	Letras-Libras	12 anos	8 anos	36	M
2	Licenciatura	Letras-Libras	14 anos	12 anos	45	M
3	Bacharelado	Letras-Libras	10 anos	10 anos	28	F
4	Licenciatura	Letras-Libras	11 anos	7 anos	30	F

Fonte: elaboração própria.

Os participantes da pesquisa, de ambos os sexos, já possuem formação superior. Sua faixa etária encontra-se entre 28-45 e são todos residentes dos estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. O local-espço das gravações foi definido pelos participantes.

### 3.3 Local da pesquisa

Cada sessão de interpretação foi realizada de maneira virtual pela plataforma Google Meet e envolveu estímulos por meio de dois vídeos de palestras com duração de 42 e 58 minutos em língua portuguesa (respectivamente, dos domínios religioso e educacional). Trata-se de um período extenso, superior aos 20-30 minutos geralmente preconizados para as línguas orais, o que se justifica pela possibilidade de o desempenho se manter por mais tempo, principalmente na sessão “A” (contexto religioso, onde se pressupõe conhecimento de domínio pelos participantes). A despeito da diferença temporal entre os vídeos-fonte, limitou-se a análise aos 42 minutos comuns entre elas.

Durante a coleta dos dados, foram partícipes das gravações apenas o pesquisador e o intérprete. Os participantes não tiveram acesso aos materiais previamente, o que buscou emular a realidade recorrente – no cotidiano profissional – de os palestrantes e/ou professores não fornecerem com antecedência um roteiro de suas apresentações ou os conteúdos de suas falas. Os temas das gravações foram “Você pode ser amigo de Jeová Deus” (sessão “A”, contexto religioso) e “Saúde da mulher: a importância do diagnóstico precoce, medidas de prevenção do câncer de mama” (sessão B, contexto educacional). O objetivo de fornecer duas sessões foi comparar a qualidade da interpretação quando o intérprete tivesse e não tivesse conhecimento de domínio do texto-fonte a partir do qual

realizou a interpretação inversa Português-Libras e observar se, independentemente do estímulo, a qualidade decairia com o tempo.

### 3.4 Instrumentos para a produção dos dados informativos

Primeiramente, fez-se uma breve análise das entrevistas com base em Aguiar e Ozella (2013). Objetivou-se encontrar pré-indicadores como conexão à construção e organização de núcleos de significação (Silva, 2019). Esses núcleos, com base em Aguiar e Ozella (2006; 2013), oferecem subsídios que mensuram a sinalização bem como as particularidades, distintas ou não, de cada participante.

As sessões de interpretação foram analisadas manualmente. O material foi segmentado em trechos de cinco minutos de vídeo. Em seguida, foi feita a transcrição das glosas (Ccori, 2018) referentes ao material produzido pelos intérpretes. Foi adotada a metodologia desenvolvida por Morais (2018), considerando as pausas realizadas durante os processos, e a metodologia desenvolvida por Dias (2023), focando-se apenas nas realizações linguísticas do texto-fonte e do texto-alvo.

As análises foram feitas de maneira descritiva por cada trecho entre cinco e cinco minutos. Ainda que tenham sido levantados dados numéricos acerca das estratégias empregadas, a natureza do trabalho é qualitativa e exploratória. Os resultados, por participante, foram agregados para cada contexto (religioso e educacional) e, em seguida, contrastados, tomando-se como parâmetros: (i) o uso de estratégias; e (ii) a ocorrência de desvios, equívocos (*i.e.*, proposições inadmissíveis no contexto). Além disso, esses dados foram avaliados em função do tempo, partindo-se da hipótese de que, para ambas as tarefas, a qualidade decairia com o avançar da tarefa, sendo esse decaimento mais rápido na sessão “B” (para a qual o intérprete não tinha conhecimento de domínio).

Levando em conta o objetivo da pesquisa, o profissional intérprete e o período de tempo de atuação relativo e o seu desempenho em dois contextos distintos, *a priori*, como leitura introdutória, as gravações foram assistidas na íntegra, como recurso de registro visual-auditivo, comparativo e escrito. Em seguida, deu-se, novamente, início à segunda reprodução das gravações de modo a apropriar-se dos resultados – a sinalização em Libras a partir do texto-fonte – gerados de cada participante com suas estratégias de interpretação e organização da língua de sinais e suas especificidades enquanto idioma distinto. A partir dessa coleta de informações, foi possível destacar, analisar e organizar as motivações, a origem dos pré-indicadores consoantes às questões respondidas pelos intérpretes.

Após assistir às gravações, por duas vezes e com distintos olhares, foi possível observar e encontrar pré-indicadores, tais como os elementos não verbais – expressões faciais e postura – que antecipam os núcleos de significação. Em seguida, deu-se início às análises – construtivas e interpretativas como apontado por Aguiar e Ozella (2013) – de modo a organizar os indicadores e construir os núcleos de significação (Silva, 2019; Aguiar; Ozella, 2006, 2013) a fim de mensurar cada atuação particular. As “expressões sinalizadas revelaram significados importantes” e que dão “sentido ao seu contexto” quanto à vivência e experiências de cada um (Silva, 2019, p. 92), além de corroborar Aguiar e Ozella (2006), que dizem:

Ao discutir significado e sentido, é preciso compreendê-los como constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional. Dessa forma, na perspectiva de melhor compreender o sujeito, os significados constituem o ponto de partida: sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido. Afirma-se, assim, que o sentido é muito mais amplo que o significado, pois o primeiro constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz frente uma realidade (p. 26-27).

A interpretação de Libras é uma habilidade complexa que envolve a transmissão de conteúdo verbal e não verbal de uma língua de sinais para a língua falada e vice-versa. Segundo Swabey (2003), a literatura aponta que o intérprete de Libras desempenha um papel crucial na comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, facilitando o acesso a informações e promovendo a inclusão. Não obstante, a fadiga cognitiva pode afetar a qualidade da interpretação: de acordo com Eysenck e Calvo (1992), pode resultar em dificuldades de processamento de informações, erros na seleção de sinais e diminuição da capacidade de concentração.

Assim como no modelo de Aguiar e Ozella (2006), os indicadores encontrados nesta pesquisa foram: os sinais linguísticos distintos realizados por cada participante, atentando para sua articulação e nuances, e por meio desses, os núcleos de significação se deram em desvendar as unidades temáticas centrais do discurso, apreendendo as relações entre os elementos verbais e os não verbais (Aguiar; Ozella, 2006, 2013; Silva, 2019). Dessa forma, o Quadro 6 apresenta os Núcleos e os Indicadores, coletados com base nas experiências e na síntese das formações dos participantes, “aspectos essenciais e constituição dos sujeitos – a compreensão da realidade social desses participantes, que configura ou não em diversas formas de suas vivências: em concepções e emoções condicionadas” pelo fator tempo, organização de ideias e vocabulários (Silva, 2019, p. 94).

Quadro 6 – Núcleo de significação e seus indicadores

NÚCLEO	INDICADORES
Núcleo 1 – Relações e Formação dos intérpretes: conteúdo e experiências.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Informações e conhecimentos do papel do intérprete.</li> <li>● Impacto no aprendizado do Surdo em contexto educacional.</li> <li>● Autoavaliação de atuação.</li> <li>● Não domínio do assunto apresentado.</li> <li>● Revezamento nas suas atuações.</li> </ul>
Núcleo 2 – Expertise e Estratégias nos campos de atuação.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Termos técnicos complexos.</li> <li>● Vocabulário específico.</li> <li>● Citações e uso de datilologia.</li> <li>● Explicitação ou omissão de informações.</li> <li>● Pausas e extensões.</li> <li>● Compensação no uso do tempo.</li> <li>● Fadiga cognitiva e/ou corporal.</li> </ul>

Fonte: elaboração própria com base no Roteiro de Questões e nas gravações (2023).

Para a análise e discussão das sinalizações, consideram-se o tempo de atuação e o desempenho em dois contextos distintos pelo profissional intérprete de Libras.

A estruturação dos núcleos de significação (cf. Quadro 6) e seus resultados se baseiam nos indicadores extraídos dos pré-indicadores, isto é, os efeitos das expressões dos participantes. Parafraseando Aguiar (2007) e harmonizando-o com o contexto de interpretação, tem-se que, para compreender a sinalização do outro, não basta apenas entender os seus sinais. É necessário compreender a sua formação, a sua bagagem lexical e, nas entrelinhas corporais, o seu esforço cognitivo e também o seu esforço físico; é preciso compreender cada expressão não manual que naturalmente será visível à medida que o tempo de atuação se eleva.

Os resultados das gravações foram agregados para cada contexto (sessão “A”, referente ao contexto religioso; e sessão “B”, referente ao contexto educacional) e, em seguida, contrastados entre si a fim de avaliar o desempenho dos participantes ao longo do tempo considerando o conhecimento de domínio e as estratégias de interpretação adotadas.

Passa-se, a seguir, às análises dos dados obtidos.

## 4 ANÁLISES DOS DADOS

Neste capítulo, apresenta-se a análise dos dados segmentadas em dois núcleos: relações e formação dos intérpretes (com base nas entrevistas); e expertise e estratégias nos campos de atuação (com base nas gravações das sessões de interpretação).

### 4.1 NÚCLEO 1 – Relações e Formação dos intérpretes: conteúdo e experiências

A pesquisa intérpretes de Libras, como em qualquer área de estudo, apresenta desafios e oportunidades únicos, principalmente quando se considera a heterogeneidade do grupo. Essa diversidade, decorrente, dentre outros fatores, do tempo de formação e experiência, pode ser um obstáculo (ou não) para determinados tipos de pesquisa (como as experimentais), mas também se constitui como uma rica fonte de *insights*.

Antes de introduzir os pormenores de cada atuação, expõem-se, a seguir, breves descrições dos participantes (Pp) quanto às suas as expressões significativas, baseadas nas entrevistas, que legitimam suas vivências. Cada sujeito aborda um período de aprendizagem e contato com a Língua de Sinais.

As diferentes realidades dos intérpretes, mesmo atuando no mesmo contexto, oportunizam e impulsionam meios estratégicos na mediação entre as línguas envolvidas. Essa multiplicidade de perspectivas e experiências individuais podem levar a descobertas complexas e nuances que não seriam possíveis em um grupo homogêneo. Expõem-se, a seguir, algumas das expressões relatadas pelos participantes da pesquisa em conjunto com apontamentos encontrados na literatura pertinente. Tais relatos revelam seus pontos de vista quanto à atuação nos contextos em que experienciaram estar.

Pp1 relatou:

O intérprete de Libras é importante em todos os contextos e ambientes onde predomina a cultura ouvinte. No contexto educacional, sua presença é essencial para mediar a comunicação entre docentes e alunos, tornando o ambiente e o conteúdo acessíveis para pessoas surdas. Sem o intérprete de Libras, os surdos acabam sendo excluídos em ambientes de ouvintes... E no campo religioso é fundamental a presença da língua de sinais e de intérpretes para que pessoas surdas possam ser incluídas no ambiente e na comunidade religiosa que desejam frequentar. Acho essencial para que elas possam compreender e vivenciar plenamente a fé onde escolheram estar” (Pp1, 2023).

O intérprete de Libras no contexto religioso atua como uma ponte de comunicação entre a Comunidade Surda e a religiosa, permitindo que os membros Surdos tenham acesso

aos ensinamentos e rituais de sua fé. De acordo com Johnson (2018), a inclusão de intérpretes de Libras em cerimônias religiosas é essencial para garantir que todos os membros da congregação possam participar plenamente das práticas, demonstrando um compromisso com a diversidade e a igualdade de acesso à espiritualidade. Oliveira (2017) enfatiza que o intérprete de Libras desempenha um papel fundamental na interpretação não apenas das palavras, mas também das emoções e da espiritualidade presentes no discurso religioso; ele atua como um mediador cultural, transmitindo não apenas o conteúdo verbal, mas também os gestos, expressões faciais e entonação que podem ser cruciais para a compreensão completa do discurso religioso.

Souza (2019) ressalta que a presença de um intérprete qualificado pode fazer com que os membros Surdos se sintam verdadeiramente parte da comunidade religiosa, fortalecendo seu senso de pertencimento e conexão espiritual. Além disso, a presença do intérprete de Libras nas cerimônias religiosas está em conformidade com as diretrizes de acessibilidade e inclusão dispostas pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Como aponta Santos (2020), a garantia de acesso à espiritualidade é um direito fundamental de todas as pessoas, independentemente de sua condição auditiva, e os intérpretes de Libras desempenham um papel fundamental nesse processo.

Pp1 ainda disse:

Uma dificuldade comum em qualquer contexto é o conhecimento de todo o vocabulário que for utilizado. Não há intérprete especialista em todos os assuntos. Porém, é necessário saber passar a informação correta mesmo sem conhecer sinais específicos. Para atuar em contexto religioso, vejo um desafio passar a emoção correspondente ao interlocutor do que for dito. Em contexto acadêmico/educacional, minha maior dificuldade é atender um surdo que tem vocabulário reduzido, onde no meio da interpretação se faz necessário incluir uma explicação rápida de certos vocabulários, usar variação linguística (dois ou três sinais) em sequência com mesmo significado, tudo isso sem ficar muito pra trás na explicação do professor. Outra coisa é conhecer o vocabulário de todos os componentes curriculares. Pesquiso praticamente todos os dias um conjunto de sinais de assuntos abordados nas aulas...Ainda posso incluir interpretação de textos, incluindo avaliações e músicas sem tempo hábil para preparo” (Pp1, 2023).

O papel do intérprete de Libras no contexto do discurso religioso é crucial para garantir a inclusão e a igualdade de acesso dos membros Surdos às práticas religiosas. O intérprete “traduz” não apenas o conteúdo, mas também as emoções e a espiritualidade, fortalecendo o senso de pertencimento e conexão espiritual da Comunidade Surda. Além disso, sua presença está em conformidade com os princípios estabelecidos pela Convenção

das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Brasil, 2009).

Pp2 disse:

Eu tento aproveitar todas as oportunidades para atuar e buscar ainda mais enriquecer meu vocabulário em ambas as línguas. A tarefa de traduzir e interpretar não é tão simples. Me preocupo sempre com a qualidade da minha atuação e, ainda mais com a Comunidade Surda, que prezo e respeito a sua absorção da mensagem. Sempre, em minhas atuações, busco entender a mim mesmo e saber se, aquilo que estou sinalizando irá chegar com clareza aos sujeitos Surdos. Nessas duas tarefas, lancei mão apenas dos títulos. Desafiei-me mesmo para saber como estava a minha memória de curto e longo prazo quanto ao que viria a ser entregue. Esse desafio proporcionou-me organizar as estratégias na interpretação simultânea, já que eu não teria tempo de consultar material (embora eu pudesse), mas queria passar nessa “saia justa” e usar o que eu conhecia até o momento. Iniciei de manhã, por volta das 11h e encerrei às 14h. Com o material em mãos, iniciei pelo que eu achei que poderia ser mais complexo, o contexto acadêmico/educacional. Nele me vi no desafio de compreender os conceitos (de sinais que eu não tinha conhecimento) e lançar mãos das estratégias. No outro, no contexto religioso, me vi mais confortável, já que nessa linha de atuação tenho mais afinidade (exatamente por ter “nascido”, enquanto intérprete, nesse contexto). Em ambas as atuações me vi desafiado, por mim mesmo; pude constatar e reafirmar o que sempre disse a mim e a outros pares: devemos sempre buscar atualizações conceituais e lexicais, com respeito a todo contexto, independentemente de qual seja, pois, por sermos intérpretes atuantes, nada escapa de um bom estudo para conhecer, re-aprender, absorver e ampliar o vocabulário. Vale muito a pena conhecer e estar preparado para atuar. Esse foi um desafio, foi um preparo para as futuras demandas, já que, nem sempre recebemos material para que possamos nos preparar com antecedência. Por fim, vejo que o revezamento, entre os pares, é extremamente importante. Recordo que, quando eu atuava em escola regular, o período de descanso era apenas o da troca de professores e nos intervalos. Entre cinquenta e cinquenta minutos de aula, a pausa era para dar uma relaxada e tomar água; não tive complicações de postura e nem LER/DORT, tentei sempre usar estratégias para isso também. O não me esforçar, ficar com os membros rígidos durante a atuação, ajudou muito; sempre os mantive mais relaxados para não sobrecarregar a mim mesmo, já que não havia outro para para revezamento (Pp2, 2023).

Pp3 relatou:

Os intérpretes são a ponte de comunicação entre Surdos e ouvintes e são indispensáveis para a inclusão do Surdo na escola, no trabalho, em diferentes âmbitos, pois com o intérprete o Surdo tem acesso às informações tendo assim uma comunicação mais inclusiva e integração com a sociedade. Minhas dificuldades – não receber o material com antecedência e nem informações sobre o assunto que vai ser abordado. Isso me deixa preocupada do Surdo acabar perdendo informações importantes. Não ter outro intérprete revezando, começo a ficar cansada e por consequência minha sinalização sofre com isso, ficando mais difícil passar todas as informações para o Surdo. No âmbito educacional também tive dificuldades com alguns educadores devido pela falta de compreensão deles da cultura Surda, sentindo que alguns alunos meus ficavam excluídos de algumas atividades e alguns eram vistos como incapazes de aprender”

(Pp2, 2023).

A vivência de Pp3 como tradutora e intérprete do par linguístico Libras/Português, no contexto escolar, é marcada por diversas dificuldades, e corrobora as pesquisas de Lacerda e Nascimento (2020), Lacerda *et al.* (2020) e outros autores. Essas dificuldades incluem: falta de acesso prévio ao material e informações; ausência de revezamento entre intérpretes; falta de compreensão da cultura surda pela escola e por alguns educadores; relações sensíveis entre intérpretes, alunos Surdos e comunidade escolar;

Pp4 relatou como é a sua perspectiva quanto à importância do intérprete, tanto no contexto religioso quanto no educacional:

[...] então é com respeito ao primeiro né? Foi o que eu falei da questão da comunicação, né? Quando eu interpreto tá lá atuando né... ele abre a mente do surdo, por assim dizer né? Ele começa a compreender o que o professor tá querendo dizer... ou o que o Ancião tá querendo dizer, no contexto religioso, né? Então assim... é uma realmente abre as portas pra Ele e ele consegue compreender e assim ele é incluído na comunidade né? E os desafios... Eu acredito no contexto escolar seria é quando o surdo ele não tem pleno conhecimento da língua da própria língua de sinais a gente trabalha nessa área a gente percebe isso que às vezes você pega um surdo primeiro ano e ainda não é fluente na Libras. Então a gente não vai interpretar tudo né a gente vai o que vai ajudar ele na comunicação né então tipo assim quando a gente pega um surdo que ele não é fluente é já dá um pouquinho de trabalho né porque você vai ter que se adaptar a realidade dele... não vai adiantar ficar interpretando simultâneo pq ele não vai reter conhecimento né?... então essa é uma dificuldade outra dificuldade também no contexto escolar é não ter a matéria antes né... às vezes o professor vai lá explicar a história da 2º guerra... aí no momento tem que pegar figuras e não consegue se preparar antes né porque eles fala ali no momento não tem um planejamento... tipo, óh Camila no momento vou dar isso... não consigo me preparar antes é a matéria antes ...então esse também é uma dificuldade e no contexto religioso assim Eu Acredito que pra gente né da nossa organização é tudo bem organizar é realmente é organizado né tudo interpretado né não deixa os surdos de fora né realmente acho que acredito que o surdo às vezes não consegue obter mais conhecimento na questão da religião por causa de não saber realmente a língua né e varia né porque assim às vezes muitos não têm acesso a gente sabe né de cada um né... muitos não teve acesso a Libras deste pequeno ou às vezes a família não concordou né e só mais tarde foi aprender ou às vezes a família também não sabe vai aprender na escola então eu acredito que na dificuldade também da religião seria isso ... surdo sabe os sinais básico aí não consegue reter mais comunicação” (Pp4, 2023).

Além de garantir a acessibilidade linguística, o intérprete de Libras também atua como um facilitador da experiência espiritual para os membros Surdos. De acordo com Silva (2021), a presença do intérprete não apenas permite que os Surdos compreendam as mensagens religiosas, mas também proporciona um espaço onde podem expressar suas opiniões e espiritualidade de forma plena e significativa. Ademais, consoante Santos (2021), a formação

e a qualificação dos intérpretes de Libras no contexto religioso são cruciais para garantir uma interpretação precisa e culturalmente sensível, sobretudo porque a comunicação religiosa frequentemente envolve linguagem simbólica e metafórica.

Parafraseando Carvalho (2019), a interpretação de Libras no contexto religioso vai além da mera “tradução” de palavras; é um processo de conexão entre dois mundos culturais distintos. Os intérpretes de Libras são habilitados para entender não apenas as línguas, mas também as nuances culturais e simbólicas das práticas religiosas. Além disso, atuam na construção de pontes entre a Comunidade Surda e a comunidade ouvinte dentro da congregação religiosa. Como observa Torres (2020), a presença do intérprete pode promover o entendimento mútuo, a empatia e a conscientização sobre a cultura surda, contribuindo para a criação de ambientes religiosos mais inclusivos e acolhedores.

A postura do profissional tem impacto na interpretação, pois pode afetar a qualidade da comunicação e a compreensão por parte do público Surdo. De acordo com Johnson (2017), a postura do intérprete influencia a clareza dos sinais e a sua visibilidade para o público. Além disso, Silva (2019) argumenta que a postura do intérprete também pode afetar a comunicação não verbal, incluindo expressões faciais e gestos corporais, que são componentes essenciais da língua de sinais. Portanto, a escolha de ficar de pé durante a interpretação pode influenciar a maneira como esses elementos são transmitidos e percebidos.

Os intérpretes são facilitadores da educação para estudantes Surdos, abrindo portas para o conhecimento. O papel do intérprete de Libras na educação vai além de garantir a acessibilidade linguística aos estudantes surdos. Sua atuação como facilitador da experiência educacional contribui para a inclusão social, o desenvolvimento cognitivo e a construção de uma aprendizagem significativa (Pereira, 2008). Sua atuação na mediação linguística e cultural quebra as barreiras de comunicação em sala de aula, permitindo que o aluno Surdo compreenda os conteúdos e participe ativamente das aulas, o que facilita a comunicação e a criação de um ambiente de aprendizagem mais acolhedor (Marques; Oliveira, 2009, p. 396-397). Por sua vez, sua atuação pedagógica auxilia o professor na adaptação das atividades e materiais didáticos para atender às necessidades dos alunos Surdos, garantindo uma aprendizagem mais inclusiva e permitindo o desenvolvimento cognitivo e social do aluno, e também facilita a participação dos alunos Surdos em atividades sociais e extracurriculares, promovendo sua integração com os demais alunos e com a comunidade escolar, inclusive em termos de mediação de conflitos (Albres, Rodrigues, 2018).

No entanto, a postura ideal pode variar dependendo do contexto e do público. De acordo com Santos (2020), em algumas situações, como em palestras, ambientes formais ou

cerimônias religiosas, manter uma postura ereta e formal pode ser mais adequado. Já em contextos mais informais, como conversas cotidianas, uma postura mais relaxada e sentada pode ser mais adequada. No contexto educacional, conforme aponta Veiga (2018), compete ao intérprete atentar-se a questões de imparcialidade, neutralidade, ética profissional, respeito à diversidade e habilidades interpessoais. Com efeito,

[a] educação inclusiva deve permitir que os alunos surdos tenham uma educação com qualidade. Essa prática permite e possibilita a interação de alunos que dela fazem parte surdos e ouvintes. Para isso espera-se que os alunos surdos alcancem seu máximo potencial, em atividades desenvolvidas de acordo com o processo cognitivo de cada um, e para que este trabalho se desenvolva ele precisa do profissional intérprete educacional (Veiga, 2018, p. 11).

Ademais, recomenda-se que o intérprete se mantenha atualizado sobre as últimas pesquisas e práticas na área da tradução e interpretação em Libras. Isso inclui participar de cursos, *workshops*, congressos e outras atividades de formação continuada a fim de uma postura de reflexão crítica sobre sua prática profissional, buscando aprimorar suas habilidades e conhecimentos continuamente. Isso inclui analisar suas atuações, identificar pontos fortes e fracos e buscar soluções para melhorar seu desempenho (Lemos, 2023; Lopes, 2020).

Por fim, corroborando Rodrigues (2021, p. 18), é perceptível, principalmente no contexto religioso, mas também, em alguns casos, na área educacional que “independente[mente] dos desafios implicados nessa prática, os intérpretes que atuam nesses contextos são, grande maioria, voluntários e membros das comunidades em que interpretam. [...] sendo o exercício [...] realizado sem diretrizes ou remuneração”. Nesse sentido, e de acordo com a experiência exposta, vivida e observada ao longo do tempo e nesta pesquisa, merecem algumas considerações sobre o perfil dos intérpretes de libras:

- **voluntariado e comprometimento comunitário:** muitos intérpretes de Libras que atuam em contextos religiosos são voluntários e membros das comunidades religiosas. Isso indica um alto nível de comprometimento pessoal e um desejo de inclusão dentro da própria comunidade;
- **formação baseada na experiência:** a formação desses intérpretes muitas vezes se dá de maneira informal e prática, baseada na necessidade e no contexto em que atuam. Aprendem através da prática, observação e troca de experiências com outros membros da comunidade (falantes da LA);
- **conexão com a comunidade:** como membros das próprias comunidades religiosas, esses intérpretes possuem uma compreensão profunda dos valores, práticas e

linguagem específica da fé que professam, o que pode enriquecer a interpretação.

- **desafios enfrentados pelos intérpretes:** embora a experiência comunitária seja valiosa, pode haver lacunas na formação formal, incluindo a falta de conhecimento técnico sobre estratégias de interpretação, terminologia específica e questões éticas profissionais. A ausência de um treinamento formal estruturado pode levar a dificuldades em lidar com a complexidade e a diversidade das situações de interpretação, como a interpretação de aulas, palestras, seminários, discursos públicos, sermões teológicos complexos ou rituais específicos. A falta de diretrizes formais e remuneração pode impactar a motivação e a qualidade do serviço; sem um sistema de suporte e reconhecimento, os intérpretes podem enfrentar dificuldades em se manter atualizados e motivados. Mesmo sendo voluntários em alguns contextos, é necessário que os intérpretes mantenham um nível de profissionalismo e qualidade na interpretação, o que pode ser desafiador sem a formação contínua e o feedback apropriado. O equilíbrio entre a dedicação voluntária e a necessidade de práticas profissionais é crucial, e os intérpretes podem se sentir sobrecarregados se não houver um apoio comunitário adequado ou se forem constantemente chamados a atuar sem preparação suficiente.
- **reconhecimento e valorização:** são fundamentais para sua motivação e para a melhoria contínua dos serviços prestados.

#### 4.2 NÚCLEO 2 – Expertise e Estratégias nos campos de atuação

Nesta seção, analisam-se os dados referentes à exposição dos profissionais a dois temas distintos em tarefas que lhe exigiram tempo estendido na atuação, sem revezamento, e sobrecarga física e cognitiva. Mais especificamente, os dados se referem a duas sessões distintas, em vídeo, quais sejam: (i) palestra do contexto religioso (sessão “A”), com o tema “Amizade com Deus”, com duração de 42 minutos; e (ii) palestra do contexto educacional (sessão “B”), com o tema “Câncer de mama”, com duração de 58 minutos.

Quadro 7 – Resultados da atuação do Participante 1 (A)

(Continua)

Pp	Trecho do Texto-Fonte	Indicadores	Ocorrências – Conhecimento			Tempo
	Contexto Religioso (A)		domínio (+)	Neutro	domínio (-)	
Pp1	O intérprete utiliza <b>Adição</b> , provavelmente pelo objetivo de deixar ainda mais clara a mensagem. A utilização do “sinal + datilologia” passa uma imagem de dúvida de que o sinal seja realmente este, assim prefere utilizar o excesso de informação. Desse modo, ele utiliza também a <b>paráfrase</b> , a fim de explicar o significado da informação.	Termos técnicos complexos.	Adição; Paráfrase.			0:01 a 4:59
	O intérprete utiliza o processo anafórico de forma precisa e clara. Ele passa a MF (mensagem-fonte) para a MA (mensagem-alvo) de uma maneira fidedigna, demonstra o tempo todo domínio e controle da temática e de sua atuação. Não demonstra sinais de cansaço, uma vez que é perceptível sua atenção íntegra na entrega do trabalho. Utiliza, neste período, <b>adição</b> , <b>reestruturação</b> e <b>reprodução</b> , fazendo o uso de estratégias que deixam a sinalização mais clara, porém, sem excessos.	Vocabulário específico.	Processo Anafórico; Interpretação concisa; Atenção, controle e domínio do tempo. Adição; reestruturação; reprodução			5:00 a 9:59
	O intérprete inicia utilizando a <b>reprodução</b> , faz-se o uso da datilologia, uma vez que a mensagem-fonte trata muito de passagens bíblicas e, em alguns momentos o intérprete, não conhece ou não se lembra dos sinais. O intérprete faz uso novamente da <b>repetição</b> . Embora não afete negativamente a mensagem, a entrega pode ficar um pouco cansativa, pelo fato de repetir muitas vezes um sinal ou frase, que foi o caso. O intérprete também utilizou a <b>reconstrução</b> para se autocorriger.	Citações e uso de datilologia.	Reprodução; Reconstrução.	Repetição		10:00 a 14:59

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Quadro 7 – Resultados da atuação do Participante 1 (A)

(Continua)

Pp	Trecho do Texto-Fonte	Indicadores	Ocorrências – Conhecimento			Tempo
	<p>O intérprete utiliza muitos classificadores, mostrando domínio das expressões não manuais e de recursos poéticos na sinalização, em sintonia com a MF.</p> <p>Logo, depois começa a usar <b>omissões</b>, o que talvez sinalize um alerta, para que haja uma pausa na interpretação.</p> <p>Também se utiliza de <b>adição</b>, para enfatizar e deixar o discurso mais claro, e utiliza da estratégia de <b>aproximação</b>, para que a mensagem não seja tão complexa, empregando sinônimos e termos relacionados semanticamente.</p>	<p>Explicitação ou omissão de informações.</p>	<p>Adição; Aproximação.</p>		<p>Omissões.</p>	<p>15:00 a 19:59</p>
	<p>O intérprete utiliza várias estratégias para atingir o objetivo da interpretação e também demonstra certo cansaço.</p> <p>A primeira estratégia é de <b>reestruturação</b>, alterando a ordem da mensagem.</p> <p>A segunda é a <b>reconstrução</b>, fazendo uma leitura mais aproximada, utilizando sinônimos, para dar clareza e sintetizar a mensagem.</p> <p>Também utiliza mais de uma vez a <b>reprodução</b>, fazendo o uso excessivo de datilologia.</p>	<p>Pausas e extensões.</p>	<p>Reestruturação; Reconstrução.</p>		<p>Reprodução.</p>	<p>20:00 a 24:59</p>
	<p>Neste ponto, o cansaço mental já fica bem mais evidente. A sinalização que vinha sendo de forma padronizada passa por oscilações. É visível que, em alguns momentos, o intérprete tenta buscar conectivos ou equivalências para a entrega da sua interpretação.</p> <p>Ele utiliza <b>transcodificação</b>, sinalizando palavra por palavra em uma sentença, e <b>omissão</b>, não realizando um sinal equivalente ao significado da MF.</p> <p>Utiliza também a <b>adição</b>, colocando sinal sem equivalente na MF. Neste momento, o sinal não condiz com a mensagem, correspondendo a um lapso.</p>	<p>Compensação no uso do tempo.</p>			<p>Transcodificação ; Omissão; Adição.</p>	<p>25:00 a 29:59</p>

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

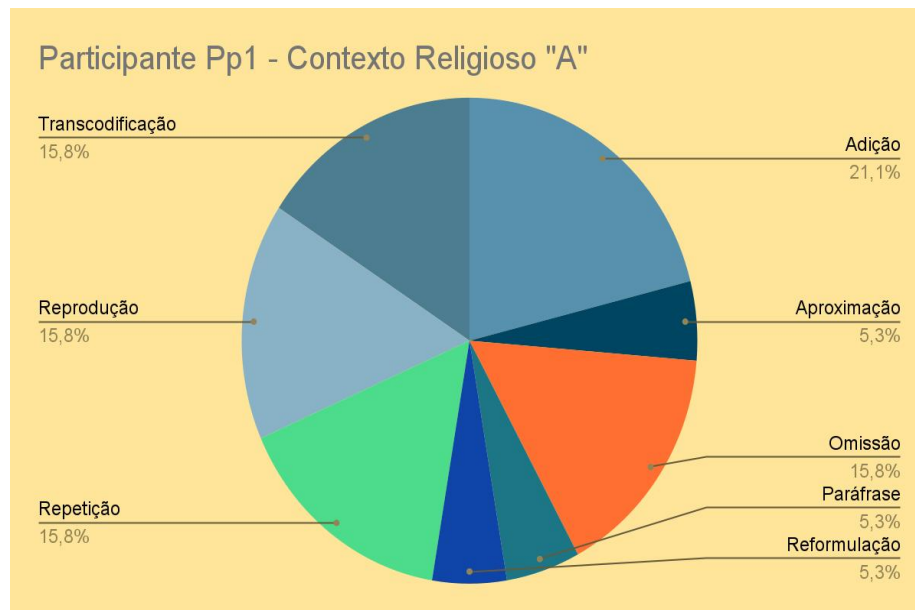
Quadro 7 – Resultados da atuação do Participante 1 (A)

(Conclusão)

Pp	Trecho do Texto-Fonte	Indicadores	Ocorrências – Conhecimento			Tempo
	<p>O cansaço fica mais evidente, tanto mental quanto físico, uma vez que o intérprete escolheu sinalizar em pé.</p> <p>A sinalização, a partir desse ponto de 31 min, passa a ser mais robótica, em muitos momentos, palavra por palavra – utilizando a estratégia de <b>transcodificação</b>.</p> <p>A <b>omissão</b> também aparece.</p> <p>Houve a presença também da <b>reconstrução</b>, pois teve a intenção de explicar a mensagem de uma outra forma.</p>	Fadiga cognitiva e/ou corporal.			<b>Transcodificação; Omissão; Reconstrução.</b>	30:00 a 34:59
	<p>Há transcodificação e repetição logo no início. A transcodificação foi sim necessária; porém, a <b>repetição</b> também evidencia cansaço.</p> <p>É nítida a dor e desconforto na perna. O contato visual em algumas sentenças desaparece. O que antes era um padrão, utilizando o contato visual para evidenciar as narrações, a partir dessa minutagem se perde.</p> <p>Há uso de <b>reformulação</b>, para que a mensagem seja mais plausível e para expressar de uma forma mais clara.</p>		<b>Transcodificação ; Reformulação.</b>		<b>Repetição.</b>	35:00 a 39:59
	<p>A <b>repetição</b> de sinal ficou evidente, em geral sem necessidade.</p> <p>O intérprete finaliza sua interpretação utilizando a <b>reestruturação</b>.</p>				<b>Repetição e Reestruturação.</b>	40:00 a 42:01

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Gráfico 2 – Estratégias do Participante 1 (Pp1) no contexto religioso (A)



Fonte: elaboração própria.

O conteúdo da palestra, sessão “A” (Quadro 7), foi narrado de forma calma, cadenciada e com uma oratória favorável ao entendimento e compreensão. O conteúdo aborda mais valores e sentimentos do que uma religião de denominação específica.

Pp1 realizou sua interpretação na posição em pé. Foi possível observar, em sua atuação, uma familiaridade com o contexto religioso. De modo geral, sua sinalização foi clara e objetiva. Demonstrou conhecimento, fluência e domínio das estratégias de interpretação. Foi percebido o uso constante do “*mouthings*”<sup>16</sup>, desde o início da interpretação. Próximo ao fim da palestra, o mesmo demonstrou cansaço físico, visto que, devido às condições de atuação – em pé e sem revezamento – às essas circunstâncias, foi aceitável.

A observação do momento inicial até os 4min59s evidenciou que Pp1 utiliza positivamente a estratégia da “Adição”, tendo como objetivo deixar a mensagem mais clara. Leeson (2005) afirma que, “tendo em vista que essas adições são conscientes [...] e funcionam como um meio de tornar a LA compreensível para o seu público, não faz sentido considerá-los como ‘equivocos’” ou distanciamentos, mas sim esforços de aproximação, pois ajudam a esclarecer a mensagem para o público-alvo. Para Cokely (2005), as adições podem ser essenciais para garantir que a mensagem seja clara e compreensível. Por exemplo, certas informações contextuais ou culturais que são implícitas na LF podem não ser imediatamente claras na LA. O intérprete, ao adicionar explicações ou contextos, está ajudando o público a

<sup>16</sup> O *mouthings*, também conhecido como movimento labial articulado, é uma técnica utilizada por alguns intérpretes de Libras durante a interpretação simultânea. Consiste em mover os lábios de forma a reproduzir a fonética das palavras da língua oral enquanto se sinaliza em Libras (Rodrigues, 2016).

entender melhor a mensagem. Ainda, Quadros (2004) argumenta que a adição, quando usada de maneira consciente e estratégica, é uma prática válida e muitas vezes necessária na interpretação. Ela não deve ser vista como um “erro”, mas como uma adaptação necessária para garantir que a mensagem seja clara, precisa e específica para o público-alvo.

Durante esse período, o “sinal + datilologia” foi um recurso utilizado transmitir palavras ou conceitos específicos quando não há um sinal correspondente na Libras ou quando houve necessidade de esclarecer ou destacar um termo e/ou vocabulário técnico. Castro Júnior (2010) destaca a importância da gramática da datilologia, especialmente no contexto da intercomunicação entre duas línguas diferentes e/ou uso de terminologias específicas, pois amplia as possibilidades de comunicação e troca de informações entre as pessoas surdas e as que estão inseridas na comunidade.

Além disso, ao optar por incluir informações adicionais por meio da paráfrase, o intérprete busca garantir que a mensagem seja transmitida de forma clara e completa. A paráfrase envolve explicar o significado da informação de forma mais detalhada, utilizando outras palavras ou exemplos para tornar o conteúdo mais acessível ao público surdo. Isso é especialmente importante em situações em que o conceito pode ser complexo ou abstrato.

Essas estratégias refletem a preocupação do intérprete em garantir a eficácia da comunicação inclusiva. Assim, ao combinar o “sinal + datilologia” com a paráfrase, o intérprete busca atender às necessidades diversas do público Surdo.

Na sequência de 5min-9min59s, o intérprete manteve sua atuação íntegra, utilizando o processo anafórico de forma clara e precisa. O processo anafórico permitiu que o intérprete fizesse referência a elementos já mencionados na mensagem anterior, garantindo a coesão e a clareza da comunicação na MA.

O intérprete também fez uso da reestruturação. Assim, reorganizou a estrutura da mensagem para que ela fizesse mais sentido na LA, sem alterar o significado original. Dadas as estruturas gramaticais distintas entre o português e a Libras, a reestruturação envolveu ajustar a ordem das palavras, modificar a construção da frase e, às vezes, inserção de informações contextuais (*e.g.*, uma frase complexa em português pode ser dividida em sentenças mais curtas e diretas em Libras para facilitar a compreensão).

A reprodução foi outra estratégia interpretativa. Por meio dela, o intérprete pôde manter a fidelidade ao conteúdo da mensagem original.

Na sequência, no intervalo 10min-14min59s, o intérprete, além de adotar as estratégias mencionadas anteriormente, adotou reiteradas vezes a **repetição**. A repetição é uma estratégia importante na interpretação de Libras, pois ajuda a reforçar a mensagem. No entanto, quando

usado de forma exagerada, pode ter efeitos negativos, tanto para o intérprete quanto para o público, o que inclui cansaço e percepção de proficiência do intérprete (Jakubovicz, 2002).

No período 15min-19min, o intérprete utilizou diversos classificadores e lançou mão do domínio das expressões não manuais e recursos poéticos na sinalização, em sintonia com a MF. Essa abordagem buscou capturar não apenas o significado literal da MF, mas também suas nuances e emoções.

No entanto, a atuação começa a apresentar leves **omissões**. Como relatam Tassara *et al.* (2022, p. 137), há “trechos em que a omissão foi necessária [...] muitas vezes, o intérprete não teve tempo suficiente para desempacotar essas informações, optando por omitir detalhes menos relevantes para a história e substituí-los por generalizações em português”. Ainda, Barbosa (2004), referindo-se à tradução, reforça que a omissão pode eliminar elementos do texto-fonte que são desnecessários ou repetitivos.

No intervalo 20min-24min59, Pp1 manteve estratégias como a reestruturação e a reconstrução, dando assim mais clareza, uma melhor forma e uma síntese à mensagem para atingir o objetivo da interpretação. Também foi identificado o uso mais constante da “reprodução”, expondo excessivamente a datilologia.

A atividade começa a ficar desgastante nos intervalos 25min-29min59s e 30min-34min59, em que o cansaço mental e físico passa a se tornar mais evidente. Percebe-se no profissional incômodo nos lábios (talvez ressecamento, sede, desejo de tomar água), balanço do corpo e ombros mais caídos e mais relaxados. A sinalização que vinha sendo de forma padronizada, passa por oscilações. É visível que, em alguns momentos, o intérprete tenta buscar conectivos ou equivalências para a entrega da sua interpretação.

Vale pontuar três pormenores dessa atuação em termos de cansaço. No tempo 20min40s, Pp1 já apresentava cansaço, refletido pelo incômodo nos lábios. No tempo 23min42s, seu corpo dá sinais de cansaço e, para manter o equilíbrio, começa a balançá-lo e a deixar ombros mais caídos e relaxados. No tempo 31min08s, a partir do momento em que o não está usando um dos braços para sinalizar, o intérprete o baixa, refletindo assim sinais de cansaço físico. Antes disso, o braço esteve o tempo todo à vista na janela ou na altura da barriga.

Passa-se a seguir à atuação de PP1 na seção de interpretação do vídeo do domínio educacional.

Quadro 8 – Resultados da atuação do Participante 1 (B)

(continua)

Pp	Trecho do Texto-fonte	Indicadores	Ocorrências – Conhecimento			Tempo
	Contexto Educacional (B)		domínio (+)	Neutro	domínio (-)	
Pp1	<p>Demonstrou desconforto desde o início.</p> <p>Utilizou a <b>reprodução</b> e <b>transcodificação</b> para apresentar os nomes e instituições presentes e participantes envolvidos na temática. Já tem dificuldade para compreender a dicção das participantes, que falam de forma rápida e sem pausas.</p> <p>Utiliza, em vários momentos, a estratégia de <b>aproximação</b>, com o objetivo de passar a mensagem de forma mais genérica, sintetizando a informação. Conjuntamente, utiliza a <b>paráfrase</b>, explicando o significado da informação.</p>	Termos técnicos complexos.	Reprodução; Transcodificação; Aproximação; Paráfrase.			0:01 a 4:59
	<p>A partir desse ponto, o intérprete apresenta uma segurança maior, sinalizando o impacto da familiarização com a tarefa em sua entrega.</p> <p>Novamente fez uso de <b>reprodução</b> e <b>transcodificação</b>, por ser uma temática com muitos termos técnicos, estratégias utilizadas diversas outras vezes.</p> <p>Utilizou também <b>reestruturação</b> e <b>reprodução</b>, fazendo o uso de estratégias que deixaram a sinalização mais clara, mas sem excessos.</p>	Vocabulário específico.	Reprodução; Transcodificação; Reestruturação; Reprodução.			5:00 a 9:59
	<p>Mais uma vez, fez uso da <b>reprodução</b>, provavelmente por ter explorado o <i>slide</i>, que ficou bastante tempo na tela. A gravação inclusive aproximou bem o <i>slide</i>, para que os espectadores entendessem bem a imagem da mama e suas partes. No entanto, pelo fato de o intérprete estar atuando em pé, é possível que ele tenha usado o áudio do material e não a imagem como apoio.</p> <p>Também fez uso da <b>repetição</b> e da <b>reconstrução</b>. O intérprete reestrutura a mensagem e se autocorrige.</p>	Citações e uso de datilologia.	Repetição; Reconstrução.		Reprodução.	10:00 a 14:59

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados

Quadro 8 – Resultados da atuação do Participante 1 (B)

(continua)

Pp	Trecho do Texto-fonte	Indicadores	Ocorrências – Conhecimento			Tempo
	<p>Ocorreram inúmeras estratégias, pois o momento é aberto a perguntas, algumas das quais acontecem ao mesmo tempo. O intérprete já inicia com erros na sinalização, mas se autocorrige e se desculpa, utilizando <b>reconstrução</b>.</p> <p>Usou uma série de <b>omissões</b>, que fizeram com que a mensagem ficasse incompleta. Ao elencar nomes de doenças e características, o intérprete não as sinaliza em sua totalidade.</p> <p>Usou a <b>reprodução</b> muitas vezes para sinalizar nomes de órgãos e termos técnicos.</p> <p>Utilizou a <b>paráfrase</b>, para explicar informações.</p> <p>Fez uso da <b>reformulação e aproximação</b>.</p>	<p>Explicitação ou omissão de informações.</p>	<p>Reconstrução; Reformulação; Aproximação.</p>		<p>Omissão; Reprodução.</p>	<p>15:00 a 19:59</p>
	<p>Neste intervalo, o intérprete apresenta sinais de cansaço mental, fazendo esforço para a busca de sinais.</p> <p>Fez uso constante de <b>reprodução</b>, o que deixa a mensagem com falhas, pelo fato de que nem todos os Surdos conhecem a língua portuguesa.</p> <p>Neste intervalo, os participantes da plateia perguntam e não utilizam microfone, impossibilitando a audição da mensagem. Ao retomar a sinalização, fica uma lacuna, e o intérprete tenta contextualizar utilizando <b>paráfrase e reformulação</b>.</p>	<p>Pausas e extensões.</p>	<p>Paráfrase; Reformulação.</p>		<p>Reprodução.</p>	<p>20:00 a 24:59</p>

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados

Quadro 8 – Resultados da atuação do Participante 1 (B)

(continua)

<p>O intérprete começou a buscar uma posição melhor, havendo sinais de desconforto nas pernas, por sinalizar muito tempo em pé. A palestrante conduz seu diálogo com os participantes, permitindo que muitos participem sem o microfone, o que impossibilita a interpretação de vários momentos do discurso.</p> <p>O intérprete segue utilizando <b>reprodução e transcodificação</b>.</p> <p>O interprete usou <b>reformulação</b>, para trazer a MA de forma mais genérica.</p> <p>Utilizou também a <b>repetição</b>, trazendo elementos que já foram proferidos em momentos anteriores, com o objetivo de reconstruir a informação.</p>	Compensação no uso do tempo.	Reprodução; Transcodificação	Reformulação; Repetição.		25:00 a 29:59
<p>A palestrante utilizou dados nos <i>slides</i>, e o intérprete continuou fazendo uso de <b>reprodução e transcodificação</b>. Pessoas passaram na frente da câmera, dificultando a visibilidade dos <i>slides</i> utilizados.</p> <p>O intérprete demonstrou cansaço, tomou água e prosseguiu, usando <b>reformulação</b>, para tentar trazer uma mensagem sintetizada, já que os participantes perguntavam, mas não usavam microfone. Usou essa estratégia com base nas respostas da palestrante.</p> <p>O cansaço mental já fica bem mais evidente. O intérprete tentou buscar conectivos ou equivalências para a entrega.</p> <p>Utilizou <b>omissão</b> quando retirou sinais da mensagem topicalizada.</p>	Fadiga cognitiva e/ou corporal.	Reformulação.		Reprodução; Transcodificação; Omissão.	30:00 a 34:59

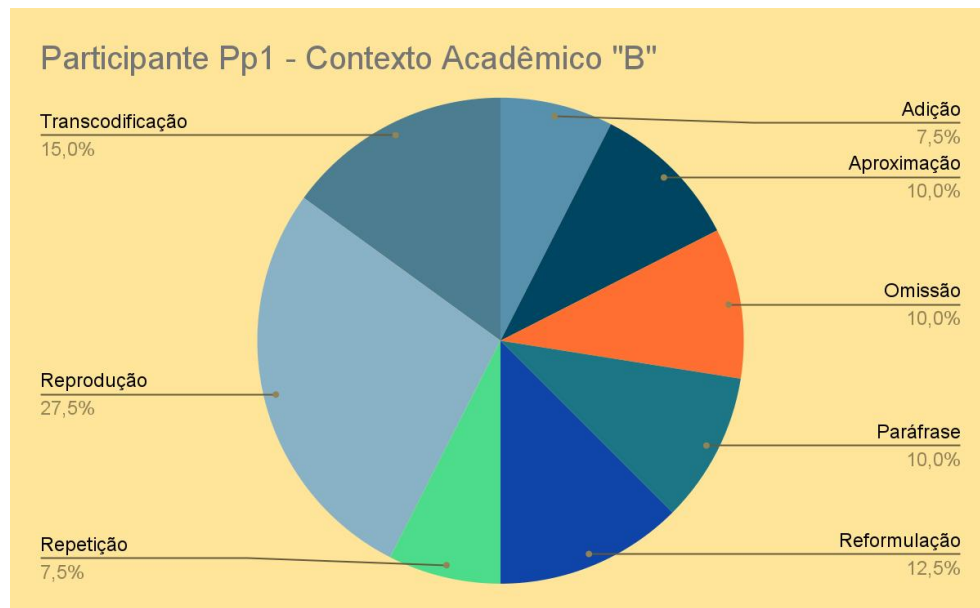
Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados

Quadro 8 – Resultados da atuação do Participante 1 (B)

(conclusão)					
	<p>A palestrante se apoiou intensamente nos <i>slides</i>, e o intérprete seguiu utilizando a <b>reprodução</b>.</p> <p>Houve equívocos em sinais. Por exemplo, a palestrante citou dieta rica em estrutura, e o intérprete sinalizou estatura. Isso se deu provavelmente pelo cansaço.</p> <p>O intérprete fez uso de <b>aproximação</b>, para simplificar a MA.</p> <p>Usou <b>reformulação</b>, para que a mensagem fosse mais plausível e clara.</p> <p>Houve visível cansaço físico e mental, com muito esforço para encontrar as equivalências necessárias.</p>		Reformulação.	Reprodução; Aproximação.	35:00 a 39:59
	<p>O intérprete seguiu sua interpretação, utilizando a <b>reestruturação</b>, fazendo alterações na sequência das sentenças.</p> <p>Voltou seu olhar para cima, na busca de sinais correspondentes.</p> <p>Tentou encontrar uma postura melhor, mostrando-se com dores nas pernas e com sede.</p>		Reestruturação.		40:00 a 44:59
	<p>O intérprete utilizou a <b>reprodução</b> e fez a datilologia conforme a pronúncia ouvida, porém de forma errada, ainda que a sigla estivesse no <i>slide</i>.</p> <p>Utilizou <b>repetição</b>, para tentar contextualizar com informações anteriores.</p> <p>Utilizou <b>transcodificação</b>, sinalizando palavra por palavra.</p> <p>Houve sinais de cansaço e esforço mental.</p>			Reprodução; Repetição; Transcodificação.	45:00 a 49:59
	<p>O intérprete iniciou utilizando a <b>reprodução</b>, fazendo datilologia.</p> <p>Houve <b>omissão</b>, que não prejudicou a informação.</p> <p>Utilizou <b>paráfrase</b>, para explicar informações anteriores.</p> <p>Utilizou a <b>aproximação</b>, para trazer uma mensagem mais sucinta e simplificada.</p> <p>Houve perguntas no vídeo, com um discurso confuso, que não era possível compreender direito, com várias pessoas falando ao mesmo tempo.</p>		Reprodução; Aproximação.	Omissão.	50:00 a 58:00

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Gráfico 3 – Estratégias do Participante 1 (Pp1) no contexto educacional (B)



Fonte: elaboração própria.

Diferentemente da primeira sessão, a sessão “B” (Quadro 8), revelou uma situação ambiental que pôde comprometer a atuação de Pp1. Ocorreram várias interferências durante a palestra: as falas dos participantes da plateia e a acústica do ambiente não favoreceram o entendimento claro da mensagem. Considerando um conteúdo mais específico, Pp1 realizou a sua mediação com mais dificuldade, demonstrando insegurança e desconforto na compreensão da mensagem, de conteúdo mais técnico. Houve também o uso constante do “*mouthing*”, e ocorreram omissões. Além disso, o intérprete ficou em pé, o que contribuiu para o aumento do cansaço, visto que o vídeo tinha um tempo longo.

Ao longo da interpretação da palestra sobre prevenção ao câncer de mama, o intérprete enfrentou vários desafios que impactaram seu desempenho. Inicialmente, sua escolha de permanecer em pé durante toda a interpretação pode ter contribuído para o desenvolvimento de sinais de fadiga ao longo do tempo.

Foram observados os seguintes pontos críticos na atuação:

- 4min45s e 5min16s: titubeação perceptível, sugerindo possível nervosismo ou fadiga cognitiva;
- 6min: omissão de informações, indicando potencial nervosismo inicial;
- 7min01s: início do abaixamento dos braços, sinalizando estresse ou fadiga física.

O corpo do intérprete reflete possíveis desafios físicos ao longo da interpretação;

- 12min25s a 28min: falta de deslocamento corporal durante as perguntas e respostas, indicando possível desconexão ou falta de envolvimento. A recuperação após 14min44s pode ter impactado a fluidez da interpretação;
- 20min46s a 21min57s: problemas técnicos com o microfone do público causam um intervalo sem sinalização. O intérprete pode ter enfrentado dificuldades ao lidar com essa situação inesperada;
- 22min54s: utilização de datilologia em vez de sinalização da palavra “árvore”, o que pode sinalizar possível cansaço cognitivo;
- 27min55s: omissão de dado importante sobre o risco de câncer de mama com histórico familiar, o que pode sinalizar possível fadiga cognitiva;
- 30min16s e 30min36s: uso repetitivo da datilologia “radiação”, indicando possível desgaste cognitivo;
- 31min36” a 34min12s: observação de possíveis momentos de desconexão do intérprete, mesmo quando algumas palavras eram audíveis, sugerindo cansaço ou falta de atenção;
- 36min55s: sinal equivocado ao interpretar a comparação da mama com uma árvore, sinalizando cansaço cognitivo e possíveis dificuldades de compreensão;
- 37min08s: queda dos braços durante a sinalização, indicando fadiga física;
- 43min09s: o pesquisador determina o final da análise, destacando um período extenso de avaliação, sugerindo uma interpretação prolongada.

Em síntese, a análise revela que Pp1 enfrentou diversos desafios físicos e cognitivos ao longo da interpretação da palestra, impactando seu desempenho. O estilo afobado da palestrante, a falta de pausas e a fala rápida contribuíram para dificuldades de interpretação. A decisão de permanecer em pé pode ter contribuído para sinais de fadiga física. O intérprete também enfrentou problemas técnicos e demonstrou cansaço cognitivo em diversos momentos, afetando a sua interpretação. O relato posterior do intérprete indica que as palestras foram realizadas em momentos de descanso do trabalho, o que pode ter influenciado positivamente o desempenho geral.

Estudos sobre o revezamento de intérpretes destacam a importância da alternância entre os profissionais durante sessões prolongadas para evitar fadiga cognitiva e física. O revezamento regular ajuda a manter a qualidade da interpretação, permitindo que os intérpretes permaneçam alertas, fluentes e precisos (Wadensjo, 1998). Segundo Cokely

(1992), o revezamento ideal ocorre a cada 20 a 30 minutos, dependendo da complexidade e intensidade do conteúdo interpretado.

A ausência de revezamento na interpretação de Pp1 durante a sessão “A” pode ter contribuído significativamente para as dificuldades observadas, como titubeação, omissões, uso excessivo de datilologia e desconexões momentâneas. A implementação de uma estratégia de revezamento poderia ter mitigado esses problemas, distribuindo uma carga cognitiva e física entre dois intérpretes.

O cansaço cognitivo é um aspecto bem documentado na literatura sobre interpretação. Segundo Gile (1995), a carga cognitiva elevada, especialmente em tarefas de interação, pode levar a uma redução na qualidade da interpretação. A fadiga cognitiva se manifesta através de hesitações, omissões e escolhas insatisfatórias dos sinais. Os momentos de titubeação (4min45s e 5min16s) e as omissões (6min e 27min55s) são indícios de sobrecarga cognitiva. Esses sinais são consistentes com as observações de Lee (2002), que identifica a sobrecarga cognitiva como um fator crítico que compromete a qualidade da interpretação.

A sessão “B” também remeteu aos “gatilhos de problema”<sup>17</sup> abordados por Gile (1995), especialmente aqueles relacionados ao orador e às intervenções da plateia. A densidade do discurso, com muitas informações compactadas em um curto espaço de tempo, exige que o intérprete faça escolhas rápidas sobre o que priorizar, aumentando o risco de omissões.

Na estrutura do Modelo dos Esforços, os gatilhos de problema estão associados ao aumento da demanda de capacidade de processamento, que podem exceder a capacidade disponível ou causar problemas de gerenciamento de atenção ou vulnerabilidade a um lapso momentâneo de atenção em determinados segmentos da fala [texto-fonte] (Gile, 2009, p. 171).

A participação do público durante uma interpretação simultânea também pode introduzir uma série de desafios (Gile, 2009; 2021). Essa participação pode ocorrer sob várias formas, como perguntas, comentários, debates ou intervenções espontâneas, e cada uma delas pode afetar a qualidade e a eficácia da interpretação de diversas maneiras. O público geralmente é composto por indivíduos com diferentes níveis de proficiência na língua falada, diferentes sotaques, estilos de comunicação e formas de expressão. Essa variabilidade pode criar dificuldades para o intérprete, que precisa rapidamente ajustar seu entendimento e interpretação a diferentes modos de fala. As perguntas e comentários também podem introduzir novos termos técnicos, nomes próprios ou conceitos especializados que o intérprete pode não estar preparado para lidar.

---

<sup>17</sup> Cf. Viana (2022, p. 32-33).

Mankauskiene (2016) destaca outras situações de interferência na entrega: falhas no equipamento de interpretação; sons externos; e impossibilidade de o intérprete ver o palestrante etc. Na sessão “B”, verificaram-se problemas técnicos que envolviam tanto a destreza com o uso dos equipamentos sonoros disponíveis (e.g., o microfone) e as condições acústicas do ambiente. Não obstante, o intérprete poderia ter explorado a estratégia de dêixis e apontado para o *slide*, que ficou por um bom tempo na tela. A câmera inclusive se aproximou bem do *slide*.

Em outro momento, 15min-19min59, inicia-se uma série de omissões, que faz com que a mensagem fique incompleta. Ao elencar nomes de doenças e características, o intérprete não as sinaliza em sua totalidade, mesmo podendo ter se apoiado nos *slides* disponíveis.

Gile (1999) categoriza a omissão como um erro, não distinguindo a omissão voluntária, que pode ser uma estratégia consciente do intérprete, da omissão involuntária, que ocorre por falhas no processamento da informação. Para o autor, qualquer tipo de omissão é um desvio. Barbosa (2014), em contrapartida, apresenta uma visão um pouco mais nuançada sobre a omissão, reconhecendo que a omissão pode ser uma estratégia válida, especialmente quando os elementos omitidos são considerados desnecessários ou repetitivos na LA.

No entanto, Barbosa também alerta para os riscos associados à omissão; esta deve ser realizada com cautela, levando em consideração o impacto que a ausência de certos elementos pode ter na compreensão da mensagem na LA. Barbosa (2014) ainda argumenta:

Os ILS nem sempre têm formação específica na área de atuação (que seria o ideal) ou pelo menos uma formação complementar para atuar em determinadas áreas, acarretando déficits de conhecimentos do ILS que prejudicam a IS, como vimos anteriormente na argumentação do sujeito de pesquisa sobre o motivo da omissão. Este déficit é suprido em parte pelo acesso do profissional aos materiais de apoio do palestrante (PowerPoint, resumos da apresentação, artigos do palestrante, reunião com o palestrante etc.), para que conheça mais sobre o assunto, proporcionando-lhe segurança para atuar (p. 81-82).

A seguir, apresentam-se os dados obtidos a partir da contribuição de PP2, iniciando-se pela sessão “A”.

Quadro 9 – Resultados da atuação do Participante 2 (A)

(continua)

Pp	Trecho do Texto-fonte	Indicadores	Ocorrências – Conhecimento			Tempo
	Contexto Religioso (A)		domínio (+)	Neutro	domínio (-)	
Pp2	<p>A MF está sendo proferida de forma calma e tranquila, com boa oratória, o que facilita na entrega da interpretação.</p> <p>O intérprete tem uma postura que representa afinidade com o conteúdo, mas já reproduz alguns distanciamentos. Isso representa um cansaço mental já inicial – talvez, sua gravação tenha sido após demandas exaustivas.</p> <p>Iniciou com <b>omissão</b> do nome de um personagem do discurso e <b>repetição</b> de outra, não fazendo a autocorreção. Deu a informação de que alguém ficou viúvo; na MA, a informação é clara, mas o intérprete não marca quem é a pessoa.</p> <p>Usou <b>reprodução</b>, para citar os nomes das cidades e lugares.</p> <p>Usou <b>aproximação</b>, para deixar a sinalização mais clara e simplificada.</p>	Termos técnicos complexos.	Reprodução; Aproximação.		Omissão.	0:01 a 4:59
	<p>O intérprete passa a demonstrar mais segurança e propriedade. Utiliza bem o processo anafórico, contribuindo para a visualização do Surdo.</p> <p>Utiliza a <b>reprodução</b> e acrescentou o sinal, com o objetivo de marcar caso a pessoa surda não conhecesse aquele sinal; porém, usou a <b>repetição</b>, que nesse caso, torna a MA desnecessária e cansativa.</p> <p>Utilizou a <b>paráfrase</b>, para explicar as informações.</p>	Vocabulário específico.	Reprodução; Paráfrase.	Repetição.		5:00 a 9:59
	<p>Observa-se segurança do intérprete, que “brinca” com a sinalização. Esta fica clara, visual e coerente com o discurso.</p> <p>O intérprete utilizou <b>adição</b>, acrescentando informação.</p> <p>Utilizou <b>aproximação</b>, para deixar a MA mais compreensível.</p> <p>Fez o uso da <b>reestruturação</b> em muitos momentos, a fim de modificar a ordem sintática da mensagem.</p>	Citações e uso de datilologia.	Adição; Aproximação; Reestruturação.			10:00 a 14:59

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Quadro 9 – Resultados da atuação do Participante 2 (A)

(continua)

<p>O intérprete continua com uma sinalização adequando, demonstrando fluência. Utilizou classificadores, processos anafóricos, dêixis, modulações, melhorias e adaptações.</p> <p>Explorou a <b>aproximação</b>, trazendo a MA da melhor forma ao público-alvo. Utilizou <b>adição</b> e <b>reformulação</b>, demonstrando intimidade com o discurso. Fez uso de <b>reprodução</b>, pelo fato dos nomes bíblicos.</p>	<p>Explicitação ou omissão de informações.</p>	<p>Aproximação; Adição; Reformulação; Reprodução.</p>			<p>15:00 a 19:59</p>
<p>Alguns sinais foram sinalizados de forma literal, como no caso da palavra “caminho”.</p> <p>Utilizou-se de <b>adição</b>, para enfatizar e deixar o discurso mais claro. Empregou <b>aproximação</b>, para que a MA não fosse tão complexa, adotando sinônimos e termos relacionados semanticamente.</p> <p>Usou <b>reestruturação</b>, alterando a ordem da mensagem. Usou <b>reconstrução</b>, fazendo uma leitura mais aproximada, utilizando sinônimos, para dar clareza e sintetizar a mensagem.</p> <p>Utilizou mais de uma vez a <b>reprodução</b>, fazendo o uso de datilologia além do sinal dos personagens.</p>	<p>Pausas e extensões.</p>	<p>Adição; Aproximação; Reestruturação; Reconstrução; Reprodução.</p>			<p>20:00 a 24:59</p>
<p>O intérprete não demonstrou cansaço ainda. Não realizou <b>omissões</b>. Utilizou <b>paráfrases, transcodificação e reprodução</b>. Realizou também <b>reformulação e reestruturação</b>, modificando a ordem da sinalização. Fez <b>aproximação</b>, para que a mensagem fosse clara e próxima do público-alvo.</p>	<p>Compensação no uso do tempo.</p>	<p>Paráfrase; Transcodificação; Reprodução; Reformulação; Reestruturação; Aproximação.</p>			<p>25:00 a 29:59</p>

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

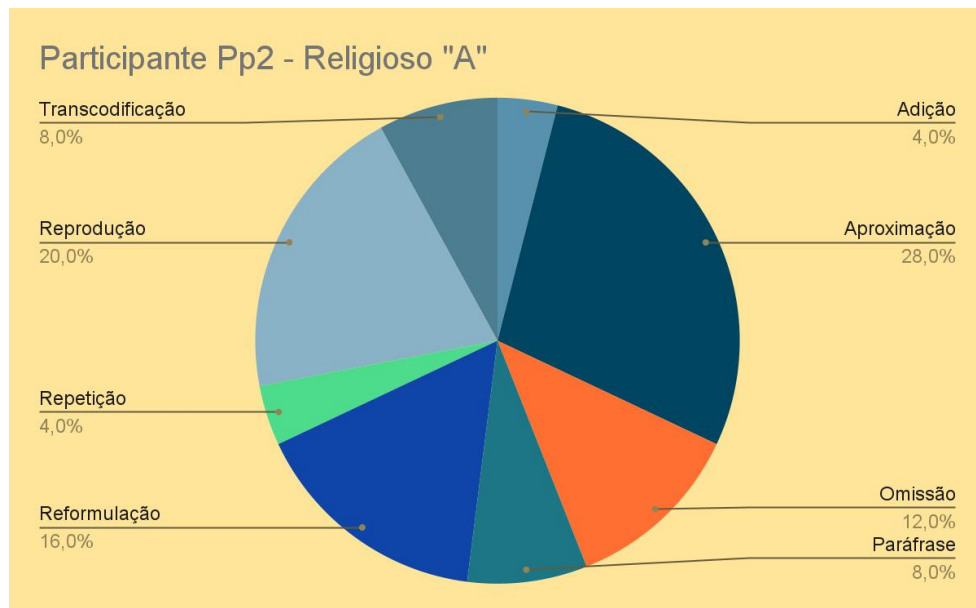
Quadro 9 – Resultados da atuação do Participante 2 (A)

(conclusão)

	<p>No início desta minutagem, alguns sinais de cansaço aparecem, com uso excessivo de “<i>mouthing</i>”, que em muitos momentos se torna bimodalismo. Foi empregado pelo intérprete no intuito de não esquecer o que quer sinalizar, quando sua memória já estava cansada.</p> <p>Ainda assim, a sinalização continuou fluida, fazendo uso de estratégias pertinentes, como a <b>aproximação</b>, a <b>adição</b> e a <b>reformulação</b>.</p>	Fadiga cognitiva e/ou corporal.	Aproximação; Adição; Reformulação.	<i>Mouthing</i>		30:00 a 34:59
	<p>A sinalização continuou com qualidade, sem demonstração de cansaço. O intérprete utilizou-se de <b>aproximação</b> e de <b>transcodificação</b> em vários momentos, fazendo a interpretação palavra por palavra.</p> <p>Utilizou a <b>reestruturação</b>, modificando a ordem da sentença.</p> <p>Em um momento, por lapso, esqueceu o sinal de alívio e se atrapalhou, sugerindo o sinal de “subentender”, o que, contudo, não interferiu na compreensão da mensagem.</p> <p>Utilizou a <b>reformulação</b>, para que a mensagem fosse mais plausível e clara.</p>		Aproximação; Transcodificação; o; Reestruturação; Reformulação.			35:00 a 39:59
	<p>Houve alguns lapsos que não foram prejudiciais ao resultado final. Utilizou das estratégias que foram cabíveis no discurso e ainda demonstrou fluência e afinidade com o tema.</p>					40:00 a 42:01

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Gráfico 4 – Estratégias do Participante 2 (Pp2) no contexto religioso (A)



Fonte: elaboração própria.

Pp2 permaneceu em pé durante a sessão “A”. Foi percebido o uso no “*mouthing*” de forma constante. Também houve uso do bimodalismo, com as palavras sendo faladas junto à sinalização em boa parte do discurso. A postura do intérprete sugere afinidade com o conteúdo; porém, já há alguns distanciamentos desde o início. Isso sugere, *a priori*, um cansaço mental logo de início; supõe-se que a sua gravação tenha ocorrido após alguma(s) demanda(s) exaustiva(s) em seu dia a dia.

Na parte inicial, já ocorreu uma **omissão**. O nome de um personagem, dito no discurso, não foi sinalizado, repetiu-se outra sentença, e não houve uso da memória de curto prazo para fazer a autocorreção. Foi dada a informação de que “alguém ficou viúvo”; no discurso, a informação é clara, mas não foi utilizada a marcação para dizer quem era a pessoa, já que no início foi dado o mesmo nome às duas pessoas, ou seja, aos dois personagens do contexto. O intérprete lançou mão da **reprodução**, para citar nomes das cidades e lugares, e utilizou a **aproximação**, para deixar a sinalização mais clara e simplificada.

Foi possível observar que o participante tinha uma familiaridade com o contexto do discurso. De modo geral, sua sinalização foi clara e com propriedade, demonstrando conhecimento e fluência na língua, além de por vezes se antecipar à fala do orador.

Todavia, vale sublinhar três momentos distintos de problemas na interpretação. No tempo 3min40s, houve repetição, ou informação repetidamente desnecessária, ao sinalizar “Orpa, Orpa”, duas vezes. No tempo 21min13s, Pp2 poderia ter realizado uma outra

sinalização, substituindo os sinais literais de “caminho” e “rua” por “meios” ou “pontos” para se ter uma amizade com Deus. No tempo 39min35s, Pp2 se atrapalhou na sinalização.

A seguir, apresentam-se os dados referentes à sessão “B” desse participante.

Quadro 10 – Resultados da atuação do Participante 2 (B)

(continua)

Pp	Trecho do Texto-fonte	Indicadores	Ocorrências – Conhecimento			Tempo
	Contexto Educacional (B)		domínio (+)	Neutro	domínio (-)	
Pp2	<p>O intérprete iniciou com segurança, mas o discurso não favoreceu, com uma oratória rápida, contribuindo para <b>omissão</b> de dados relevantes logo no início.</p> <p>Fez uso da <b>reprodução</b> e da datilologia, a qual saiu equivocada, faltando e trocando letras.</p> <p>Teve dificuldade em compreender a dicção e sinalizou dados equivocados, revelando que não recorreu à imagem de apoio (o intérprete, por sinalizar em pé, olha apenas para a câmera).</p> <p>Utilizou a <b>aproximação</b> para trazer a mensagem de forma condizente ao público-alvo, visto que se trata de um conteúdo mais específico. Sendo assim, utilizou também a <b>paráfrase</b>, explicando o significado da informação.</p>	Termos técnicos complexos.			Omissão; Reprodução.	0:01 a 4:59
	<p>O material é de difícil compreensão, pelo fato de haver falas rápidas e contexto técnico. O intérprete logo demonstrou sinais de desconforto. Utilizou-se de “<i>mouthig</i>” e bimodalismo, para aliviar sua memória cansada e guardar tantos nomes.</p> <p>Fez uso de <b>reprodução</b>. Equivocou-se na datilologia.</p> <p>Fez <b>omissão</b> de dados.</p> <p>Fez uso de <b>aproximação</b> e <b>reestruturação</b>.</p>	Vocabulário específico.	Reprodução; Aproximação; Reestruturação.		Omissão.	5:00 a 9:59

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Quadro 10 – Resultados da atuação do Participante 2 (B)

(continua)

<p>Voltou a fazer uso da <b>reprodução</b>, mas sem explorar o <i>slide</i> que permaneceu bom tempo em tela e foi aproximado pela câmera para mostrar a imagem da mama e suas partes. Assim, fez a <b>omissão</b> de informações importantes: a palestrante utiliza-se de termo técnico, e o intérprete usa classificador de dente para representar carcinoma, o que pode prejudicar na compreensão do Surdo.</p> <p>Pelo fato de o intérprete ter atuado em pé, é possível que ele tenha usado o áudio do material e não o vídeo como apoio.</p> <p>O intérprete também fez uso de <b>repetição</b>.</p> <p>O intérprete deixa claro que o vídeo possui ruídos e que não ouve as perguntas da plateia, já que as pessoas não utilizam microfone.</p>	Citações e uso de datilologia.	Repetição		Reprodução; Omissão.	10:00 a 14:59
<p>Neste intervalo, abre-se para perguntas, e algumas acontecem ao mesmo tempo. O intérprete já iniciou com lapsos na sinalização e não se autocorrigiu, talvez por não ter percebido que errara, dada a velocidade do discurso.</p> <p>Também iniciou uma série de <b>omissões</b>, que fizeram com que a mensagem ficasse incompleta. Ao elencar nomes de doenças e características, o intérprete não as sinaliza em sua totalidade.</p> <p>Quando a palestrante fala sobre o uso de hormônios, o intérprete utilizou apenas o sinal de remédio, uma <b>aproximação</b>.</p> <p>O intérprete utilizou muitas vezes a <b>reprodução</b> para sinalizar nomes de órgãos e termos técnicos.</p> <p>Utilizou <b>paráfrase</b>, para explicar informações.</p> <p>Também fez uso de <b>reformulação</b> e <b>aproximação</b>.</p>	Explicitação ou omissão de informações.	Reprodução; Paráfrase; Reformulação; Aproximação.		Omissão.	15:00 a 19:59

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Quadro 10 – Resultados da atuação do Participante 2 (B)

(continua)

<p>Nesta minutagem, há ruídos e participação da plateia, sem microfone, deixando a mensagem incompleta; porém, o intérprete deixou isso claro para o público surdo.</p> <p>Fez uso constante de <b>reprodução</b>, o que deixou a mensagem com falhas, pelo fato de nem todos os surdos conhecerem a língua portuguesa. Além disso, ao fazer datilologia, sinalizou erroneamente algumas palavras, justamente por não ter o apoio visual.</p> <p>Participantes da plateia perguntam e não utilizam microfone, impossibilitando que se ouça a mensagem. Ao retomar a sinalização, fica uma lacuna, e o intérprete tenta contextualizar utilizando <b>aproximação, paráfrase e reformulação</b>.</p>	Pausas e extensões.	Aproximação; Paráfrase; Reformulação.		Reprodução.	20:00 a 24:59
<p>O intérprete não demonstrou cansaço físico, mas mental sim, por apresentar falhas na sinalização de forma mais constante.</p> <p>A palestrante conduz seu diálogo com os participantes, deixando que muitos participem sem o microfone, o que impossibilitou a interpretação de vários momentos do discurso.</p> <p>O intérprete seguiu utilizando <b>reprodução e transcodificação</b>.</p> <p>Usou <b>reformulação</b>, para trazer a mensagem de forma mais genérica.</p>	Compensação no uso do tempo.	Reprodução; Transcodificação.	Reformulação.		25:00 a 29:59
<p>Nesta minutagem, a palestrante utiliza dados nos slides. Porém, o intérprete continua fazendo uso de <b>reprodução e transcodificação</b>.</p> <p>Pessoas passam na frente da câmera, dificultando a visibilidade dos <i>slides</i> utilizados.</p> <p>O intérprete demonstrou um bom domínio do conteúdo, conhecendo sinais específicos da temática.</p> <p>Usou a <b>reformulação</b>, para tentar trazer uma mensagem sintetizada, já que os participantes perguntam e não usam microfone.</p> <p>Usou também a <b>aproximação</b>, com base nas respostas da palestrante.</p>	Fadiga cognitiva e/ou corporal.	Reformulação; Aproximação.		Reprodução; Transcodificação.	30:00 a 34:59

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

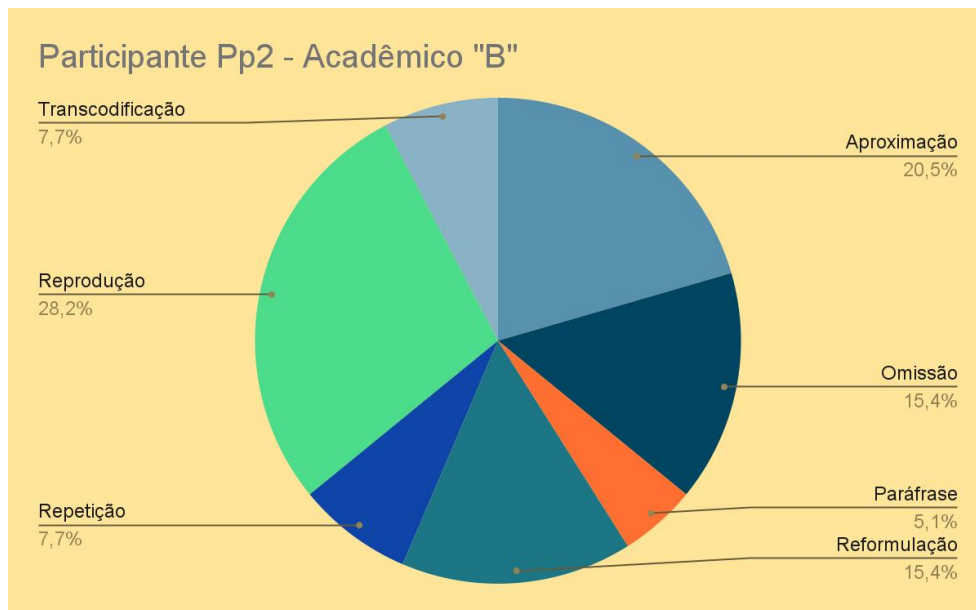
Quadro 10 – Resultados da atuação do Participante 2 (B)

(conclusão)

	<p>Nesta minutagem, a palestrante se apoia intensamente nos <i>slides</i>, mas o intérprete seguiu utilizando a <b>reprodução</b>.          Usou também a <b>repetição</b>. Porém, demonstrou muito domínio do tema e explorou o uso dos classificadores, para apresentar o assunto. Fez uso de aproximação, para simplificar a MA.          Usou <b>reformulação</b>, para tornar a mensagem mais plausível e clara.</p>		<p>Repetição;          Reformulação.</p>		<p>Reprodução.</p>	<p>35:00 a          39:59</p>
	<p>Seguiu utilizando a <b>reestruturação</b>, fazendo alterações na sequência das sentenças.          Realizou <b>omissões</b> e se equivocou ao sinalizar dados. Observaram-se sinais de cansaço cognitivo, pelo tempo de atuação e pelo grau de dificuldade do conteúdo.          Buscou equivalência, fez datilologia – <b>reprodução</b>, mas sinaliza errado, já que é uma sigla. Voltou a sinalizar da forma como ouviu.</p>		<p>Reestruturação.</p>		<p>Omissão;          Reprodução.</p>	<p>40:00 a          44:59</p>
	<p>Neste momento, o intérprete utilizou a <b>reprodução</b> e fez a datilologia conforme a pronúncia ouvida; porém, comete um equívoco, ainda que sigla estivesse no <i>slide</i> e correspondesse um exame, cuja sigla está em inglês.          Usou <b>repetição</b>, para contextualizar com informações anteriores.          Utilizou <b>aproximação</b> e <b>transcodificação</b>, sinalizando palavra por palavra.</p>		<p>Aproximação;          Repetição;          Transcodificação.</p>		<p>Reprodução.</p>	<p>45:00 a          49:59</p>
	<p>Iniciou utilizando a <b>reprodução</b>, fazendo uso da datilologia.          Fez <b>omissão</b>, que não prejudicou a informação.          Utilizou a <b>aproximação</b>, para trazer uma mensagem mais sucinta e simplificada.          Utilizou também a <b>reformulação</b>, trazendo informações anteriores.          Neste final, houve perguntas, com um discurso confuso e várias pessoas falando ao mesmo tempo.</p>		<p>Reprodução;          Omissão;          Aproximação;          Reformulação.</p>			<p>50:00 a          58:00</p>

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Gráfico 5 – Estratégias do Participante 2 (Pp2) no contexto educacional (B)



Fonte: elaboração própria.

Pp2, em sua atuação no contexto educacional, apresentou alguns equívocos. Logo de início, no tempo 2min48s, omitiu o valor “30%”, expresso na informação: “30% das doenças poderiam ser evitadas”. Pode ter sido um nervosismo inicial ou o resultado do fato de que o palestrante não fez, de início, bom uso de pausas em sua introdução. Como destacado por Swabey (2003), pausas adequadas na fala do orador são cruciais para permitir que o processo de interpretação de Libras profira as informações de maneira eficaz; quando o palestrante não fornece essas pausas, o intérprete pode enfrentar dificuldades ao capturar todas as nuances do discurso, resultando na omissão de informações importantes. Ademais, segundo Silva (2019), quando o comunicador não é claro ou comete erros, isso pode gerar confusão no intérprete, afetando a qualidade da interpretação. De acordo com Gudykunst (1995), o nervosismo pode variar em função da qualidade da interpretação, causando tremores, dificuldade de concentração e dificuldade em acompanhar o discurso do orador. Vale ainda apontar que, segundo Mayer e Moreno (2003), a capacidade de processamento de informações é limitada – quando um intérprete enfrenta um discurso com um fluxo contínuo de informações sem pausas adequadas, a carga cognitiva aumenta significativamente. Isso pode levar a lapsos de atenção e à omissão de informações.

Nesse contexto, o desempenho do intérprete foi afetado por diversos fatores, incluindo a qualidade da comunicação do palestrante e a possível fadiga cognitiva do profissional. Por exemplo, no tempo 3min17s, Pp2 repassou uma informação equivocada: a frase “mundialmente 1 milhão, 380 mil” foi interpretada como “mundialmente mais de 90.000 no

Brasil”.

No tempo 4min, o intérprete repassou uma informação equivocada: a MF dizia “20%”, e ele interpretou “20.000”, o que pode ter decorrido do ritmo do orador. No tempo 20min5s, Pp2 confunde a palavra “carcinoma” por “calcinoma” e a palavra “epitélio” por “cepitélio”, o que talvez sinalize um princípio de cansaço cognitivo ou falta de conhecimento de domínio e preparação prévia.

Noutro ponto relevante é a possível fadiga de Pp2, que foi evidenciada em vários momentos, como, por exemplo, na troca cognitiva de palavras, como “carcinoma” por “calcinoma” e “epitélio” por “cepitélio”, além da omissão de informações importantes como observado nas passagens no tempo 20min5s, 24min32-3s, dentre outros. De acordo com Ackerman *et al.* (2018), a fadiga cognitiva pode levar a escolhas mal-empregadas de interpretação, incluindo omissões e até mesmo erros, prejudicando a qualidade da interpretação.

De 20min46s a 21min03s, o microfone do público apresentou problemas técnicos, não saindo som. Diferente de Pp1, Pp2, apesar de também ter 17 segundos de “intervalo” este sinalizou (de modo acessível ao público) que estava ouvindo ruídos e que o público estava interagindo, além de dizer que o microfone apresentou problemas por essa razão não conseguia dar sequência a sua atuação interpretativa. Deixou isso claro para o público surdo através de recursos faciais de que não estava ouvindo, ou de que estava tentando ouvir, ou ainda de que havia uma falha técnica na palestra.

Além disso, é importante destacar a necessidade de preparação prévia do intérprete. Como referência na descrição, um palestrante apresentou uma fala afobada e sem pausas, o que pode ter dificultado a interpretação em Libras. De acordo com Quadros (2004), a preparação prévia do intérprete é crucial para garantir uma interpretação precisa e eficaz.

Em resumo, a interpretação da palestra sobre prevenção ao câncer de mama pelo intérprete foi afetada por uma série de fatores, incluindo a comunicação do palestrante, a falta de pausas, a fadiga cognitiva e a falta de preparação prévia. Esses elementos teóricos ajudam a contextualizar as observações feitas durante a análise da interpretação e destacam a importância da comunicação eficaz e da preparação adequada para os intérpretes de Libras.

Passa-se a seguir para a análise dos dados referentes ao participante 3.

Quadro 11 – Resultados da atuação da Participante 3 (A)

(conclusão)

Pp	Trecho do Texto-fonte	Indicadores	Ocorrências – Conhecimento			Tempo
	Contexto Religioso (A)		domínio (+)	Neutro	domínio (-)	
Pp3	<p>Apesar da fluência percebida na intérprete, observamos desde o início uma desconcentração da participante, promovida por estar em um ambiente com interferência de outras pessoas.</p> <p>A intérprete utiliza <b>transcodificação</b>, palavra por palavra.</p> <p>Inicia utilizando muito o bimodalismo, sinalizando e articulando ao mesmo tempo durante longos períodos, o que em alguns momentos pode ser prejudicial.</p> <p>Utiliza a <b>reprodução</b>, fazendo o uso de datilologia.</p> <p>Continua voltando o olhar para o ambiente, como se estivesse preocupada com algo em sua volta e não estivesse só.</p> <p>Demonstra afinidade com o tema, mas existem algumas interferências que prejudicam sua interpretação.</p> <p>Faz uso da <b>reprodução</b> somada à <b>repetição</b> e ao bimodalismo, de forma constante.</p>	Termos técnicos complexos.	Reprodução.	Transcodificação; Reprodução; Repetição.		0:01 a 4:59
	<p>A intérprete não está totalmente concentrada na entrega, pois é visível que há uma interferência no mesmo ambiente. O contato visual fica prejudicado.</p> <p>Utiliza de <b>transcodificação, adição e reprodução</b>.</p> <p>Após os 7 min, passa a utilizar de <b>aproximação</b>, tornando a entrega da interpretação mais positiva e consciente.</p> <p>Aos 9min, já começa dar indícios de cansaço e desconforto na postura. Tenta se ajustar. Faz uso de <b>interpretação literal</b> com inadequação ao contexto.</p>	Vocabulário específico.	Aproximação.	Transcodificação; Adição; Reprodução.	Tradução literal.	5:00 a 9:59

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Quadro 11 – Resultados da atuação da Participante 3 (A)

(conclusão)

<p>A intérprete continua sinalizando no sentido literal (<b>interpretação literal</b>), a despeito das metáforas do discurso religioso. Utiliza <b>aproximação</b> para deixar a mensagem mais clara e simples para o público-alvo. Utiliza <b>reprodução</b> para elencar os livros bíblicos.</p>	Citações e uso de datilologia.	Aproximação; Reprodução.		Interpretação literal.	10:00 a 14:59
<p>Utiliza classificadores, e o processo anafórico mostra domínio do conteúdo; porém, demonstra cansaço e possivelmente sede. Começa a usar leves <b>omissões</b>, as quais já servem como um alerta para que haja uma pausa na interpretação. Utiliza <b>reestruturação</b> com objetivo de organizar melhor a MA. Utiliza <b>aproximação</b>, para que a MA não seja tão complexa, empregando sinônimos e termos relacionados semanticamente.</p>	Explicitação ou omissão de informações.	Aproximação; Reestruturação	Omissão.		15:00 a 19:59
<p>Demonstra fadiga e toma água. Retoma a interpretação fazendo uso de <b>aproximação e adição</b>. Porém, <b>omite</b> uma parte grande da MF. Aos 23min, volta a omitir; depois, boceja e muda seu olhar. Tenta ajustar a postura na cadeira. O cansaço é evidente. Utiliza <b>reprodução</b>.</p>	Pausas e extensões.	Aproximação; Adição.	Reprodução.	Omissão.	20:00 a 24:59
<p>Utiliza <b>reconstrução</b>, fazendo uma leitura mais aproximada e utilizando sinônimos, para dar clareza e síntese à mensagem. Usa <b>transcodificação</b>, sinalizando palavra por palavra em uma sentença. Também usa <b>omissão</b>. Ao tomar água mais uma vez, perde algumas informações; ao retomar, tenta resumir, mas não consegue organizar a sentença. É visível a necessidade de pausas, revezamento, apoio, organização do ambiente e afins.</p>	Compensação no uso do tempo.	Reconstrução.		Omissão; Transcodificação.	25:00 a 29:59

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

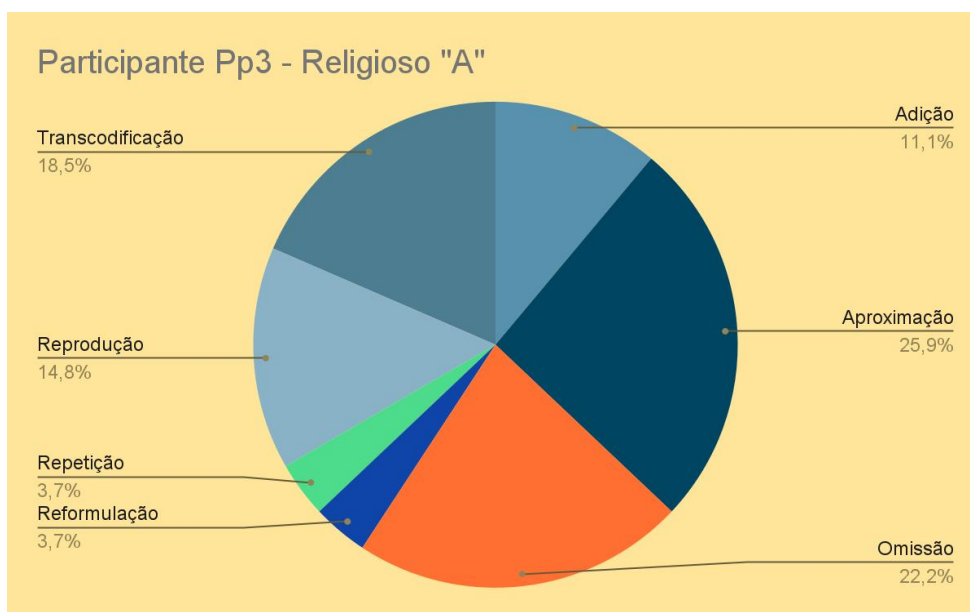
Quadro 11 – Resultados da atuação da Participante 3 (A)

(conclusão)

<p>O cansaço fica mais evidente. Boceja, se ajeita na cadeira. Utiliza <b>transcodificação</b> de forma inconsciente.          Utiliza <b>aproximação e reestruturação</b>.          Houve a presença também de <b>reconstrução</b>, pois teve a intenção de explicar a mensagem de uma outra forma.          A <b>omissão</b> também aparece, decorrente do desgaste físico e mental.</p>	<p>Fadiga cognitiva e/ou corporal.</p>	<p>Aproximação; Reestruturação.</p>	<p>Reconstrução.</p>	<p>Omissão; Transcodificação.</p>	<p>30:00 a 34:59</p>
<p>Inicia com <b>transcodificação</b> e realiza <b>aproximação</b>.          Faz <b>adição</b>, colocando informações que apareceram anteriormente.          Utiliza <b>reconstrução</b>, não faz autocorreção, mas coloca informações que foram sinalizadas anteriormente, a fim de organizar a mensagem.</p>		<p>Aproximação; Reconstrução.</p>	<p>Adição.</p>	<p>Transcodificação.</p>	<p>35:00 a 39:59</p>
<p>Usa <b>reformulação</b>, para que a MA seja mais plausível e clara.          Utiliza dêixis e processos anafóricos.          Finaliza sua interpretação, utilizando a <b>aproximação</b>.</p>		<p>Reformulação; Aproximação.</p>			<p>40:00 a 42:01</p>

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Gráfico 6 – Estratégias do Participante 3 (Pp3) no contexto religioso (A)



Fonte: elaboração própria.

Pp3 realizou a sessão “A” aparentemente sentada. Já no início, o que chamou atenção foi o local onde a gravação foi realizada. Não pareceu nada confortável, do ponto de vista de um espaço de trabalho onde duas línguas seriam mediadas. A restrição desse espaço, um local apertado, deu margens ao comprometimento da atuação profissional e sucedeu numa sinalização cingida, com sinais entrecortados.

Contudo, Pp3 tem uma sinalização tranquila e clara, com expressões leves e sorridentes, marcando também a leveza do discurso. Apesar da fluência apresentada e da afinidade com a temática, observou-se também a desconcentração da participante, promovida por estar em um ambiente restrito e com interferência de outras pessoas que transitavam nesse espaço, tirando-lhe a atenção.

Observou-se a **transcodificação**, palavra por palavra, na sessão. No início, foi utilizado bastante o bimodalismo. Também houve **reprodução** somada à **repetição** e ao bimodalismo de forma constante, além da datilologia.

Merecem destaque três situações distintas. No tempo 4min30s, houve repetição e/ou fornecimento de informação repetidamente desnecessária ao se citarem os nomes das personagens Orpa e Rute. Pp3 poderia, em vez disso, ter lançado mão de dêixis a fim de evitar a fadiga. No tempo 6min05s, ocorreu a omissão do final do versículo bíblico de Rute 1: 16,17: “Que Jeová me castigue e que o faça severamente se outra coisa se não a morte nos separarmos!”. Nesse tempo, Pp3 permaneceu parada, como que sem conhecimento de domínio na atuação ou com algum nervosismo inicial. No tempo 8min20s, Pp3 sinalizou

“amizade apareceu ou amizade criada” quando o palestrante disse “amizade automática...”, numa possível indicação de falta de conhecimento de domínio e/ou nervosismo inicial.

Apesar da fluência percebida na atuação, foi notória desde o início a desconcentração de Pp3, promovida por estar em um ambiente com interferência de outros indivíduos, provavelmente em um espaço de sua residência. Nesse início, utiliza a **transcodificação**, palavra por palavra, a qual pode ter sido empregada de forma inconsciente e negativa.

Seleskovitch (1975), em sua Teoria do Sentido, enfatiza a importância da compreensão do sentido em oposição à simples transcodificação, desconsiderando o contexto ou o sentido subjacente. Segundo Seleskovitch e Lederer (1985), a transcodificação ignora o fato de que cada língua possui estruturas, expressões idiomáticas e contextos culturais únicos. A transcodificação, muitas vezes, resulta em interpretações que são gramaticalmente corretas, mas que falham em transmitir o sentido e intenção do texto original.

Nicodemus e Emmorey (2013) também exploram o conceito de transcodificação, particularmente para a interpretação envolvendo Língua de Sinais Americana e inglês. Os autores destacam que a transcodificação pode ser especialmente problemática devido às diferenças estruturais e culturais significativas entre as duas línguas.

Concomitantemente, há, no decorrer da atuação de Pp3, a interferência de barulhos ou pessoas se movimentando no ambiente. A intérprete demonstra afinidade com o tema, mas essas interferências prejudicam sua interpretação. Ela desvia sempre o olhar para o ambiente, como se estivesse aflita ou desconfortável com algo à sua volta. Esse fato remete à atuação dos intérpretes de Libras durante a pandemia. Campello *et al.* (2022) destacam as diversas dificuldades enfrentadas ao trabalharem no ambiente residencial, como a falta de um espaço dedicado, com boa iluminação, silencioso e sem distrações para trabalhar. Muitos intérpretes dividiam (e ainda dividem, apesar de se ter dissipado o período pandêmico) seu ambiente doméstico com outras pessoas, o que gerava interrupções constantes e um ambiente ruidoso, prejudicando a concentração e a qualidade do trabalho. Muitos tiveram que improvisar ambientes que não eram ideais para a prática da interpretação. Como apontam Da Silva *et al.* (2022 p. 44):

Muitos profissionais residem com outros membros familiares, alguns com crianças pequenas, o que também se tornou um desafio gerenciar e compartilhar o tempo e o espaço com outras pessoas, que muitas vezes também estará fazendo uso da residência como ambiente de trabalho.

Com o avançar do tempo, durante alguns minutos, mais pontualmente a partir dos 9min, a intérprete faz uso de **interpretação literal** de forma inapropriada. No intervalo “10min-15min”, continua com essa estratégia, ainda que o discurso-fonte seja permeado de metáforas. Como aponta Aubert (1987), a tradução literal (aqui, por extensão, a interpretação literal) muitas vezes não captura o sentido profundo e a nuance do original, dado que a linguagem não é apenas um conjunto de palavras, mas um sistema complexo de significados culturais e contextuais. No contexto religioso, no qual os textos frequentemente carregam significados teológicos profundos e sutis, uma interpretação literal pode falhar em transmitir esses significados de maneira adequada.

Albres e Santiago (2012) reconhecem que a tradução literal pode ser vista como uma forma de fidelidade ao texto-fonte, mas também apontam observações importantes.

A tradução literal é confundida com a tradução palavra-por-palavra, ou seja, com o português-sinalizado. Essa ideia é errônea, pois este procedimento é muito utilizado, principalmente em discursos acadêmicos e formais onde a aproximação das duas línguas se faz necessário. Na tradução do português para a língua de sinais, essa pode ser a escolha do intérprete, quando há a necessidade de o interlocutor saber exatamente como a fala foi construída na língua de origem, quando ele precisa elaborar uma resposta que será também traduzida da Libras para o português. É importante salientar que no procedimento de tradução literal, a sintaxe pode ser alterada de acordo com as normas gramaticais da língua de tradução (Albres; Santiago, 2012, p. 41).

Em contextos religiosos, como a tradução das Escrituras Sagradas para Libras, as pesquisadoras observam que a tradução literal pode não ser ideal devido às diferenças estruturais entre as línguas e à necessidade de transmitir o sentido completo e preciso das mensagens religiosas. Ainda, Fidélis (2012) também aborda a tradução literal, destacando que, embora ela mantenha a semântica estrita e adapte a morfossintaxe às normas da língua traduzida, há desafios específicos ao traduzir textos bíblicos para Libras. Ela menciona que a estrutura diferente da Libras em relação ao português exige estratégias dinâmicas que vão além da tradução literal, como a reconstrução de períodos e a explicação, para garantir a compreensão da mensagem.

Mais à frente, diante da atuação na palestra bíblica, em aproximadamente no período 20min-35min, fica nítido o desgaste e/ou fadiga física e cognitiva da intérprete. Toma água em vários momentos, boceja, desvia o olhar e tenta ajustar a postura; com isso, perde grande parte das informações. Segundo Guarinello (2017), há vários aspectos a serem considerados quando o intérprete está cansado durante sua atuação. De fato,

[é] preciso esclarecer que tais condições adversas à saúde geral, predisõem o sujeito a irritações, dores e estresse, os quais prejudicam o trabalho desses profissionais. Percebe-se a partir desses dados, que ações de promoção da saúde são fundamentais nos espaços de trabalho, para que tanto os intérpretes quanto as pessoas que com eles trabalham possam tomar consciência, refletir e discutir a respeito de ações transformadoras da realidade no que tange às condições e organização do trabalho nas instituições de ensino, tornando esses espaços em ambientes saudáveis que considerem a qualidade de vida daqueles que ali atuam (Gonçalves; Penteadó; Silvério, 2005).

A fadiga, por exemplo, pode levar a uma diminuição na precisão, uma vez que o intérprete pode ter dificuldades para processar e transmitir informações de maneira eficaz. Intérpretes fatigados tendem a ter um tempo de resposta mais longo e perder o foco, o que pode comprometer a fluidez da interpretação e da comunicação entre as partes e também levar a falhas. Nesse sentido, pausas ajudam a aliviar a tensão mental e física, permitindo ao intérprete recuperar a energia necessária para continuar trabalhando com eficiência. Além disso, manter-se hidratado e bem alimentado ajuda sustentar a concentração e a energia ao longo do dia (Guarinello, 2017). Igualmente, adotar uma postura correta e utilizar mobiliário ergonômico pode prevenir dores musculares e problemas de saúde a longo prazo.

No geral, apesar de estar muito cansada depois de um dia exaustivo e por também residir na região Centro-Oeste do país, onde o calor é também um fator a ser levado em conta, a profissional se saiu bem em sua atuação interpretativa. Por vezes, foi inclusive capaz de se antecipar em algumas sentenças da fala do orador, talvez pelo fato de estar familiarizada e/ou ter afinidade com a área religiosa, e/ou talvez pelo fato de o orador fazer pausas recorrentes e apresentar um bom volume de voz.

A seguir, apresentam-se os dados obtidos para a sessão “B” de Pp3.

Quadro 12 – Resultados da atuação da Participante 3 (B)

(continua)

Pp	Trecho do Texto-fonte	Indicadores	Ocorrências – Conhecimento			Tempo
	Contexto Educacional (B)		domínio (+)	Neutro	domínio (-)	
Pp3	<p>Logo no início, a intérprete esbarra na quantidade de informações que são elencadas e <b>omite</b> informações importantes. Porém, a oratória da palestrante é muito rápida, e a acústica e os ruídos interferem na compreensão.</p> <p>A intérprete percebe que a câmera não está bem enquadrada e tenta ajustá-la no ato da interpretação.</p> <p>Ao longo desses 5min, a intérprete utilizou <b>aproximação</b> e <b>reprodução</b> e equivocou-se em vários sinais, como no sinal de “país” (<i>i.e.</i>, sinalizou América).</p> <p>Continuou omitindo dados, ficando evidente a dificuldade para acompanhar a velocidade da fala da palestrante.</p>	Termos técnicos complexos.	Aproximação.		Omissão; Reprodução.	0:01 a 4:59
	<p>É visível uma maior dificuldade nesse conteúdo, por se tratar de algo específico, com termos técnicos.</p> <p>Explora, em vários momentos, a estratégia de <b>aproximação</b>, com o objetivo de trazer uma mensagem mais simplificada.</p> <p>Por provável desconhecimento do assunto, <b>omite</b> sinais de exame, sem recorrer ao apoio do <i>slide</i>. Omitir e coloca sinais equivocados na sentença.</p> <p>Alguns sinais (<i>e.g.</i>, o de pizza) ficaram fora de contexto, provavelmente pela falta de apoio, cansaço e nervosismo.</p> <p>A intérprete utiliza a <b>reprodução</b> e <b>adição</b>, para colocar informações além daquelas dos números.</p>	Vocabulário específico.	Reprodução; Adição.		Omissão; Aproximação.	5:00 a 9:59

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Quadro 12 – Resultados da atuação da Participante 3 (B)

(continua)

<p>Logo no início, a intérprete, por não usar o apoio do <i>slide</i>, sinalizou cada parte utilizando o classificador. Não ficou muito claro, pois não colocou tudo no mesmo local, passando a ideia de que são vários órgãos diferentes.</p> <p>Faz uso da <b>reprodução</b>, mas sem explorar o <i>slide</i>, que ficara bastante tempo nítido na tela.</p> <p>Faz uso da <b>repetição</b> e da <b>reconstrução</b>.</p> <p>A plateia participa, porém não é possível ouvir a pergunta. A intérprete sinaliza que há alguém com dúvidas na plateia. Retoma, utilizando <b>reestruturação</b>.</p>	Citações e uso de datilologia.	Reestruturação.		Reprodução; Repetição; Reconstrução.	10:00 a 14:59
<p>A intérprete inicia <b>omitindo</b> “sarcoma” e faz datilologia de carcinoma de forma equivocada (<b>omissão e reprodução</b>).</p> <p>Começa a dar sinais de cansaço e sono.</p> <p>Faz uso de <b>aproximação</b>, para dar clareza à mensagem.</p> <p>Também acontecem omissões, que fazem com que a mensagem fique incompleta. Ao elencar nomes de doenças e características, a intérprete não as sinaliza em sua totalidade, desconsiderando o suporte dos <i>slides</i>.</p>	Explicitação ou omissão de informações.	Aproximação.		Omissão; Reprodução.	15:00 a 19:59

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Quadro 12 – Resultados da atuação da Participante 3 (B)

(continua)

<p>O momento é aberto a perguntas, e algumas acontecem ao mesmo tempo. A intérprete já inicia com <b>reprodução</b> e erra na sinalização, mas se autocorrige e se desculpa, utilizando <b>reconstrução</b>.</p> <p>A intérprete apresenta sinais de cansaço mental, fazendo esforço para a busca de sinais. Também apresenta cansaço físico, boceja e toma água, enquanto a plateia pergunta sem o microfone.</p> <p><b>Omite</b> informações importantes do discurso, sobre atipia. Segue sem corrigir. Retoma do ponto que conhece a sinalização.</p> <p>Ao retomar a sinalização, quando os participantes perguntam sem o microfone, fica uma lacuna, e a intérprete tenta contextualizar utilizando <b>paráfrase</b> e <b>reformulação</b>. Porém, fá-lo com muitas omissões ainda, boceja muito e apresenta muito cansaço.</p> <p>A partir dos 24 min, a sinalização passa a ser mais robotizada e descontextualizada, sem utilizar expressões ou estratégias que prendam a atenção e sejam condizentes com o discurso. O cansaço é intenso, os olhos estão pesados, a intérprete boceja muito, e fica visível que seu cognitivo já não está acompanhando as informações.</p>	Pausas e extensões.	Reprodução; Reconstrução.		Omissão; Paráfrase; Reformulação.	20:00 a 24:59
<p>Nesse ponto, a intérprete retoma. Busca mais atenção e utiliza <b>aproximação</b> e <b>reestruturação</b>, para entregar a MA com clareza. Mantém um minuto assim e logo volta a sinalizar com muito cansaço e de forma desconectada e com <b>omissões</b> e <b>transcodificação</b>.</p>	Compensação no uso do tempo.	Aproximação; Reestruturação		Omissão; Transcodificação.	25:00 a 29:59

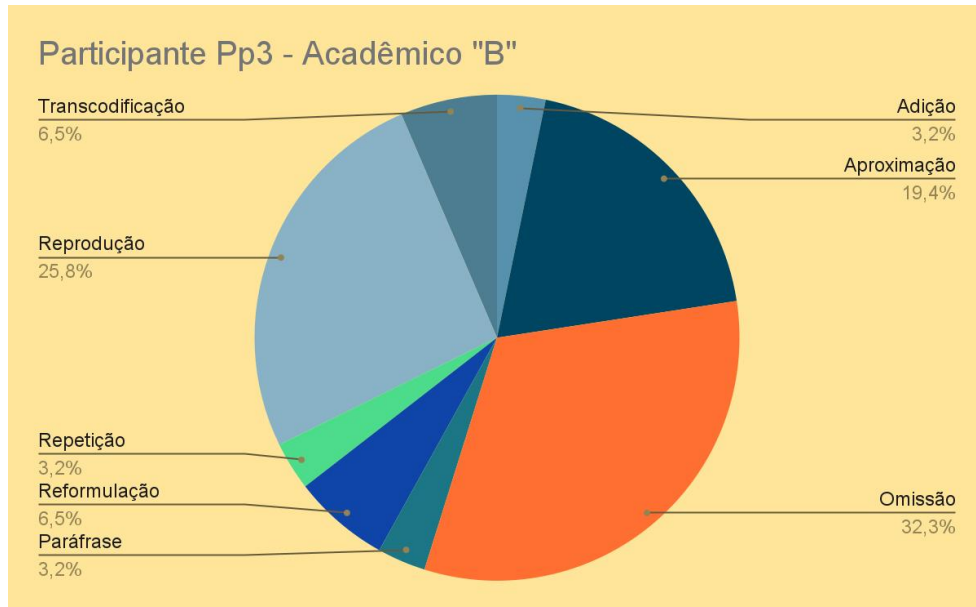
Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Quadro 12 – Resultados da atuação da Participante 3 (B)

(conclusão)					
<p>A palestrante utiliza dados nos <i>slides</i>, porém a intérprete continua fazendo uso de <b>reprodução</b> e <b>transcodificação</b>. Pessoas passam na frente da câmera, dificultando a visibilidade dos <i>slides</i> utilizados.</p> <p>A intérprete demonstra cansaço, toma água e segue, mas não consegue acompanhar o que foi falado. <b>Omite</b> muitos dados. O cansaço mental e físico é evidente. É visível que tenta buscar conectivos ou equivalências para a entrega da sua interpretação. Utiliza <b>omissão</b>, no momento em que retira sinais da mensagem topicalizada e utiliza <b>reprodução</b>.</p>	Fadiga cognitiva e/ou corporal.			Reprodução; Omissão; Transcodificação.	30:00 a 34:59
<p>A palestrante se apoia intensamente nos slides, porém a intérprete segue utilizando a <b>reprodução</b>.</p> <p>Realiza equívocos em sinais, porém utiliza a <b>reconstrução</b> e se autocorrigue.</p> <p>Faz uso de <b>aproximação</b>, para simplificar a MA.</p> <p>Usa <b>reformulação</b> e <b>aproximação</b>, para que a mensagem seja mais plausível e consiga expressar de uma forma mais clara na MA.</p> <p>Deixa visível seu cansaço físico e mental, mostrando se esforçar muito para encontrar as equivalências necessárias.</p> <p>Dessa forma, com 42min, pede para encerrar sua atuação.</p>		Reconstrução; Aproximação; Reformulação.		Reprodução.	35:00 a 42:00

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Gráfico 7 – Estratégias do Participante 3 (Pp3) no contexto educacional (B)



Fonte: elaboração própria.

Na sessão “B”, Pp3 permaneceu sentada e com as inúmeras interferências e desconfortos do ambiente, de modo que em alguns momentos a sinalização foi interrompida. A sinalização é apresentada de forma mais insegura, e percebe-se em sua expressão a busca por equivalências desde o início. O “*mouthing*” é constante, o que demonstra ancorar-se como um suporte para sua memória.

Nessa temática, Pp3 apresentou maior dificuldade, mediante o cansaço e condição fisiológica, uma vez que aparentava estar resfriada ou com alguma alergia. Com a restrição do espaço, não utilizou o apoio do vídeo para um melhor aproveitamento do assunto, o que provavelmente a levou a um número significativo de omissões.

Em vários momentos, detectou-se um incômodo da intérprete quanto à oratória, ao volume e à entonação do palestrante, o que comprometeu sua atuação. Trata-se de componentes fundamentais da comunicação verbal, que desempenham um papel relevante na transmissão de emoções, na ênfase de pontos importantes e na manutenção do interesse do público (Freitas, 2019).

Constata-se, ainda durante os próximos minutos, uma maior dificuldade de Pp3 nesse conteúdo, por se tratar de algo específico, com termos técnicos. Desse modo, a intérprete explora em vários momentos, a estratégia de aproximação, com o objetivo de trazer uma mensagem mais simplificada do discurso.

A partir do período de 24min, a sinalização passa a ser mais robotizada e descontextualizada, sem utilizar expressões ou estratégias que prendam a atenção e sejam

condizentes com o discurso. O cansaço é intenso, os olhos estão pesados, a intérprete boceja muito e fica visível que seu cognitivo já não está acompanhando as informações.

Com efeito, Pp3 demonstra uma série de dificuldades e adaptações ao longo da sessão “B”, que são observadas em diferentes intervalos de tempo durante a interpretação.

No início da interpretação, o intérprete se depara com a rápida velocidade da oratória da palestrante, além de problemas acústicos e ruídos que prejudicam a compreensão. Com isso, a intérprete cometeu falhas, como a omissão de informações cruciais e a utilização de sinais equivocados (*e.g.*, o sinal de “país” foi trocado por “América”), demonstrando dificuldades em acompanhar a velocidade da fala e a complexidade do conteúdo. Essa fase é caracterizada pelo uso de aproximação e reprodução, mas com notáveis omissões e imprecisões nos sinais.

Conforme o tempo avança, a intérprete continua a enfrentar desafios significativos, especialmente devido à falta de conhecimento de domínio, o que resulta em omissões e uso inadequado de sinais. Como aponta Quadros (2004), o domínio do conteúdo é crucial para a qualidade da interpretação. Também, a falta de apoio visual, como *slides*, agrava esses problemas, e o nervosismo e o cansaço começam a impactar a qualidade da interpretação. A utilização de estratégias como reprodução, adição e aproximação se torna mais frequente, mas nem sempre com sucesso, como evidenciado por sinais fora de contexto e informações incompletas.

Nos minutos seguintes, a intérprete tenta compensar as dificuldades iniciais com reestruturação e repetição, mas o cansaço físico e mental se torna evidente, afetando a clareza da interpretação. Napier e Barker (2004) apontam que a fadiga é um fator determinante na diminuição da qualidade da interpretação, especialmente em situações que exigem concentração prolongada.

Há momentos de omissão, onde sinais de doenças não são completamente sinalizados. O não uso de materiais de apoio, como *slides*, prejudica ainda mais a entrega da mensagem. A intérprete começa a exibir sinais de exaustão, como bocejos frequentes, e a interpretação se torna cada vez mais robotizada e desconectada do conteúdo original.

Na parte final da interpretação, a intérprete tenta se reerguer utilizando estratégias de aproximação e reformulação para manter a clareza da mensagem. No entanto, o cansaço continua a afetar significativamente o desempenho, levando a uma decisão de encerrar a interpretação antes do final previsto. Essa decisão reflete a importância de reconhecer os limites físicos e cognitivos durante uma interpretação, especialmente em contextos educacionais exigentes. Segundo Cokely (1992), a autogestão é uma competência essencial

para os intérpretes, que devem saber quando buscar apoio ou interromper sua atuação para evitar a deterioração da qualidade interpretativa.

Este caso evidencia a complexidade do trabalho do intérprete de Libras, que precisa constantemente adaptar suas estratégias de acordo com o contexto, o conteúdo e as condições externas, como a qualidade do áudio e o suporte visual disponível. A análise destaca a necessidade de suporte adequado e preparação para lidar com desafios específicos, como termos técnicos complexos e a gestão do cansaço durante longos períodos de interpretação.

Elencam-se a seguir os principais aspectos da atuação de Pp3 na sessão “B”, lembrando que, diferentemente dos intérpretes desta pesquisa, a participante atuou sentada durante toda sua interpretação e lembrando que as omissões e equívocos já ocorrem no início da atuação:

- 2min46s – omitiu “OMS – Organização Mundial de Saúde”, interpretando apenas a MF “95% várias doenças poderiam ser evitadas”;
- 3min15s – repassou uma informação equivocada: a MF “mundialmente 1 milhão 380 mil” foi interpretada como “mundialmente mais ou menos 1 milhão”;
- 3min53s – omitiu a informação “segundo dados do ano de 2014”;
- 3min56s – omitiu a informação: “20% dos casos”;
- 4min05s – transmite certo nervosismo e desconhecimento – falta de domínio – na produção de alguns sinais em sua atuação em determinados momentos. Para “câncer de próstata” não faz a sinalização adequada e recorre à datilologia;
- 4min26s – assim como item anterior, para a interpretação de “Câncer de intestino e o de colo de útero”, a intérprete transmite certo nervosismo e desconhecimento – falta de domínio – na produção de alguns sinais. Mais especificamente, recorre à datilologia para “I-N-T-E-S-T-I-N-O” e omite a informação referente a “câncer em colo de útero”;
- 6min24s – transmite certo nervosismo e desconhecimento – falta de domínio – na produção de alguns sinais, interpretando, por exemplo, “controvérsias” como “conversa, bate-papo”.

Por fim, procede-se à análise da atuação do intérprete Pp4.

Quadro 13 – Resultados da atuação da Participante 4 (A)

(continua)

P p	Trecho do Texto-fonte	Indicadores	Ocorrências – Conhecimento			Temp o
	Contexto Religioso (A)		domínio (+)	Neutro	domínio (-)	
Pp 4	A intérprete possui fluência, mas falta-lhe domínio de estratégias de interpretação, logo no início. Sabe sinais, mas se confunde com os contextos a serem aplicados. Utiliza <b>reprodução</b> , fazendo o uso de datilologia. Utiliza <b>aproximação</b> , para passar a mensagem de forma mais clara e sintetizada. Demonstra afinidade com o tema, mas interpreta de forma engessada, sem explorar estratégias de interpretação. Seu ambiente mostra ser um local que outras pessoas acessam. É possível ver que há movimentações próximas, o que talvez tire um pouco da atenção da intérprete.	Termos técnicos complexos.	Reprodução; Aproximação.			0:01 a 4:59
	A intérprete não está totalmente concentrada na entrega. Realiza algumas <b>omissões</b> . Talvez tenha colocado o áudio baixo, não permitindo compreender com clareza a mensagem. Utiliza muito <b>aproximação</b> em toda a sinalização, talvez pelo perfil de atuação e familiaridade com o tema.	Vocabulário específico.	Aproximação		Omissões	5:00 a 9:59
	A intérprete demonstra desconforto com a posição em que está sentada. Começa a se mexer e encontra uma melhor forma na cadeira. Sua expressão continua sendo mais pelo olhar. Seus lábios permanecem cerrados, não utiliza o <i>mouthing</i> em quase nenhum momento. Utiliza <b>aproximação</b> para deixar a mensagem mais clara e simples para o público. Utiliza <b>reprodução</b> para elencar os livros bíblicos.	Citações e uso de datilologia.	Aproximação; Reprodução.			10:00 a 14:59

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Quadro 13 – Resultados da atuação da Participante 4 (A)

(continua)

<p>Realiza algumas <b>omissões</b>. Não aparenta ser cansaço, mas escolhe. Pode ser pela proximidade com o tema. Provavelmente acredita que não há necessidade de ser repetitiva em algumas ocasiões e, por isso, escolhe omitir.</p> <p>Seu processo anafórico acontece, diferentemente dos outros participantes.</p> <p>Vê-se que a intérprete tem fluência, mas sinaliza sem se utilizar de estratégias que deixariam o discurso mais claro.</p> <p>Utiliza <b>reformulação</b> e <b>aproximação</b> com objetivo de organizar melhor a mensagem a ser entregue.</p>	<p>Explicitação ou omissão de informações.</p>			<p>Omissões.</p>	<p>15:00 a 19:59</p>
<p>A intérprete demonstra desconforto, cansaço e fadiga. Tosse, tenta encontrar nova postura e boceja.</p> <p>Utiliza <b>reprodução</b>.</p> <p>Utiliza também <b>aproximação</b> e <b>reconstrução</b>.</p>	<p>Pausas e extensões.</p>	<p>Reprodução; Aproximação; Reconstrução.</p>			<p>20:00 a 24:59</p>
<p>Demonstra muito cansaço e dor nas costas. Sua postura não está contribuindo, já que é uma demanda longa.</p> <p>Utiliza bastante <b>aproximação</b>, com a intenção de passar a mensagem de forma mais simples e objetiva. Dessa forma, acaba realizando também <b>omissões</b>.</p> <p>Utiliza <b>transcodificação</b>, sinalizando palavra por palavra em uma sentença. É perceptível a necessidade de pausas, revezamento, apoio, organização do ambiente.</p>	<p>Compensação no uso do tempo.</p>	<p>Aproximação; Transcodificação.</p>		<p>Omissões</p>	<p>25:00 a 29:59</p>
<p>O cansaço mental e físico fica mais evidente; seu espaço restrito contribui para isso. A intérprete fica mais de um minuto sem sinalizar; para para olhar algo, talvez o celular. Quando volta, não retoma, inicia de onde está, havendo <b>omissão</b>.</p> <p>Mais uma vez, para para olhar algo (o celular, talvez), omite uma grande parte do discurso e depois realiza <b>aproximação</b> e <b>reconstrução</b>.</p>	<p>Fadiga cognitiva e/ou corporal.</p>	<p>Aproximação; Reconstrução.</p>		<p>Omissão</p>	<p>30:00 a 34:59</p>

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

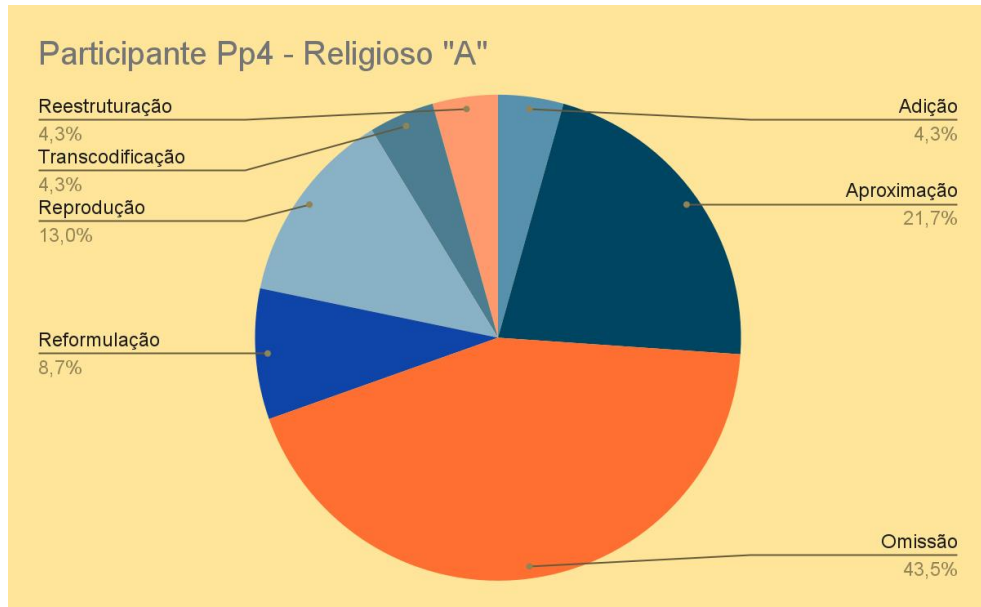
Quadro 13 – Resultados da atuação da Participante 4 (A)

(conclusão)

	A intérprete demonstra cansaço e uma sinalização informal. A sensação é de que está ouvindo e repassando a mensagem sem se preocupar com as nuances. <b>Omissões, reconstrução e aproximação</b> são as três estratégias mais utilizadas, mesmo que em alguns momentos pareçam ser inconscientes.		Reconstrução; Aproximação.		Omissão	35:00 a 39:59
	A intérprete boceja muito, tosse e segue com <b>omissões e aproximações</b> .		Aproximações		Omissões	40:00 a 42:01

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados.

Gráfico 8 – Estratégias do Participante 4 (Pp4) no contexto religioso (A)



Fonte: elaboração própria.

Pp4 demonstrou uma sinalização mais engessada que os demais participantes, apresentando um semblante técnico e uma expressão enrijecida com a visível preocupação em não mexer os lábios, que, por sua vez, se mantiveram cerrados, além de apenas usar o movimento dos olhos para as expressões faciais. A atuação também ocorreu na posição sentada, o que poderia se configurar como uma atuação mais confortável; porém, percebeu-se que o assento não lhe proporcionou-lhe conforto.

Observou-se que Pp4 também tinha uma familiaridade com o contexto. De modo geral, sua sinalização foi clara, porém mais seca, ocorrendo de maneira mais informal, sem explorar muitas estratégias e as nuances que existem em todo processo interpretativo.

No geral, apesar de a intérprete estar muito cansada, depois de um dia exaustivo na região Centro-Oeste do país (Mato Grosso do Sul) onde o calor é um fator a ser levado em conta, ela se saiu bem em sua atuação interpretativa. Ela inclusive se antecipa em algumas sentenças da fala do orador, talvez pelo fato de estar familiarizada e ou ter mais afinidade com a área religiosa. Também, neste caso pontua-se o orador, que demonstrou ser um palestrante fluente que faz excelente uso de pausas e um bom volume de voz.

A seguir, apresentam-se os dados do participante no que tange à sessão “B”.

Quadro 14 – Resultados da atuação da Participante 4 (B)

(continua)

Pp	Trecho do Texto-fonte	Indicadores	Ocorrências – Conhecimento			Tempo
	Contexto Acadêmico (B)		domínio (+)	Neutro	domínio (-)	
Pp4	<p>O som da gravação está bem baixo, o que pode ter sido um fator prejudicial, pois há uma dificuldade em compreender as falas, uma vez que a oratória da palestrante já é rápida e com interferências.</p> <p>Está ventando no ambiente em que ela sinaliza, o que também atrapalha, pois seus cabelos estão soltos e logo de início já precisa arrumá-los, para não ficarem no rosto.</p> <p>Notam-se: <b>omissões</b>, pausas para compreender a mensagem e assim construir uma sinalização mais sintetizada (<b>aproximação</b>).</p> <p>Utiliza a <b>reprodução</b> para elencar dados, mas se esquece de topicalizá-los, para facilitar o entendimento.</p>	Termos técnicos complexos.			Omissão; Aproximação; ; Reprodução.	0:01 a 4:59
	<p>Apesar de o tema ser um conteúdo ser mais técnico, a intérprete segue sem demonstrar nervosismo ou incompreensão. Segue com objetivo de passar a mensagem de forma sucinta. Essa característica é algo positivo, mas, em ambientes formais, como uma palestra para pessoas da área da saúde, o discurso apresentado fica inferiorizado, tratando-se de uma sinalização mais informal.</p> <p>Também chama a atenção a utilização de alguns sinais, que hoje já não são utilizados, como o sinal de “Japão”.</p> <p>Ocorrem casos de <b>omissão, aproximação, reprodução e reestruturação</b>.</p>	Vocabulário específico.			Omissões; Aproximação ; Reprodução; Reestruturação	5:00 a 9:59
	<p>Utiliza classificadores e começa a usar <i>mouthing</i>. É perceptível a fluência da intérprete e o seu convívio com a comunidade Surda. Porém seu perfil é de convívio fora do contexto profissional.</p> <p>Ela <b>omite e aproxima</b> várias vezes e <b>reestrutura</b> também. O ambiente continua desfavorável para uma entrega tranquila. Ela olha para a mesa, começa a dar sinais de desconforto, depois olha para o chão. Perde algumas informações e segue.</p>	Citações e uso de datilologia.		<i>Mouthing</i>	Omissão; Aproximação ; Reestruturação	10:00 a 14:59

Fonte: elaboração própria com base na coleta de dados.

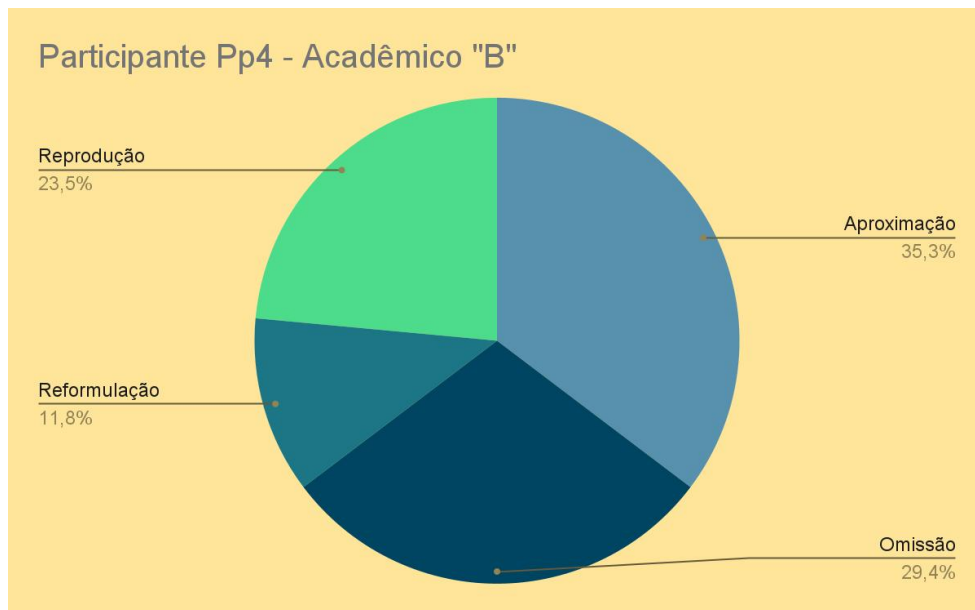
Quadro 14 – Resultados da atuação da Participante 4 (B)

(conclusão)

<p>Inicia utilizando o celular como apoio. Olha para o celular na intenção de compreender a mensagem, porém acaba omitindo algumas informações e reconstruindo a mensagem. Ocorrem <b>omissão e reconstrução</b>. Começa a dar sinais de cansaço e tenta encontrar melhor postura. Faz uso de <b>aproximação</b> para dar clareza à mensagem.</p>	<p>Explicitação ou omissão de informações.</p>	<p>Aproximação</p>		<p>Omissão; Reconstrução</p>	<p>15:00 a 19:59</p>
<p>Boceja muito, sendo evidente seu cansaço. Utiliza <b>reprodução</b> para citar os nomes que a palestrante relata. Como há participação da plateia, perde algumas informações e <b>omite</b>-as. Ao retomar a sinalização, fica uma lacuna de quando os participantes perguntam sem o microfone.</p>	<p>Pausas e extensões.</p>			<p>Omissão; Reprodução.</p>	<p>20:00 a 24:59</p>
<p>Pausa e olha para baixo por um minuto, aproximadamente. <b>Omite</b>, parece estar buscando em sua mente uma forma de reconstruir a mensagem. Utiliza <b>aproximação</b> para entregar a MA com clareza. Utiliza <b>reprodução</b> para elencar informações.</p>	<p>Compensação no uso do tempo.</p>	<p>Aproximação; Reprodução.</p>		<p>Omissão.</p>	<p>25:00 a 29:59</p>
<p>A palestrante utiliza dados nos <i>slides</i>, porém a intérprete faz uso de <b>reprodução e transcodificação</b>, pois não está seguindo os slides. Demonstra cansaço, coça o nariz, busca uma nova postura.</p>	<p>Fadiga cognitiva e/ou corporal.</p>			<p>Reprodução; Transcodificação.</p>	<p>30:00 a 34:59</p>
<p>Apesar do cansaço, segue fazendo uma entrega firme. Mesmo sem seguir o contexto formal, com uma sinalização mais técnica, continua ouvindo a mensagem e aplicando as estratégias de <b>aproximação, reconstrução e reestruturação</b>, para passar a mensagem, mesmo que de forma sintetizada. Usa <b>reformulação e aproximação</b>, para que a mensagem seja mais plausível e clara. Com objetivo de <b>reformular</b> a mensagem, também <b>omite</b> algumas informações que, para a situação e contexto, são importantes.</p>		<p>Aproximação; Reconstrução; Reestruturação; Reformulação</p>		<p>Omissão.</p>	<p>35:00 a 42:01</p>

Fonte: elaboração própria com base na coleta de dados.

Gráfico 9 – Estratégias do Participante 4 (Pp4) no contexto educacional (B)



Fonte: elaboração própria.

Na sessão “B”, Pp4 permaneceu sentada. Nesse contexto, observaram-se as intempéries do ambiente, o que incluiu o desconforto do assento. Ainda que o contexto tenha mudado, a sinalização e a postura se mantiveram. Não foi, em momento algum, utilizado o “*mouthing*”. As expressões faciais ocorreram apenas com o movimento dos olhos, havendo uma sinalização reduzida, como se a intérprete estivesse passando a mensagem para pessoas próximas.

Pp4 tem fluência na Libras e afinidade com a Comunidade Surda; porém, quanto às estratégias de interpretação, as explorou pouco. Por apresentar uma sinalização informal sem o uso das estratégias de interpretação, ocorreram significativamente omissões. Por exemplo, foi exposto pela palestrante, por diversas vezes, o assunto sobre “patologias”. Pp4, contudo, lançou mão de apenas um sinal – “doença” – e o repetiu por outras vezes sem apresentar uma variação.

Nos primeiros 5min de atuação, a intérprete enfrentou dificuldades devido à baixa qualidade do som da gravação, o que impactou negativamente sua capacidade de compreender e transmitir a mensagem com precisão. Este fator externo, aliado à oratória rápida da palestrante e ao ambiente desfavorável, contribuiu para omissões e pausas necessárias para a intérprete construir uma sinalização sintetizada. A intérprete, embora dominando o conteúdo técnico, optou por uma abordagem de aproximação, essencial para a clareza da comunicação em situações desafiadoras.

De 5min a 9min59s, a intérprete demonstrou adaptação constante para simplificar a

mensagem, utilizando-se de termos menos complexos. No entanto, o uso de sinais desatualizados, como o de “Japão”, destaca a necessidade de formação continuada para atualização do repertório e das estratégias interpretativas.

No período de 10min a 14min59s, a intérprete incorporou classificadores e *mouthings*, evidenciando sua fluência na Libras e o convívio com a Comunidade Surda. No entanto, sinais de desconforto físico e omissões de informações começaram a surgir, comprometendo a fluidez da interpretação.

No período de 15min a 19min59s, a utilização do celular como apoio resultou em omissões e reconstruções da mensagem. Isso provavelmente revelou as limitações impostas pelo cansaço e pela tentativa de melhor compreensão da MF.

De 20min a 42min01s, o desgaste físico e cognitivo tornou-se mais evidente. Apesar disso, a intérprete conseguiu manter a entrega da mensagem, embora de maneira sintetizada e com omissões pontuais de informações importantes para o contexto. A estratégia de reformulação permitiu tornar a mensagem mais acessível, ainda que isso implicasse a perda de alguns detalhes significativos.

Explicitando-se alguns pontos da atuação de Pp4, que permaneceu sentada, destacam-se:

- 2min30s – apesar de ter sido interrompida por uma pessoa que estava adentrando em seu ambiente e/ou seu espaço de trabalho, a intérprete não compromete sua atuação neste momento;
- 6min28s – talvez por nervosismo inicial, interpreta inadequadamente quando o palestrante diz “Bom”, no sentido de “Bem” ou ainda “Então” ou “Assim”;
- 10min57s – para “copiar as pisadas de Jesus...”, sinaliza “pisadas/caminhada” de forma literal;
- 15min30s – para “como é que Deus me ouve”, sinaliza “ouvir” de forma literal, em vez de algo se referindo a “como Deus presta me atende”;
- 17min53s – demonstra tranquilidade, mantém-se confortável e corrige a escolha interpretativa do item anterior (15min30s);
- 18min05-15s – para “como é que Deus me ouve”, novamente sinaliza “ouvir” de forma literal, em vez de algo se referindo a “como Deus presta me atende”;
- 22min30-39s – para “como é que Deus me ouve”, novamente sinaliza “ouvir” de forma literal, em vez de algo se referindo a “como Deus presta me atende”, provavelmente numa demonstração de cansaço cognitivo e físico;

- 22min39-56s – devido à exaustão (calor, cansaço...), para a atuação e toma água. Durante esse período, omite algumas informações. Em seguida, retoma a interpretação;
- 24min09s – mais uma vez, devido à exaustão (calor, cansaço ...), boceja. Passa uma demonstração de cansaço físico;
- 24min46s – demonstra incerteza, deixando claro em sua expressão facial na interpretação de um texto bíblico, 1 João 4:19;
- 25min32s – faz o sinal de “romper amizade do HOMEM (?) com Deus” de forma literal, em vez de se referir a humanidade, pessoas, provavelmente numa demonstração de cansaço cognitivo e físico;
- 26min21-38s – novamente, devido à exaustão (calor, cansaço ...), para e toma água. Durante esse período, omite algumas informações. Passa uma demonstração clara de cansaço cognitivo e físico. Em seguida, retoma a interpretação;
- 27min26s – devido à exaustão (calor, cansaço ...), boceja mais uma vez. Também se percebe um incômodo de estar tanto tempo sentada (mexe-se de um lado para o outro ainda sentada). Há uma demonstração clara de cansaço físico;
- 28min18s – novamente, devido à exaustão (calor, cansaço ...), boceja pela terceira vez e demonstra de cansaço físico;
- 28min18s-29min33s – atrapalha-se na escolha interpretativa durante alguns momentos neste, há uma demora na entrega do sinal e/ou escolha interpretativa. Há clara percepção de exaustão (calor, cansaço ...) e cansaço cognitivo e físico;
- 30min23-42s – devido à exaustão (calor, cansaço ...), boceja pela quarta vez. Pede desculpas, toma água e retoma a interpretação. Durante esse período, omite algumas informações. Demonstra claramente cansaço físico e cognitivo.

Assim como Pp3, Pp4” atuou sentada durante toda sua interpretação. Não obstante, como observado durante a análise da palestra, uma das questões identificadas diz respeito à falta de familiaridade da intérprete com a terminologia técnica da área de saúde. Isso é evidenciado nas omissões, interpretações equivocadas e omissões de sinais. Conforme citado por Johnson (2017), “a falta de compreensão dos termos específicos de uma área pode resultar em traduções imprecisas e interpretações restritas”.

Outro desafio enfrentado por um intérprete durante uma palestra é a dificuldade em transmitir informações complexas. A área da saúde frequentemente envolve conceitos

intrincados e detalhados, que podem ser difíceis de interpretar com precisão quando o intérprete não possui um conhecimento profundo sobre o assunto. Como observado por Baker (2019), “a interpretação de conceitos complexos requer um entendimento sólido desses conceitos, o que é essencial para garantir a clareza na comunicação”.

Além disso, a falta de conhecimento sobre procedimentos médicos, medicamentos e condições específicas pode levar a erros de interpretação, conforme demonstrado na análise da palestra. Isso é particularmente problemático em contextos de saúde, onde a precisão é de extrema importância. De acordo com Smith (2018), “erros de interpretação podem ter consequências em situações de saúde, tornando essencial que os intérpretes estejam bem informados sobre os aspectos técnicos da área”.

Para superar esses desafios, é imperativo que os intérpretes de Libras busquem constantemente aprimorar seu conhecimento nas áreas em que atuam. Isso pode incluir a participação em treinamentos específicos, a leitura de literatura relacionada à área da saúde e a busca contínua por atualizações e informações relevantes. Além disso, a compreensão do contexto cultural e social em que a comunicação ocorre também desempenha um papel crucial na interpretação eficaz (Martins, 2020).

Em situações em que o intérprete percebe que não possui conhecimento suficiente sobre um tópico específico, é fundamental que ele comunique isso aos envolvidos e busque recursos adicionais, como glossários, materiais de referência ou até mesmo consultas prévias com especialistas na área. Essas práticas ajudam a garantir uma interpretação mais precisa e a manter a integridade da comunicação entre as partes envolvidas (Garcia, 2021).

Portanto, a análise da palestra revela a importância do conhecimento de domínio por parte dos intérpretes de Libras, especialmente em contextos altamente especializados como a área da saúde. O aprimoramento constante desse conhecimento é essencial para garantir uma comunicação eficaz e precisa, promovendo a inclusão e o entendimento adequado entre todas as partes envolvidas (Campello *et al.*, 2022, p. 13-14).

Como destacado por Marschark e Hauser (2012), a língua de sinais é a língua natural das pessoas surdas, e o intérprete desempenha um papel fundamental na facilitação dessa comunicação interlinguística. No entanto, a eficácia desse processo depende em grande parte do conhecimento de domínio do intérprete sobre o assunto ou contexto específico em que está trabalhando.

Escolhas não tão bem definidas ou mal colocadas de interpretação não apenas prejudicam a compreensão da mensagem pelos usuários surdos, mas também comprometem a qualidade da comunicação como um todo. Como apontado por Schick e Williams (2008), a

comunicação eficaz é essencial para o desenvolvimento de relacionamentos e para o acesso a informações cruciais em diversas áreas da vida. Portanto, a importância de intérpretes de Libras bem treinados e com conhecimento de domínio não pode ser subestimada na promoção da inclusão e da igualdade de oportunidades para pessoas surdas ou com deficiência auditiva.

### 4.3 Síntese dos resultados

Pp1 demonstrou fluência em contextos religiosos, mas houve ocorrências significativas de omissões e transcodificações. A adição e a aproximação foram estratégias frequentes, indicando um esforço em tornar a mensagem mais clara. Reformulações e repetições também foram frequentes. Já em contexto educacional, Pp1 mostrou um aumento no uso de reprodução e reformulação. A frequência de omissões foi menor em comparação ao contexto religioso, sugerindo uma maior preparação ou familiaridade com o conteúdo educacional, bem como uma possível compreensão de que a omissão não seria uma estratégia adequada nesse contexto.

Pp2, em contexto religioso, utilizou frequentemente reprodução e aproximação, mas também houve várias omissões e transcodificações. A sinalização foi clara, mas as omissões podem ter comprometido o entendimento completo da mensagem. Já no contexto educacional, Pp2 teve uma atuação mais equilibrada, com uma redução nas omissões e um aumento na apropriação e reformulação, o que facilitou a compreensão do conteúdo complexo.

A atuação de Pp3 em contexto religioso destacou-se pela alta frequência de aproximações e omissões. A reprodução foi uma técnica constante, mostrando uma tendência a manter a fidelidade ao texto original, mas com lapsos na clareza da mensagem. Já no contexto educacional, Pp3 manteve um equilíbrio entre as estratégias usadas. A apropriação e a reprodução foram frequentes, o que ajudou na transmissão de conceitos técnicos, embora algumas omissões tenham ocorrido.

Pp4, em contexto religioso, utilizou uma variedade de estratégias, com ênfase na aproximação e omissão. A falta de domínio completo das estratégias de interpretação foi evidente, resultando em uma entrega menos eficiente em certos momentos. Já em contexto educacional, Pp4 melhorou no uso de aproximação e reformulação, indicando um esforço para adaptar a mensagem ao público-alvo. No entanto, as omissões continuaram a ser um problema recorrente.

Em síntese, a análise da atuação da intérprete revela a complexidade e a exigência da prática interpretativa em Libras, especialmente em contextos formais e técnicos. A adaptação

constante, o uso de estratégias como aproximação, reformulação e omissões são elementos relevantes na atuação, mesmo diante de desafios físicos, cognitivos e ambientais. Mais especificamente em relação aos dois domínios, constatou-se que, no contexto religioso, os intérpretes demonstraram comprometimento com a comunidade e familiaridade com o tema, mas enfrentaram desafios devido ao cansaço e falta de revezamento, resultando em omissões e escolhas insatisfatórias de sinalização. Em contrapartida, no contexto educacional, a complexidade dos termos técnicos e as condições ambientais adversas dificultaram a clareza e a precisão das interpretações. Houve uma necessidade constante de reformulação e transcodificação, resultando num desempenho menos fluente.

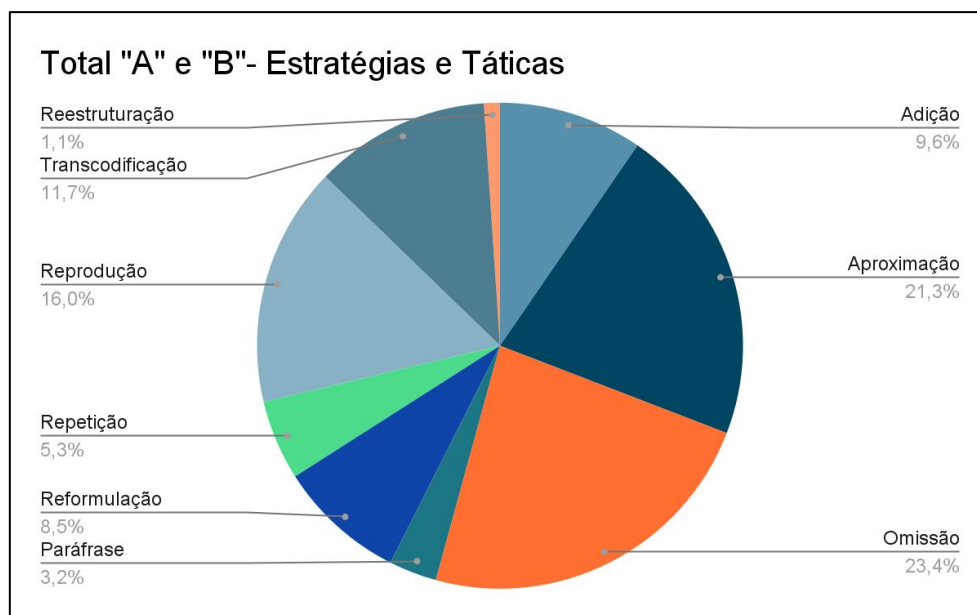
A seguir, consolidam-se os dados obtidos em uma tabela e um gráfico.

Tabela 2 – Estratégias adotadas pelos participantes

EsTal/ Erro	Participante 1		Participante 2		Participante 3		Participante 4	
	Religioso “A”	Educacional “B”	Religioso “A”	Educacional “B”	Religioso “A”	Educacional “B”	Religioso “A”	Educacional “B”
Adição	4	3	1	-	3	1	1	-
Aproximação	1	4	7	8	7	6	5	6
Omissão	3	4	3	6	6	10	10	5
Paráfrase	1	4	2	2	-	1	-	-
Reformulação	1	5	4	6	1	2	2	2
Repetição	3	3	1	3	1	1	-	-
Reprodução	3	11	5	11	4	8	3	4
Transcodificação	3	6	2	3	5	2	1	-
Reestruturação	-		-		-		1	

Fonte: Elaboração própria com base nas Análises das Interpretações (2024)

Gráfico 10 – Total de estratégias nas sessões “A” e “B”



Fonte: elaboração própria.

O resumo dos dados indica que os intérpretes de Libras enfrentam desafios diferentes em contextos distintos. Em geral, a omissão e a transcodificação foram as estratégias insatisfatórias mais comuns, enquanto a aproximação e a reformulação foram as mais amplamente usadas para melhorar a clareza da mensagem.

Os intérpretes de Libras, nos dois contextos apresentados, desempenharam (de uma forma simulada) um papel vital na inclusão de pessoas surdas em práticas de fé, vida comunitária e educacional/acadêmica. A atuação voluntária e a formação comunitária são características marcantes desse grupo. Isso revela um cenário particular que merece atenção. Percebeu-se que os participantes demonstraram fluência durante a atuação, no contexto religioso. Porém, os equívocos como “omissões” e o uso indiscriminado e indevido em determinados “tempos” de estratégias inadequadas revelaram que, se houvesse revezamento, é bem possível que esses problemas poderiam ter sido evitados, já que o cognitivo não ficaria sobrecarregado.

Finalizada a presente análise, procede-se à conclusão desta dissertação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que o universo interpretativo demanda muito estudo, conhecimento das estratégias de interpretação, bem como contato com a língua em sua efetiva ação. Desta forma, a presente dissertação teve como objetivo principal caracterizar, de forma exploratória, o desempenho do intérprete de Libras em dois contextos distintos, o religioso e o educacional, considerando o seu conhecimento de domínio e o impacto do tempo de tarefa. A partir de duas sessões longas de interpretação simultânea, este estudo permitiu identificar importantes variáveis que influenciam o desempenho desses profissionais.

Dentre os principais achados para as estratégias interpretativas, destaca-se:

- no contexto religioso, onde os intérpretes possuíam maior familiaridade com o conteúdo, observou-se uma utilização mais eficaz de estratégias de antecipação e inferência. Essas estratégias contribuíram para a manutenção da fluidez e precisão da interpretação. Os intérpretes demonstraram uma capacidade maior de prever o discurso e ajustar a interpretação de forma dinâmica, reduzindo a necessidade de pausas e correções. Intérpretes em contextos religiosos devem estar particularmente conscientes do impacto de sua interpretação sobre os fiéis, pois a mensagem religiosa é, muitas vezes, carregada de significado espiritual e emocional profundo;
- no contexto educacional, a maior incidência de estratégias de reparo e preenchimento indicou uma dificuldade em lidar com a complexidade e especificidade dos termos técnicos. A falta de familiaridade resultou em interrupções mais frequentes e uma maior dependência de reformulações e adaptações, o que afetou a continuidade e precisão do discurso interpretado. Não obstante, vale sublinhar que, para além do conhecimento de domínio, a tarefa nesse contexto teve desafios extra, como a fluência do orador, a falta de microfones nas falas da plateia e os ruídos no áudio.

Dentre os principais achados para as escolhas incoerentes e omissões, destaca-se:

- no contexto religioso, os intérpretes cometeram menos desvios, incoerências e omissões, refletindo um desempenho mais estável ao longo do tempo. A familiaridade com o conteúdo e a terminologia religiosa permitiu uma interpretação mais coerente e precisa;
- no contexto educacional, a falta de conhecimento de domínio resultou em um aumento gradativo dos desvios, incoerências e omissões, especialmente em termos

técnicos e conceitos especializados. A dificuldade em interpretar terminologias específicas e conceitos complexos aumentou a taxa de escolhas insatisfatórias, indicando a necessidade de maior preparação e familiarização com o conteúdo.

Dentre os principais achados para o tempo ótimo de desempenho, destaca-se:

- os achados parecem corroborar a recomendação de que o tempo de interpretação não deve ultrapassar 20 a 30 minutos sem revezamento, conforme sugerido por Dueñas González, Vásquez e Mikkelson (1991) e Seeber (2015). No entanto, constatou-se que, com conhecimento de domínio, os intérpretes conseguem estender esse tempo, mantendo a qualidade do desempenho por até 40 minutos no contexto religioso. Esse achado sublinha a importância do conhecimento de domínio como um fator crítico para a extensão do período de desempenho ótimo.
- a atuação ótima do intérprete é amplamente impactada pelos desgastes enfrentados ao longo do dia e pelos fatores ambientais. Nesse sentido, por mais que o tempo de atuação até o revezamento não supere os 20 minutos, é possível observar decaimento no desempenho quando o intérprete já passou por uma longa jornada de trabalho e/ou momentos de fadiga e/ou estresse, tal qual foi observado para Pp3 e Pp4.

Os resultados desta pesquisa possuem importantes implicações práticas para a atuação dos intérpretes de Libras. Em primeiro lugar, destacam a necessidade de formação contínua e especializada, especialmente em áreas onde os intérpretes não possuem conhecimento de domínio. Programas de capacitação que incluam familiarização com termos técnicos e contextos específicos são essenciais para a melhoria do desempenho. Vale destacar e reconhecer que abordar a prática constante e/ou desconforto desses profissionais pode não apenas melhorar a qualidade da tradução e interpretação, mas também contribuir para a saúde mental e a satisfação profissional dos envolvidos. Encorajar os profissionais a enfrentarem e refletirem sobre seus momentos de desconforto poderá despertar-lhe o interesse pelo desenvolvimento contínuo e produção de interpretações de alta qualidade. Reconhecer o desconforto não como um obstáculo, mas como uma oportunidade de crescimento, pode levar a uma prática mais rica e gratificante, tanto para os intérpretes quanto para aqueles que dependem de seus serviços. Em suma, a formação contínua também deve focar no desenvolvimento de estratégias de gerenciamento da carga cognitiva, permitindo aos intérpretes utilizar de forma mais eficaz táticas e estratégias como antecipação, inferência e reparo.

Além disso, a pesquisa reforça a importância do revezamento regular como uma prática essencial para a manutenção da qualidade interpretativa. Recomenda-se que gestores e coordenadores de serviços de interpretação assegurem que os intérpretes tenham parceiros para revezamento, especialmente em tarefas de longa duração e em contextos com alta demanda cognitiva. Para além do revezamento, a pesquisa também aponta que os desgastes do dia a dia e as condições de trabalho (como o próprio ambiente de atuação) têm impacto direto no desempenho dos intérpretes, de modo que expectativas e cobranças de desempenho devem ser distintas no início e ao fim de uma jornada de trabalho (o que provavelmente se traduz em termos temporais em desempenhos mais favoráveis pela manhã e menos favoráveis à noite).

Compete sublinhar que esta pesquisa apresentou limitações. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo exploratório e descritivo, o qual, a despeito do fornecimento do mesmo insumo/estímulo aos participantes, apresentou condições distintas de realização, sobretudo quando se considera que Pp3 e Pp4 já iniciaram as suas tarefas fatigadas, com dificuldades de se concentrar na tarefa devido a fatores ambientais e, diferentemente de Pp1 e Pp2, mantiveram-se sentados. Do ponto de vista dos insumos, as sessões “A” e “B” constituem gêneros distintos e envolvem diferentes graus de dificuldade quanto ao processamento auditivo das falas dos participantes, de modo que as comparações aqui empreendidas são mais amplas e menos robustas. Do ponto de vista da análise, os dados foram apresentados de forma descritiva sem atentar aos quantitativos, o que traz um certo nível de subjetividade na interpretação dos dados.

A partir dos resultados obtidos e das limitações desta pesquisa, sugere-se que futuras pesquisas explorem outras variáveis que possam influenciar o desempenho dos intérpretes, tais como o impacto do preparo prévio, a utilização de tecnologias assistivas e o efeito de diferentes estilos de fala dos oradores. Estender a análise para outros contextos de atuação, como a interpretação em ambientes médicos e jurídicos, pode fornecer dados mais robustos e generalizáveis. Ademais, estudos comparativos entre diferentes contextos de atuação e com amostras maiores podem proporcionar uma visão mais abrangente das necessidades e desafios enfrentados pelos intérpretes. A inclusão de variáveis como a experiência profissional e a formação acadêmica dos intérpretes também pode enriquecer a análise. Outras possibilidades incluem investigações sobre aspectos da oralidade, como ritmo do orador, falhas de processamento acústico, ruídos e presença de distratores no ambiente.

Mediante tantas informações, detalhes ímpares de cada participante, entrega de conteúdo distinto, ainda que no mesmo contexto, reforçam quão significativo é e, ao mesmo

tempo, um rico universo de diversidade linguística. Cada qual em sua atuação, cada um em sua linha de estudo e entrega de interpretativa. Faz jus que essa ação de estar em consonância com duas línguas distintas apresenta pessoas com distintas habilidades e formações, porém, fazendo o seu melhor e mediando informações imprescindíveis, sejam elas quais forem, para o sujeito Surdo compreender o que se passa no mundo ouvinte.

Este estudo contribuiu significativamente para a compreensão do impacto do conhecimento de domínio na atuação dos intérpretes de Libras, oferecendo subsídios para a formulação de diretrizes e políticas voltadas para a melhoria da qualidade dos serviços de interpretação. Espera-se que os resultados aqui apresentados possam servir de base para futuras pesquisas e para a prática profissional dos intérpretes, promovendo a inclusão efetiva das pessoas Surdas em diversos contextos sociais.

As informações coletadas e os pormenores de cada participante da pesquisa reforçam a importância de uma preparação adequada e contínua para os profissionais intérpretes, destacando que a prática deliberada e o conhecimento de domínio são importantes para a manutenção da qualidade do desempenho interpretativo. As implicações práticas e recomendações aqui discutidas têm o potencial de impactar positivamente a formação e atuação desses profissionais, contribuindo assim para um serviço de interpretação mais eficiente e inclusivo.

Compete ao intérprete garantir a adequação do texto ao contexto para o qual ele está sendo interpretado, ou seja, o texto deve ser adequado ao público-alvo. Para tanto, é necessário que o tradutor tenha um conhecimento do domínio. É por isso que Da Silva (2019) concluiu que “uma boa [interpretação] especializada exige conhecimento tácito especializado por parte do tradutor para que ele possa [produzir] um texto que tenha a aparência de um texto produzido por um membro da comunidade discursiva alvo” (p. 88). Na verdade, a socialização nas práticas de um grupo é essencial para qualquer intérprete. Requer tempo e esforço para levar a conhecimento tácito, ou seja, compreensão profunda de “regras” que não podem ser expressas (Da Silva, 2019).

O intérprete de Libras desempenha um papel crucial na comunicação entre pessoas surdas ou com deficiência auditiva e aquelas que se comunicam predominantemente através da língua falada. Quando um intérprete não possui conhecimento de domínio sobre o assunto ou contexto específico em que está presente, isso pode resultar em uma interpretação com distanciamento, restrita ou imprecisa. Ainda, a falta desse conhecimento pode levar a desvios e equívocos de interpretação, especialmente em situações que envolvem terminologia técnica, jargões ou conceitos específicos de determinadas áreas. Essas escolhas podem prejudicar a

compreensão da mensagem pelos usuários surdos e comprometer a qualidade da comunicação.

Algumas situações de distanciamento da LF para a LA incluem:

- incompreensão da terminologia específica: O intérprete pode não estar familiarizado com os termos técnicos e específicos da área da saúde, o que pode ter levado a traduções incorretas e/ou escolhas não tão bem adequadas ou ainda incompletas;
- dificuldade na transmissão de informações complexas: a área da saúde frequentemente lida com conceitos complexos e detalhados. Se o intérprete não tiver conhecimento sobre esses conceitos, pode ser difícil transmitir com precisão as informações entre as partes;
- possíveis falhas de interpretação: A falta de conhecimento sobre procedimentos médicos, medicamentos ou condições específicas podem levar a lapsos ou até mesmo erros de interpretação, o que é problemático em um contexto de saúde.

Para superar esses desafios, é essencial que os intérpretes de Libras busquem aprimorar seu conhecimento nas áreas em que atuam, especialmente quando se trata de setores altamente especializados, como a saúde. Isso pode envolver a participação em treinamentos específicos, a leitura de materiais relacionados à área da saúde e a busca contínua por atualizações e informações relevantes. Além disso, uma comunicação eficaz muitas vezes requer uma compreensão mais profunda do contexto cultural e social em que a interação é coexistente.

Na verdade, a área religiosa é igualmente especializada, não somente em relação ao conteúdo abordado (por exemplo, trechos da Bíblia), mas também em relação à profundidade da mensagem, ao seu estilo e às suas nuances de emoção. Como se pôde observar nesta dissertação, houve dificuldades dos intérpretes para o processamento de metáforas, o que também se configura como uma demanda específica da interpretação nessa área. No âmbito desta pesquisa, contudo, dadas as experiências prévias dos participantes, considerou-se que os participantes já dominavam essa área.

Em situações em que um intérprete percebe que não possui conhecimento suficiente sobre um determinado tópico, é ético e profissional que ele comunique isso aos envolvidos e busque recursos adicionais, como glossários, materiais de referência ou até mesmo consultas prévias com especialistas na área. Essas práticas ajudam a garantir uma interpretação mais precisa e a manter a integridade da comunicação entre as partes envolvidas.

O intérprete de Libras desempenha uma função fundamental na comunicação entre pessoas Surdas ou com deficiência auditiva e aquelas que se comunicam principalmente por

meio da língua falada. No entanto, a qualidade da interpretação pode ser afetada por diversos fatores, incluindo o conhecimento da interpretação sobre o contexto e os termos específicos da área em que atua.

Portanto, é fato que cada momento interpretativo envolve conhecimentos específicos de cada sujeito que atua nos mais variados contextos. Contudo, é fato que, estando em ação interpretativa, esse sujeito precisa manter consigo a plena responsabilidade e a autoavaliação de que aquilo que estará mediando poderá impactar (ou não) significativamente a vida de outros. Essa vida poderá usufruir do conhecimento e manter-se integrado às informações sociais. Poderá esse sujeito estar livre das barreiras comunicacionais se, assim, o profissional que se entrega ao ato interpretativo realizar com zelo o seu ofício, proporcionado a outros a ponte comunicacional que desmistifica a incapacidade do sujeito de estar no mundo. Esse ofício gera desconfortos. Cada ação proporciona reflexões. A cada revezamento dos pares intérpretes, pavimenta-se a qualidade do serviço prestado e garante-se a plena educação dos sujeitos, educação essa sem privações e não excludente.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>. Acesso em: 05 abr. 2024.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>. Acesso em: 05 abr. 2024.
- AUBERT, Francis. A tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta? **Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, n. 17, p. 013-020, 1987. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8971>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- ALBRES, N. A.; RODRIGUES, C. H. As funções do intérprete educacional: entre práticas sociais e políticas. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 16-41, 2018. Disponível em: <https://abrir.site/yjVjm>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- ALBRES, N. A.; SANTIAGO, V. A. (Org.). **Libras em Estudo: tradução / interpretação**. São Paulo: FENEIS, 2012. 219 p. : 21cm – (Série Pesquisas). Disponível em: <https://abrir.site/Tvkhw>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- ALVES, F.; DA SILVA, I. A. L. Bridging Paradigms to Approach Expertise in Cognitive Translation Studies. In: MUÑOZ MARTIN, R.; SAN, S.; LI, D. (ed.). **Advances in Cognitive Translation Studies**. Berlin: Springer, 2021. p. 89-108. Disponível em: <https://abrir.site/SCvcO>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- ANDRADE, E. A. F. **O discurso e a prática dos professores universitários paranaenses sobre a disciplina de libras**. 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2019. Disponível em: <https://abrir.site/YkAFO>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- AQUINO, T. de. **Suma Teológica**. São Paulo: Ecclesiae, 2016.
- BARBOSA, D. M. **Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência**. 2020. 247 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219275>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- BARBOSA, D. M. *et. al.* **Omissões na interpretação simultânea de conferência: língua portuguesa – língua brasileira de sinais**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132401>. Acesso em: 29 jul. 2024.

BARBOSA, D. M. Omissões na interpretação simultânea. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 269-288, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/>. Acesso em: 05 dez. 2019.

BARBOSA, F. V.; LICHTIG, I. Protocolo do perfil das habilidades de comunicação de crianças surdas. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 95-118, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-80342008000300009>. Acesso em: 05 dez. 2019.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BORGES, M. S. D. **Estudo da leitura em voz alta em dois contextos telejornalísticos: a reportagem presencial e não-presencial**. 2008. 101f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1196M.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BOTELHO, P. **Segredos e silêncios na educação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/125597> Acesso em: 06 jun. 2023.

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**. Belo Horizonte. Autentica, 2005.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://abrir.link/gKKDQ>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Brasília, 22 dez. 2005. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 12 mar. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em: 12 jan. 2024.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 7.036, de novembro de 1944**. Reforma da Lei de Acidentes do Trabalho. Disponível em: <https://abrir.link/jYrfe>. Acesso em: 12 mar. 2024.

BRASIL. **Instrução Normativa nº 98, de 05 de dezembro de 2003**. Aprova Norma Técnica sobre Lesões por Esforços Repetitivos-LER ou Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho – DORT. Disponível em: <https://abrir.site/abbhv>. Acesso em: 01 ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acesso em: 12 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 2002b. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm) Acesso em: 15 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de tradutor, intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm). Acesso em: 15 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, 07 jul. 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm) Acesso em: 15 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, 04 ago. 2021. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/L14191.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14191.htm) Acesso em: 15 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023.** PL 5614/2020 – Senado Federal. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm) Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 9.382, de 2017.** Dispõe sobre o exercício profissional e condições de trabalho do profissional tradutor, guia-intérprete e intérprete de Libras, revogando a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3ba5NfJ>. Acesso em: 15 mar. 2024.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 5.614 de 2020.** Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, guia-intérprete e intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Disponível em: <https://bit.ly/3wo7csO>. Acesso em: 15 mar. 2024.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://abrir.site/jQhgk>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016.** Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://abrir.link/Hqlzk>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,

1995.

BRITO, M. D. O. *et al.* O Instrutor/Intérprete de Libras no Contexto Educacional: Desafios Linguísticos no Processo Tradutório. **Revista Psicologia & Saberes**, [S. l.], v. 8, n. 11, p. 109–126, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33333/ps.v8i11.975>. Acesso em: 27 nov. 2023.

CABELLO, J.; PEDROSA, L. A atuação de intérpretes de Libras na esfera comunitária: uma experiência de formação para o trabalho em equipe. **Revista Transmutare**, v. 7, 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr/article/view/15728> . Acesso em: 27 nov. 2023.

CABRÉ, M. T. **Terminology: Theory, Methods and Applications**. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

CAGLIARI, G. M. CAGLIARI, L. C. Fonética. *In*: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs). **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora, 2001. Disponível em: <https://abrir.site/mEJoZ>. Acesso em: 27 nov. 2023.

CAMPELLO, A. R. S. Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução/interpretação cultural e seu desafio. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 1, n. 33, p. 143–167, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2014v1n33p143>. Acesso em: 13 maio. 2024.

CAMPELLO, A. R. S.; LIRA, D. S.; ANDRADE, L. C. (orgs.) **O Tradutor e Intérprete de Libras: atuações e considerações**, p. 44, 2022. – Itapiranga : Schreibern, 2022. 202 p. : il. ; e-book. Disponível em: <https://abrir.site/kALLx.Ç> Acesso em: 29 jul. 2024.

CARDOSO, D. U. C. *et al.* **Tradução e interpretação da libras/língua portuguesa no ensino superior**: relatos de tradutores/intérpretes e alunos surdos. 2020.

CCORI, T. A. F. M. **A prosódia do filler este da língua espanhola**: leituras pragmáticas. 2018. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração Filologia e Língua Portuguesa. Disponível em: <https://abrir.site/TCbMp>. Acesso em: 27 nov. 2023.

COLLARD, C.; DEFRANCO, B. Predictors of ear-voice span, a corpus-based study with special reference to sex. **Perspectives: Studies in Translatology**, 2018, n. 27, v. 3, p.431-454. Disponível em: <https://hal.science/hal-03967958/document>. Acesso em: 12 jul. 2024.

COLLINS, H. M.; EVANS, R. **Repensando a expertise**. Belo Horizonte: Editora Fabreafactum. 2010. Disponível em: <https://abrir.site/ohdIF>. Acesso em: 27 nov. 2023.

COKELY, D. Shifting Positionality: A Critical Examination of the Turning Point in the Relationship of Interpreters and the Deaf Community. *In*: MARSCHARK, M.; *et al.* **Sign language interpreting and interpreter education directions for research and practice**. Oxford University Press, 2005. Disponível em: <https://abrir.site/hTbqd>. Acesso em: 12 jul. 2024.

CRESWELL, J. W. *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2014. Disponível em: <https://abrir.site/IUMPq>. Acesso em: 24 maio 2024.

DA SILVA, I. A. L. **Conhecimento experto em tradução**: aferição da durabilidade de tarefas tradutórias realizadas por sujeitos não-tradutores em condições empírico-experimentais. 2007. 248 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-797K7C>. Acesso em: 13 maio. 2024.

DA SILVA, I. A. L.; DIAS, L. G. **(Re)pensando a interpretação forense Português-Libras**. No prelo. Disponível em: <https://abrir.site/oVDKB>. Acesso em: 13 maio. 2024.

DA SILVA, I. A. L.; SILVEIRA, F. A. A expertise por interação como condicionante da competência do tradutor de textos técnicos e científicos. **Domínios de Linguagem**, v. 11, p. 1746-1763, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/DL32-v11n5a2017-19>. Acesso em: 27 nov. 2023.

DA SILVA, I. A. L.; SOARES, E. B.; ESQUEDA, M. D. Interpreting in a Religious Setting: An Exploratory Study of the Profile and Interpretive Process of Volunteer Interpreters. **Tradução em Revista**, v. 24, n. 1, p. 1-24, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34553/34553.PDF> Acesso em: 27 nov. 2023.

DA SILVA, I. A. L. An interactional expertise-based approach to specialized inverse translation. **Tradução em Revista**, v. 2023, n. 35, 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/40528/40528.PDF> Acesso em: 29 jul. 2024.

DA SILVA, J. E.; GONÇALVES, R. P. A.; SILVA, Y. R. O. Tinha um vírus no meio do Caminho: experiências de Tradutores e Intérpretes de Libras na Pandemia. In: CAMPELLO, A. R. S.; LIRA, D. S.; ANDRADE, L. C. (orgs.) **O Tradutor e Intérprete de Libras: atuações e considerações**, p. 44, 2022. – Itapiranga : Schreibern, 2022. 202 p. : il. ; e-book. Disponível em: <https://abrir.site/kALLx.Ç> Acesso em: 29 jul. 2024.

DIAS, L. G. **Interpretação forense Português-Libras**: (im)possibilidades no contexto jurídico. 2023. 150 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41483> Acesso em: 27 nov. 2023.

DINIZ, R. S. Entre a Espetacularização do Traduzir e a Coisificação do Intérprete de Libras/Portugues: apontamentos de uma realidade paralela. **Revista Espaço**, n. 53, p. 71-92, 2020. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/issue/view/140>. Acesso em: 27 nov. 2023.

DUEÑAS GONZÁLEZ, R.; VÁSQUEZ, V. F.; MIKKELSON, H. Fundamentals of court interpretation: theory, policy, and practice. **Durham**: Carol Academic Press, 1991. Disponível em: <https://abrir.site/MBqJA>. Acesso em: 27 nov. 2023.

ERICSSON, K. A. Interpreting Expertise: An Expert-Performance Perspective. **Interpreting**, v. 5, n. 2, p. 187-220, 2000. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/intp.5.2.08eri> Acesso em: 27 nov. 2023.

ERICSSON, K. Training History, deliberate practice and elite sports performance: an analysis in response to Tucker and Collins review – what makes champions? **British Journal of Sports Medicine**, v. 47, n. 9, p. 533-535, 2013. Disponível em: <https://bjsm.bmj.com/content/47/9/533.short> Acesso em: 29 jul. 2024.

FENEIS. **Que educação nós surdos queremos**. Documento 008561/1999 elaborado pela Comunidade Surda no V Congresso Latino de Educação Bilíngue. Porto Alegre: UFRGS, abril 1999. FRISHBERG, N. *Interpreting: An Introduction*. Silver Spring: RID, 1990. Disponível em: <https://abrir.site/AhpkQ>. Acesso em: 13 maio. 2024.

FERNANDES, E. B. C. “**Aqui é o lugar do surdo. E põe essa imagem mais pra lá**”: línguas, representações e territórios em práticas de letramento de uma Comunidade Surda em contexto religioso ouvinte. 2013. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188404>. Acesso em: 13 maio 2024.

FOLKMAN, Susan; LAZARUS, Richard S. Uma análise de enfrentamento em uma amostra de comunidade de meia-idade. **Journal of health and social behavior**, p. 219-239, 1980. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2136617> Acesso em: 13 jun. 2024.

FREITAS, O. R. **Manual prático de argumentação e oratória** [recurso eletrônico]. Brasília: IDP, 2019. 72 p. Disponível em: <https://abrir.site/Dckxd>. Acesso em: 29 jul. 2024.

GILE, D. Testing the Effort Models’ Tightrope Hypothesis in Simultaneous Interpreting – A Contribution. **HERMES**, v. 12, n. 23, p. 153-172, 1999/1991. Disponível em: <https://abrir.site/iIogY>. Acesso em: 13 maio. 2024.

GILE, Daniel. Avaliação de fidelidade em interpretação consecutiva: Um experimento. **Alvo. International Journal of Translation Studies**, v. 7, n. 1, p. 151-164, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/target.7.1.12gil>. Acesso em: 29 jul. 2024.

GILE, D. Le modele IDRC ‘Interprétation-Décisions-Ressources-Contraintes’ de la Traduction: une optique didactique. *In*: LAPLACE; COLETTE; LEDERER, M.; GILE, D. (eds). *La traduction et ses métiers: aspects théoriques et pratiques*. **Cahiers Champollion**, n. 12. Caen: Lettres Modernes Minard, p.73-86, 2009. Disponível em: <https://encurtador.com.br/doyN0>. Acesso em: 10 out. 2023.

GILE, D. **Conceitos e modelos básicos para treinamento de intérpretes e tradutores**. 2009. Disponível em: <https://www.torrossa.com/en/resources/an/5000993>. Acesso em: 29 jul. 2024.

GILE, D. Testando a hipótese da 'corda bamba' do modelo dos esforços na interpretação simultânea – uma contribuição. Florianópolis: **Cadernos de Tradução**, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p590>. Acesso em: 13 maio. 2024.

GILE, D. *et. al.* As táticas do intérprete de língua de sinais diante do vazio lexical: um estudo de caso. **Belas Infieis**, Brasília, Brasil, v. 8, n. 1, p. 279–299, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v8.n1.2019.22150>. Acesso em: 13 maio. 2024.

GILE, Daniel. Os modelos de esforço de interpretação como um constructo didático. **Avanços**

em estudos de tradução cognitiva , p. 139-160, 2021. Disponível em:  
[https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-981-16-2070-6\\_7](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-981-16-2070-6_7) Acesso em: 29 jul. 2024.

GONÇALVES, J. L. V. R.. **O desenvolvimento da competência do tradutor**: investigando o processo através de um estudo exploratório-experimental. 2003. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em:  
<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=62708> Acesso em: 13 de maio 2024.

GONÇALVES, C. G. O; PENTEADO, R. Z.; SILVÉRIO, K. C. A. Fonoaudiologia e saúde do trabalhador: a questão da saúde vocal do professor. **Saúde Rev.** 2005, n. 7, v. 15, p. 45-51.

GOULART, L. L. *et al.* **Políticas de tradução e de interpretação**: gêneros textuais como instrumento de apoio aos intérpretes de Libras-Português no Judiciário. 2020.

GRÀCIA GARCIA, Marta *et al.* Com ensenyem a parlar el nostre alumnat? Formació des de la metodologia conversacional. **Àmbits de psicopedagogia**, 2012, num. 36, p. 35-39, 2012. Disponível em: <https://ambitsaaf.cat/article/view/1241> Acesso em: 13 de maio 2024.

GUARINELLO, A. C. *et al.*. Qualidade de vida do profissional intérprete de língua de sinais. **Distúrbios da Comunicação**, [S. l.], v. 29, n. 3, p. 462–469, 2017. Disponível em:  
<https://doi.org/10.23925/2176-2724.2017v29i3p462-469>. Acesso em: 20 mar. 2024.

HURTADO-ALBIR, A. A aquisição da concorrência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. *In*: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (org.). **Competência em tradução**: cognição e discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2015. p. 19-57. Disponível em:  
<https://abrir.site/AakMH>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ISHAM, W. P. Signed Language Interpreting. *In*: BAKER, M. (org.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 45, 47. London; New York: Routledge, 1998. Disponível em: <https://abrir.site/QzqMg>. Acesso em: 12 abr. 2024.

JAKUBOVICZ, R. Psicomotricidade, deficiência da audição, atraso de linguagem simples e gagueira infantil: avaliação, diagnóstico e tratamento em fonoaudiologia. Rio de Janeiro: **Revinter**, 2002. 177 p. Disponível em: <https://abrir.site/LEBkz>. Acesso em: 12 abr. 2024.

KRAUSE, K. Políticas Públicas Para Surdos: Os Pontos Legais E Críticos na Acessibilidade. **V Seminário Internacional de Direitos Humanos e Democracia**. Disponível em:  
<https://abrir.site/EKEBg>. Acesso em: 20 set. 2023.

KOSLOWSKI, A. A linguagem religiosa, atos de fala e imagem. **Prometheus – Journal of Philosophy**, v. 11, p. 29, 2019. Disponível em:  
<https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/view/9268> Acesso em: 12 abr. 2024.

LACERDA, C. B. F.; GURGEL, T. M. A. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 17, p. 481-496, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382011000300009>. Acesso em: 12 abr. 2024.

LACERDA, C. B. F.; *et al.* Avaliação da compreensão em Libras por alunos surdos: uma proposta. **Revista Contemporânea de Educação**, n. 5, v. 34, p. 22-39, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.20500/rce.v15i34.32392>. Acesso em: 26 jul. 2024.

LEMOS, G. S. **Formação de tradutores de textos escritos em português para textos-vídeos em libras**: das teorias pedagógicas e didáticas da tradução à concepção de um curso de extensão no Instituto Nacional de Educação De Surdos (INES) 2023. 497 f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2023.

Disponível em:

<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/62985/62985.PDF> Acesso em: 26 jul. 2024.

LEESON, L. Making the effort in simultaneously interpreting. **Tópicos em Interpretação de Língua de Sinais**: Teoria e Prática, ed. por Terry Janzen. Amsterdã , 2005. p. 51-68.

Disponível em: <https://abrir.site/UxDRw>. Acesso em: 26 jul. 2024.

LISBOA, L. V. *et al.* Qualidade de Vida de Intérpretes de Língua de Sinais: uma revisão Sistemática. **Interfaces Científicas-Humanas e Sociais**, v. 9, n. 3, p. 510-523, 2022.

Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/8833>. Acesso em: 26 jul. 2024.

LISBOA, L. V.; SHIOZAWA, C. A. T. Dor e qualidade de vida de profissionais intérpretes de língua brasileira de sinais. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, v. 11, n. 1, 2019.

Disponível em: <https://abrir.site/XsBZi>. Acesso em: 20 set. 2023.

LOURENÇO, G. Investigando a produção de construções de interface sintático-gestual na interpretação simultânea intermodal. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 319-353, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p319>.

Acesso em: 20 set. 2023.

MACHADO, F. M. A. **Interpretação e tradução de libras/português dos conceitos abstratos crítico e autonomia**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/767> Acesso em:

29 jul. 2024.

MACHADO, F. M. A. **Formação e competências de tradutores e intérpretes de língua de sinais em interpretação simultânea de língua portuguesa-Libras**: estudo de caso em

Câmara de Deputados Federais. 2017. 283 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/3478> Acesso em: 20 mar. 2024.

MACHADO, F. M. A. **Conceitos Abstratos** – Escolhas Interpretativas de Português para Libras (2ª edição). 178. ed. Curitiba: Appris, 2017.

MACHADO, F. M. A.; MARTINS, T. A.; TUXI, P. (Org.) **Lexicologia, terminologia e línguas de sinais**: Um trilhar no universo dos estudos linguísticos e tradutórios. Anhangabaú, Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2022. v. 1. 224p.

MACHADO, F. M. A.; WANZELER, L. A.; PINHEIRO, R. G. Os desafios linguístico-cognitivos na tarefa da interpretação vocalizada da Libras para língua portuguesa no contexto educacional. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 15, n. 30, p. 99-119, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/cl.v15i30.35441>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MANKAUSKIENĖ, D. Classificação de gatilhos de problemas e suas aplicações para pesquisa empírica. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, v. 231, p. 143-148, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2016.09.083>. Acesso em: 29 jul. 2024.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (org.). **Colóquios sobre pesquisa em educação especial**. Londrina: Eduel, 2003. p. 1125. Disponível em: <https://abrir.site/wDkDB>. Acesso em: 20 set. 2023.

MARQUES, R. S. **In memoriam de Luis Taylor Siedler para flauta e piano (1992) de Oliveira**: colaboração compositor-intérprete em busca de decisões interpretativas. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/219190> Acesso em: 20 set. 2023.

MARQUES, R. R.; OLIVEIRA, J. S. O Fenômeno de Ser Intérprete. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. **Estudos Surdos IV**, p. 394-406. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009. Disponível em: <https://abrir.site/yhTiq> .Acesso em: 20 set. 2023.

MARQUES, R. S. **O Profissional Tradutor e Intérprete de Libras Educacional**: Desafios da Política de Formação Profissional. 2020. Disponível em: <https://abrir.site/TWGqT>. Acesso em: 20 set. 2023.

MIOTELLO, V.; PIMENTA, D. S. Falando de identidade pelo lado do avesso: a alteridade como eixo. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do discurso – GEGe. (Org.). **Pensares Bakhtinianos** – escritos impertinentes. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

MONTEIRO, M. S. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da LIBRAS no Brasil. **Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 292-305, 2006. Disponível em: <https://abrir.site/coBhE>. Acesso em: 20 set. 2023.

MORAIS, C. F. **The influence of Domain Knowledge on Simultaneous Interpreting Tasks Performed by Students**: An Exploratory Study of the Interpreting Process. 2018. 84 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Tradução) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21876>. Acesso em: 11 jun. 2023.

MORAIS, C. F.; DA SILVA, I. A. L. Simultaneous Interpreting Strategies across Brazilian Students. In: LINCOG, 4., 2022, Macau. **Anais...** Macau: Universidade Politécnica de Macau, 2022. p. 250-279. Disponível em: <https://abrir.site/wKiXU>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MORAIS, C. F.; DA SILVA, I. A. L. Interpretação simultânea e o uso de estratégias e táticas no par linguístico inglês-português brasileiro. **Letras & Letras**, v. 39, p. 1-23, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/LL63-v39-2023-07>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MOREIRA, R. L. **Uma descrição de Dêixis de Pessoa na língua de sinais brasileira**: pronomes pessoais e verbos indicadores. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://abrir.site/SeTXp>. Acesso em: 31 jul. 2024.

NASCIMENTO, V. Dimensão ergo-dialógica do trabalho do tradutor intérprete de Libras/Português: dramáticas do uso de si e debate de normas no ato interpretativo. **Revista**

**Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, p. 1121-1150, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-639820145604>. Acesso em: 31 jul. 2024.

NAKAGAWA, H. E. I. **Culturas surdas**: o que se vê, o que se ouve. Lisboa, 2012.

NETO, A. M. O.; DE ALBUQUERQUE, E. R. Jogos bilíngues como ferramenta didática para a prática do ensino de Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdos. **The ESpecialist**, v. 42, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2318-7115.2021v42i1a9>. Acesso em: 06 jun. 2023.

NEW WORLD TRANSLATION OF THE HOLY SCRIPTURES. Portuguese (Brazilian edition) 2015. **Rute**. Disponível em: <https://abrir.site/QFJTN>. Acesso em: 31 jul. 2024.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Assimetrias de direção na interpretação de língua falada e de sinais. **Bilinguismo: Linguagem e Cognição**, v. 16, n. 3, p. 624-636, 2013. Disponível em: <https://abrir.site/orkoZ>. Acesso em: 31 jul. 2024.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. 2016. 211 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167619>. Acesso em: 12 jan. 2024.

NOGUEIRA, T. C.; GESSER, A. “As pessoas não sabem o significado de apoio”: percepções e competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação libras-português em contexto de conferência. **Translation**, n. 15, 2018, p. 122-158. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v33i0p123-140>. Acesso em: 12 jan. 2024.

NOGUEIRA, T. C. Atividade de preparação para intérpretes de Libras-Português em conferências. In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. 1. ed., v. 5, Florianópolis, SC: Editora Insular, p. 331-348, 2020. Disponível em: <https://abrir.site/ZEkUN>. Acesso em: 29 jul. 2024.

NOGUEIRA, T. C. Interpretação de Conferências: percepção de intérpretes de Libras-português sobre a atuação em cabine. **Cadernos De Tradução**, 41(esp. 2), 128–162, 2021. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2021.e84563>. Acesso em: 12 jan. 2024.

OLIVEIRA, J. S. **Bacharelado em Letras-Libras**. Tradução comentada do Artigo “Espaço de Conforto Linguístico/Cultural dos Surdos na UFSC”, de Deonísio Schmitt. Disponível em: <https://abrir.site/XOGds>. Acesso em: 26 jul. 2024.

OLIVEIRA, S. G. T de.; MUNFORD, D. **Apropriação do discurso científico**: uma análise do uso da linguagem científica em atividades de ensino de Ciências com alunos da educação de jovens e adultos (EJA). Disponível em: <https://abrir.site/yAZcW>. Acesso em: 04 jun. 2023.

PAGURA, R. **A interpretação de conferências**: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *Delta*, São Paulo, v. 19, n. esp., p.203-236, 2003. Disponível em: <https://abrir.site/cDGsk>. Acesso em: 04 jun. 2023.

PARENTE, M. M.; FROM, D. A. Uma Releitura da Educação para Surdos, sob a Ótica do

Entorno Brevense. **Línguas & Letras**, v. 20, n. 48. 2016. Disponível em: <https://abrir.site/bqArI>. Acesso em: 04 jun. 2023.

PEIXOTO, J. A. **O conceito de sagrado em surdos congênitos: um estudo na língua brasileira de sinais**. 136f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4178>. Acesso em: 13 maio 2024.

PEREIRA, M. C. P. **Testes de Proficiência Linguística em Língua de Sinais: as possibilidades para os intérpretes de Libras**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2566>. Acesso em: 12 abr. 2024.

PEREIRA, M. C. P. Intérpretes de língua de sinais e a proficiência linguística em Libras: a visão dos potenciais avaliadores. **Tradução & Comunicação**, n. 20, v. 13, p. 181, 2010. Disponível em: <https://abrir.site/XOGds>. Acesso em: 27 jul. 2024.

PÖCHHACKER, F.; QUEIROZ, M. Conexões fundamentais: afinidade e convergência nos estudos da interpretação. **Scientia Traductionis**, n. 7, p. 61-75, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2010n7p61>. Acesso em: 12 abr. 2024.

PÖCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. London and New York: Routledge, 2004. Disponível em: <https://abrir.site/hiDBF>. Acesso em: 12 abr. 2024.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. Língua de sinais: instrumentos de avaliação. Porto Alegre, RS: **Artmed**, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2012v9n1p83>. Acesso em: 26 jul. 2024.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

RIT STUDY. **Sign Language Interpreters at High Ergonomic Risk** – Interpreting places greater stress on extremities than industrial activities. Rochester Institute of Technology, 2008. Disponível em: <http://www.rit.edu/news/story.php?id=46110>. Acesso em: 20 out. 2023.

RODRIGUES, C. H.; MEDEIROS, D. V. O Uso de Mouthing na Interpretação Simultânea para a Língua Brasileira de Sinais. In: **V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15. Disponível em: <https://www.congressotils.com.br/anais/2016/3604.pdf> Acesso em: 24 Jul. 2024.

RODRIGUES, C. H. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: desafios para formação de intérpretes de língua de sinais. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, 2., Florianópolis. **Anais**. p. 21. Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: Acesso em: 12 abr. 2024.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. 2013. 225. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9CXQ8L>

Acesso em: 20 out. 2023.

RODRIGUES, C. H. Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Translatio**, n. 15, p. 197-222, 2018. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/79144>. Acesso em: 20 out. 2023.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e Línguas de Sinais: A modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. 57, v. 1, p. 287-318, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318138651578353081>. Acesso em: 24 Jul. 2024.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: Sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 44, p. 111-129, Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1>. Acesso em: 24 Jul. 2024.

RODRIGUES, C. H. **Interpretação de conferência**. Disciplina de Laboratório de interpretação de Língua Portuguesa e Língua de Sinais Brasileira. Florianópolis: UFSC, 2020. Disponível em: <https://abrir.site/TJrJz>. Acesso em: 24 Jul. 2024.

RODRIGUES, A. A. **A atuação de intérpretes de Libras em cultos cristãos protestantes: práticas e desafios**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15384>. Acesso em: 24 Jul. 2024.

ROTHER-NEVES, R. **Características cognitivas e desempenho em tradução: investigação em tempo real**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9K2MFB>

Acesso em: 29 Jul. 2024.

SÁ, C. La língua escrita: ese esquivo objeto de la pedagogia. *In*: SKLIAR, C. (org.). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos: interface entre pedagogia e lingüística**. v. 2, Porto Alegre: Mediação, 1999.

SANTOS, G. R. *et al.* **A Preparação do Intérprete e sua Atuação na Pastoral dos Surdos de Curitiba**. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188598>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SANTOS, K. A. S. **O intérprete de Libras no contexto de conferência: reflexões sobre sua atuação**. 2016. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8322>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SANTOS, L. F. **O fazer do Intérprete Educacional: práticas, estratégias e criações**. (Tese). Doutorado em Educação Especial. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2930?show=full> Acesso em: 24 Jul. 2024

SANTOS, L. F.; LACERDA, C. B. F. Atuação do intérprete educacional: parceria com professores e autoria. **Cadernos de Tradução**, n. 2, p. 505-533, 2015. Disponível em: <https://abrir.site/RBYcW>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SCARDAMALIA, M.; BEREITER, C. Literate Expertise. In: ERICSSON, K. A.; SMITH, J. **Toward a General Theory Of Expertise**. Cambridge: CUP, 1991. p. 172-194. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/DL32-v11n5a2017-19>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SEEBER, K. Simultaneous interpreting. In: MIKKELSON, H.; JOURDENAIS, R. (ed.). **The Routledge Handbook of Interpreting**. London: Routledge, 2015. p. 79-95. Disponível em: <https://abrir.site/sojjQ>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SELESKOVITCH, D. **L'interprète dans les conférences internationales**. Paris: Minard, 1968.

SELESKOVITCH, D. Language and memory a study of note-taking in consecutive interpreting. In: PÖCHHACKER, F.; SHLESINGER, M. (Eds.). **The interpreting studies reader**. [s.l.] Routledge, 1975. p. 120–129.

SELESKOVITCH, D.; LEDERER, M. Interpréter pour traduire. *Babel. Revue internationale de la traduction*. **International Journal of Translation**, v. 31, n. 2, 1985. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/babel>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SILVA, L. B. **Inclusão de alunos surdos na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Moreira Soares**. 2011. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Especialização em Gestão Pública Municipal, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2011.

SILVA, C. A. A. Igreja Católica e surdez: território, associação e representação política. **Religião & Sociedade**, v. 32, p. 13-38, 2012. Disponível em: <https://abrir.site/NVqHB>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SILVA, R. A. **O ingresso e a formação acadêmica do sujeito surdo: singularidades, conquistas e desafios da educação inclusiva no espaço universitário**. 2019. 211f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2019. Disponível em: <http://bdtd.unifal-mg.edu.br:8080/handle/tede/1453>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SILVA, R. A.; DOS SANTOS, W. **Tradução e interpretação nos estudos surdos**. Indaial: UNIASSELVI, 2022. 298 p.; il.

STONE, C. **Toward a Deaf Translation Norm**. Washington: Gallaudet University Press, 2009. Disponível em: <https://abrir.site/hmxlO>. Acesso em: 09 jun. 2023.

STROBEL, K. **História da educação de surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <https://abrir.site/vSFby>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SURDA Comunidade. **A educação que nós surdos queremos**. Documento elaborado pela Comunidade Surda a partir do pré-congresso ao V Congresso latino-americano de Educação Bilingue para Surdos, realizado em Porto Alegre/RS, no salão de atos da reitoria da UFRGS, nos dias 20 a 24 de abril de 1999. Disponível em: <https://abrir.site/qrbdi>. Acesso em: 20 mar. 2024.

TASSARA, V.; RODRIGUES, C. H.; FONSECA, N. B. L. Efeitos De Modalidade Na Interpretação Intermodal De Fábulas No Par Linguístico Libras-Português: Recorte de uma pesquisa empírico-experimental. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 12, n. 32, p. 127–143, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/39042>. Acesso em: 27 jul. 2024.

WOODCOCK, K.; FISCHER, S. L. **Occupational Health and Safety for Sign Language Interpreters**. Toronto ON: Ryerson University, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/download/30098/23904> Acesso em: 20 mar. 2024.

VIANA, L. M. G. **Gatilhos de problema e seus efeitos na interpretação simultânea de Libras para português [manuscrito]**: um estudo sobre informações numéricas e datilológicas. 2022. 1 recurso online (132 f.). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45625> Acesso em: 20 mar. 2024.

## APÊNDICE A: FORMULÁRIO DAS ENTREVISTAS

\* Indica uma pergunta obrigatória

\*1 – Você pode me fornecer um resumo geral do que foi pensado e interpretado?

\*2 – Como você leu os termos técnicos ou específicos do campo de conhecimento em questão?

\*3 – Houve alguma parte da interpretação em que você teve dificuldades?

\*4 – Você conseguiu captar o tom e as nuances emocionais da comunicação? Se sim, como você se expressou em Libras?

\*5 – Houve algum momento em que você precisou fazer escolhas interpretativas para tornar a mensagem mais clara?

\*6 – Você sentiu que teve tempo suficiente para se preparar antes da interpretação? Isso afetou a qualidade do seu trabalho de alguma forma?

\*7 – Você teve que fazer alguma pesquisa adicional para se preparar para essa interpretação em particular?

\*8 – Algum *feedback* ou sugestões para interpretações futuras com você?

\*9 – Durante estas atuações você quis ou se colocou em algum desafio específico que gostaria de discutir?

\*10 – Por favor, compartilhe quaisquer comentários adicionais, sugestões ou preocupações que você possa ter sobre a pesquisa ou a atividade da qual foi submetido: